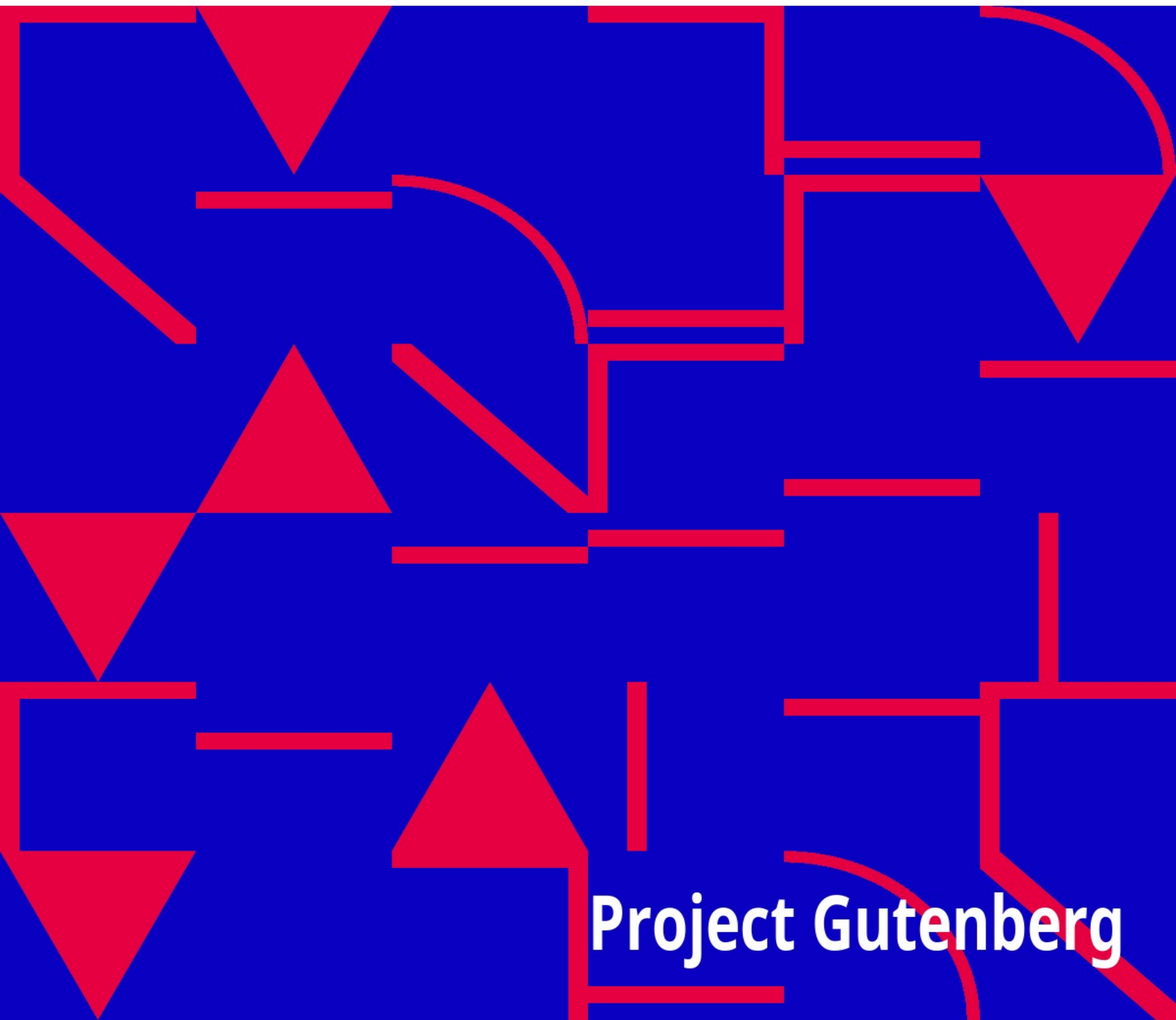


Os Primeiros Amores de Bocage

José da Silva Mendes Leal

The background of the lower half of the image is a solid blue field. Overlaid on this is a complex, abstract pattern of bright red geometric shapes. These shapes include various line segments, some straight and some curved, as well as triangles and other polygons. The pattern is dense and non-repeating, creating a modern, graphic design. The text 'Project Gutenberg' is positioned in the bottom right corner, partially overlapping the blue background and the red pattern.

Project Gutenberg

The Project Gutenberg eBook of Os Primeiros Amores de Bocage

This ebook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this ebook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

Title: Os Primeiros Amores de Bocage

Author: José da Silva Mendes Leal

Release date: March 2, 2007 [eBook #20725]

Most recently updated: January 1, 2021

Language: Portuguese

Credits: Produced by Ricardo F. Diogo, Rita Farinha and the Online Distributed Proofreading Team at <http://www.pgdp.net>

*** START OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK OS
PRIMEIROS AMORES DE BOCAGE ***

Produced by Ricardo F. Diogo, Rita Farinha and the Online

Distributed Proofreading Team at <https://www.pgdp.net>

OS PRIMEIROS AMORES DE BOCAGE

COMEDIA EM CINCO ACTOS

POR

JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL

**(REPRESENTADA PELA PRIMEIRA VEZ NO THEATRO DE D. MARIA II EM 7
DE JUNHO DE 1865)**

LISBOA TYPOGRAPHIA UNIVERSAL MDCCCLXV

INTRODUÇÃO

Tentando traçar os primeiros lineamentos característicos de um grande poeta, esboço a que serve de moldura uma época ainda pouco estudada, desejou ao mesmo tempo o auctor compendiar n'esta peça os tres principaes generos de comedia—a comedia de enredo, a comedia de caracteres, a comedia de costumes.

Dizendo-se que é uma comedia, bem se depreheende que não se coadunam com as suas condições os lances violentos, que só pertencem ao drama. Desejando-se que em tudo sahisse de feição portugueza, evidente se torna que não podia entrar no seu quadro o expediente de inverosimeis situações, que o theatro francez offerece com trivial abundancia.

Não é porém a comedia uma biographia. Não podia apparecer n'ella inteira a vida do poeta, com todas as modificações que os annos successivamente exercem nos espiritos. Por isso não tem por titulo *Bocage*, senão *Os primeiros amores de Bocage*; como para dizer—a aurora d'esse homem—um homem igualmente singular pela indole e pelo ingenho.

Aquelle homem, com effeito, encheu do seu nome o fim de um seculo e o principio de outro. Era elle essencialmente o homem do futuro. A morbida inquietação, progressivamente aggravada até ao desvario, vinha-lhe naturalmente do estreito ambito de idéas em que o seu talento se asphixiava!

Para bem o comprehender cumpre ler-lhe attentamente a anciosa poesia, e logo depois fixar a meditação e os olhos nas paredes negras da Inquisição, em seu tempo erguidas ainda, e ainda ameaçadoras!

Surgindo entre duas sociedades, uma que o instincto lhe adivinhava, outra que em torno d'elle se alluia, foi a sua existencia um indeciso protesto e uma turbida agonia. Os desvios dos annos ultteriores, precipitando-o tão cedo na sepultura, fizeram-se o triste refugio de uma actividade intellectual, convulsa de febre, comprimida de fóra, não bem conscia de si. Os seus ultimos desregramentos apparecem-nos hoje como as valvulas perigosas por onde se derramou, e brevemente se exauriu, a exuberancia d'aquella alma

«...—que sedenta em si não coube!»

A comedia, tomando o poeta nos primeiros annos e nas generosas paixões da mocidade, mede-lhe a grandeza do vulto pela grandeza dos impulsos, dá aos seus mesmos defeitos a explicação elevada e nobre que só se póde ter por verdadeira em tão alto e claro espirito, mas deixa sempre entrever o germe fatal das futuras aberrações.

Equivocar-se-ia de todo quem unicamente o quizesse ver segundo a tradição que ficou do derradeiro periodo da sua vida,

transmittindo-se pela bocca dos que só então o conheceram e chegaram aos nossos dias. O versista das trovas ao Chrispiniano, á Estanqueira do Loreto, e ao Antão Broega, o vate plebeu dos sonetos ao Galina e aos novos árcades, não exclue o admiravel poeta de *Leandro e Hero*, de *Areneu e Argira*, do *Tritão* e das Epistolas. A propria mobilidade do seu talento duplica, multiplica as variantes d'um character, cujo principal distinctivo era a excessiva impressionabilidade.

Na comedia, Bocage mostra-se pelas duas faces essenciaes. Está n'isso a verdade: o contrario seria grave erro de observação. Ninguém se apresenta nas salas como na rua. Quando não houvesse esta distincção natural, que é de todos os tempos, bastaria o que a respeito d'elle escreveu o viajante Beckford, (que o tratou no tempo em que frequentava a casa dos Marialvas) para tornar evidente como o fogoso mancebo, apesar das suas singularidades, não podia ter ao despontar da vida desaprendido o que recebera da educação paterna, que recordava com desvanecimento da origem como provam alguns dos seus versos.

Releu cuidadosamente o auctor os preciosos trabalhos dos srs. Castilhos, Rebello da Silva, e Innocencio ácerca de Bocage; compulsou os documentos respectivos ao poeta com tanta meudeza, que teve a fortuna de poder rectificar a data da sua nomeação de guarda marinha para Goa, que não é a de 1782 como se lê na biographia que precede a ultima edição, mas a de 31 de janeiro de 1786, como authenticamente se vê no proprio documento official conservado nos archivos do ministerio da marinha; procurou sobre tudo o segredo d'aquelle complexo character nos seis volumes que encerram a collecção completa dos seus poemas, collecção

inteirada pela illustrada solitudine e zelo incansavel do nosso primeiro bibliographo, o já citado sr. Innocencio.

A variada feição da indole e talento de Bocage, o seu advento, e os lances principaes da sua vida, alli com effeito se retratam.

Aos 8 annos improvisava uma quadra, que não poderia ter chegado até nós se não fosse logo repetida por apreciada, concluindo-se d'ahi que não póde parecer prematura reputação a que elle goza já aos 19:

Fui ver a procissão a S. Francisco,
A quem o vulgo chama da cidade,
E supposto o apertão, foi raridade
Que indo eu em carne não viesse em cisco.

Logo no primeiro soneto da collecção exclama:

Incultas producções *da mocidade*
Exponho a vossos olhos, oh leitores;
Vede-as com magoa, vede-as com piedade,
Que ellas buscam piedade e não louvores;

Ponderae da Fortuna a variedade
Nos meus *suspiros, lagrimas e amores*;
Notae dos males seus a immensidade,
A curta duração dos seus favores;

E se entre *versos mil de sentimento*
Encontrardes alguns, *cuja apparencia*
Indique festival contentamento,

Crede, oh mortaes, que foram com violencia
Escriptos pela mão do Fingimento,
Cantados pela voz da Dependencia.

Ninguém dirá, em presença d'esta dolorosa confissão, que lhe eram estranhos os grandes affectos e os grandes pezares expressos na mais alta e culta lingua; ninguém poderá persistir em considerá-lo exclusivamente homem de botequins e oiteiros, incapaz de outras aspirações e outras praticas; ninguém em summa presumirá conhecê-lo melhor do que elle a si se conhecia.

O soneto 99.º do Livro I attesta como n'esse privilegiado ingenho se revelou cedo a vocação, que cedo tambem o fez presado:

Das faixas infantis despido apenas
Sentia o sacro fogo arder na mente.

Se o testemunho d'elle não bastasse, removeria quaesquer duvidas o de
Philinto quando lhe escrevia:

Lendo os teus versos, numeroso Elmano,
E o não vulgar conceito, e a feliz phrase,
Disse entre mim: «Depõe, Philinto, a lyra
Já velha, já cançada,
Que *este mancebo* vem tomar-te os louros.»

Manifesto é pois que a fama não esperou muito para apregoar o nome de Bocage, e apregoal-o por voz tão auctorizada como esta, a que o moço poeta respondia n'um rapto de entusiasmo em que se está revelando quanto o lisongeava tal suffragio:

Fadou-me o gran Philinto, um vate, um nume!
Zoilos, tremei! Posteridade, és minha!

O retrato physico de Bocage acha-se, além de outro inferior, no soneto 22.º do Livro IV:

Magro, de olhos azues, carão moreno,
Bem servido de pés, *meão* na altura.

O nome que mais frequentemente apparece nas suas queixas amorosas, indicando uma preocupação e predilecção pouco vulgar em homem tão variavel, e consequentemente certificando que fôra aquelle o seu mais intenso affecto, é justamente o nome de Gertruria. Enlevos, desconfiança, zelos, saudades, presagios, alternam-se em impetuosos arrebatamentos e sentidos desaffogos nos sonetos 13.º, 18.º, 23.º, 37.º e 57.º do Livro I, e Gertruria é o objecto d'estas persistentes recordações. Os sonetos 17.º e 20.º provam que, indo em viagem, é ainda esta a memoria que lhe enche o espirito. O soneto 58.º é uma despedida a Gertruria na occasião de partir para a India. O soneto 47.º chora a ausencia da patria e de Gertruria. Finalmente o 83.º, com o respectivo mote, é o que o Bocage da comedia no segundo acto improvisa sem mudança de uma virgula, e serve nas mãos astutas do commendador, por intermedio do officioso mestre Amancio, para dar no 3.º acto motivo aos temporarios arrufos entre a supposta afillhada de D. Filicia e o filho de Manuel Simões.

Já portanto se vê que, só desconhecendo-se totalmente as obras do poeta, se poderiam julgar destoantes do seu character estes amores, estes versos, e a feição d'elles, pois que ahi se encontra, n'aquelle periodo da sua vida, uma parte da sua propria individualidade com o que é mais d'ella, ou antes no que é mais ella!

Seria facil multiplicar infinitamente as citações das poesias que authenticam, digamos assim, o character e a expressão que lhe deu o auctor. Para que? Seria um estudo demasiadamente longo e prolixo; seria peor, seria pôr em duvida a licção e criterio dos leitores.

Poderia crer-se apenas um freguez do Izidro e do Nicola o poeta que ao partir para Goa soltava esta enternecida e magnifica despedida?

Amigos, patria minha, e lar paterno
Penates a quem rendo um culto interno!
Lacrimosos parentes
Qu'inda na ausencia me estareis presentes,
Adeus! Um vivo ardor de nome e fama
A nova região me atrae, me chama.

Não diz elle as suas arrojadas esperanças e secretas penas
n'este quarteto tão cheio?

Camões! grande Camões! quão similhante
Acho teu fado ao meu quando os cotejo!
Egual sorte nos fez, perdido o Tejo,
Arrostar co'o sacrilego gigante!

Não deixa entrever, n'est'outro mavioso trecho, a par d'aquelles
grandiosos sonhos, a dôr mysteriosa que o impelle e o acompanha?

Eu parto; e vou teu nome repetindo Por que dê desafogo á magoa
dura; Meus tristes ais, suspiros de amargura *Áquem dos mares*
ficarás ouvindo!

De tudo isto se compõe o Bocage da comedia!

Em torno d'elle, concorrendo a uma acção fundada nos costumes do paiz e da época, grupam-se os typos que mais visivelmente representam os sentimentos e tendencias coevas. De um lado as antigas tradições, *ainda* na sua grave pureza. De outro lado a degeneração variada, *já* mixturando os elementos d'onde surgirá a necessaria transformação. De um lado o marquez de Marialva, D. Maria Joanna, Gonçalo Mendo; do outro D. Felicia, o Commendador, o Morgado. Ao fundo a burguezia nascente, isto é, Manuel Simões e seu filho,—o proprio Manuel Simões concebido e desenhado por Garrett na *Sobrinha do Marquez*—quanto possivel guardado e acatado como se guardam e acatam as tellas dos mestres—e só passageiramente retocado com uma leve tintura de ambição, indispensavel para indicar a progressão dos tempos, e os futuros destinos de tal classe. Ao redor do todo, o povo em algumas physionomias rapidamente esboçadas. Ao longe, como horisonte melancholico, uma idéa do são e austero lar provinciano, com seus longes dos costumes patriarchaes e fragueiros que lhe eram usual apanagio.

Eis aqui resumido todo o pensamento e toda a economia da composição, que depois de experimentar a fortuna do palco, vae agora experimentar a fortuna da imprensa—duas temerosas experiencias.

Expondo assim o conjuncto do designio, cujas multiplicadas difficuldades calculou, não procura o auctor antecipar as desculpas, mas unicamente assentar as responsabilidades.

Se logrou o seu proposito não o dirá elle; decidil-o-ha o publico!

O singular favor com que foi acolhido este ensaio n'um genero pouco cultivado no nosso theatro, impõe ao auctor o gratissimo dever de exprimir aqui (vedando-lhe o respeito outra menção) o seu profundo reconhecimento para com o publico, indulgente e attento, que em todos os seus tentames o tem acompanhado como um amigo fiel, ora animando-o com o estímulo do applauso, ora advertindo-o com a benevolencia do conselho, e que, de certo apreciando a obra mais pela intenção que pela valia, recompensou os seus esforços por modo tal que lhe ficará indelevel memoria.

Á imprensa agradece tambem a benignidade com que até aqui o tem honrado.

Á direcção do theatro normal testemunha quanto o penhorou a solicita cooperação que n'ella encontrou.

Seja-lhe finalmente permittido certificar á graciosa actriz, que fez com a estreia da peça o seu beneficio, a sua inteira satisfação pela maneira verdadeiramente distincta com que interpretou o seu variado papel e lhe venceu as numerosas difficuldades, sendo a maior ter ao lado uma artista tão conscienciosa e completa como a sr.[^]a Delfina, que do esboço senhorilmente comico de D. Felicia tirou uma das suas mais acabadas creações.

Se a estas, pela primasia devida ao sexo, menciona o auctor em primeiro logar, nem por isso esquece que deve equal agradecimento aos mais actores, do primeiro até ao ultimo, tendo achado n'elles tamanho zelo, que, mesmo graduando-os pela ordem dos meritos bem conhecidos, não poderia especialisar um sem offender a boa vontade de todos.

A comedia *Os primeiros amores de Bocage*, se Deus der vida ao auctor, será o introito de uma trilogia, que se destina a abranger o mais notavel da vida do poeta, e dos curiosos periodos coetaneos da historia patria, até aos ultimos momentos d'elle em dezembro de 1805.

Junho 12—1865.

ADVERTENCIA

Além dos córtes, effectuados antes da representação, que vão designados com cômmas no impresso, a experiencia mostrou a necessidade de novas reducções. Como estas reducções tiveram logar depois de completa já a impressão dos respectivos actos, vão ellas aqui notadas para facilitar a execução da peça em quaesquer theatros.

ACTO II

SCENA II

Desde as palavras «estava de pedra e cal que se tinha já livrado» (exclusivè) até começar a phrase: «dizem que ha ahi uma tal senhora morgada, etc.» supprime-se tudo.

E depois, igual suppressão desde as palavras: «se não póde chegar a um rosicler de pedras» (exclusivè) até ao fim da scena.

SCENA IV

Suppressão desde as palavras: «elle só bastára para dar a immortalidade ao nome portuguez» (exclusivè) até onde Bocage diz: «ouça-me tambem, sr. Gonçalo Mendo».

ACTO III

SCENA X

Supressão desde que o Commendador pergunta: «resolveu casar com sua prima quanto antes?» (exclusivè) até prender onde o mesmo Commendador diz: «chegue-se para aqui. Sente-se. Vamos ao que importa, etc.»

Á phrase de Gonçalo Mendo, na scena 2.^a do 5.^o acto: «disse-me que ia a Setubal despedir-se *dos paes*», phrase que por facil inadvertencia escapou na composição e revisão, cumpre substituir est'outra: «disse-me que ia a Setubal despedir-se do pae.»

A mãe do poeta não existia já havia nove annos.

PERSONAGENS

O Marquez de Marialva, 72 annos Sr. *Rosa*

Manuel Simões, mercador, 69 annos Sr. *Theodorico*

Gonçalo Mendo de Sendim, da casa de Mendel, tenente de dragões de Campo

Maior, 33 annos Sr. *Tasso*

Manuel Maria Barbosa Hedoís de Bocage, cadete do regimento de Setubal, 19 annos Sr. *Santos*

Bartholomeu Tojo, morgado da Gesteira, 44 annos Sr. *Cezar*

Sebastião de Brito Louzellos, commendador de S. Marcos de Monsarás, 52 annos Sr. *Izidoro*

Francisco Pedro Simões, filho do Manuel Simões, 26 annos Sr. *Coelho*

Um Transeunte Sr. *Corrêa*

Zé da Moita, guarda de montado, 30 annos Sr. *Pinto*

Luiz Manuel, escudeiro, 65 annos Sr. *Moreira*

D. Maria Joanna Galvão Lobo, morgada de Valmoreno, Fresnos e Carregueiros, 23 annos Sr.^a *E. Adelaide*

D. Felicia Moutoso de Cerqueira, morgada da Torre da Palma, 48 annos

Sr.^a *Delfina*

Maria Gertrudes, sua afilhada, 20 annos Sr.^a *Marianna*

Tia Paschoa do Espirito Santo Sr.^a *Maxima*

Tia Vigencia da Purificação Sr.^a *C. Emilia*

Uma Palmilhadeira. Sr.^a *Maria das Dores*

Compadre Theotonio Alves Sr. *Marcolino*

Compadre Amancio Pires Sr. *Sargedas*

1.^o { Sr. *Amaro* 2.^o } POETAS { Sr. *Polla* 3.^o } { Sr. *Soller*

1.^o { Sr. *Vencancio* } MANCEBOS { 2.^o } { Sr. *Christiano*

O alcaide do bairro do Rogio Sr. *J. Antonio*

O tabelião

Um cavalheiro

O Almeirão }

} Picadores

O Gaeta }

Um cego, pregoeiro de impressos Sr. *Farruja*

Um Volantim

Um penitente

Um escudeiro do Marquez.—O mouro do Marquez.—O escudeiro de D.

Felicia.—Povo.—Convidados.—Damas.—Ronda do Alcaide—Criados, etc.

1785 a 1786

O COMMENDADOR (*atrás de D. Maria Joanna, do mesmo modo*)

Bem... bem diz Xenophonte!... Nem eu sei o que diz! (*Deixa-se ir meio desfalecido sobre outra cadeira á entrada da porta do F.*)

(*Silencio geral. Cada um dos tres personagens procura resfolegar e reanimar-se.*)

D. MARIA JOANNA (*como tornando a si.*) (*Para os dois*)

Que foi isto?... Como foi isto?...

MORGADO

Pois não sentiu?—Um tiro... tropel de cavallos...

D. MARIA JOANNA

E desapareceu tudo!... E deixaram-me só!... (*meio reprehensiva*)
E o primo a fugir!

MORGADO (*levantando-se*)

Fugir eu, minha prima!... (*Formalisado.*) Fugir!... Seria a primeira vez.

D. MARIA JOANNA (*recobrando gradualmente o bom humor*)

Pois para a primeira não o fazia mal.

MORGADO

Avistei esta casaria... Corria para aqui... para me fazer forte... para nos fazermos fortes!

D. MARIA JOANNA

Mas corria diante... E eu corri tambem... corri que nem eu sei... corri devéras para o poder seguir... E até o commendador correu... Não correu, commendador?

COMMENDADOR (*gravemente*)

Affirmam boas auctoridades que muitas vezes é prudencia o correr... *Pedibus celer*, diz Virgilio com louvor.

D. MARIA JOANNA (*sorrindo*)

Já está mais em si, o commendador... Já não falla como toda a gente.

MORGADO (*com extrema volubilidade, que é o seu natural*)

Mas, prima, que havia de fazer um homem só, n'aquelle descampado, contra tanta gente!... Agora que venham. Dez, doze, vinte que sejam...

D. MARIA JOANNA (*erguendo-se como escutando*)

Espere...

MORGADO (*assustado*)

Que é?

COMMENDADOR (*idem, levantando-se e approximando-se á D.*)

Que é?

D. MARIA JOANNA (*Applicando o ouvido, aos dois que se lhe reúnem em grupo turbado*)

Não ouvem?

COMMENDADOR

Tropear de cavallos!...

MORGADO (*inquieto e interrogando as saídas com os olhos*)

Não ter aqui a minha espada!...

D. MARIA JOANNA (*com leve ironia*)

Perdeu-a?

MORGADO (*mais inquieto*)

Não sei como foi... (*dirigindo-se apressadamente a uma porta lateral*)

Vou procurar uma arma.

D. MARIA JOANNA (*com terror dirigindo-se a outra*)

Chame gente, primo.

COMMENDADOR (*que ficára escutando*)

Vem subindo alguém! (*encaminhando-se desorientado á outra*).

(*No momento em que os tres aterrados procuram debalde atinar com os fechos das portas a que se dirigem, apparece ao F. Gonçalo Mendo*)

SCENA II

OS MESMOS e GONÇALO MENDO

GONÇALO

Da parte d'el-rei... nem mais um passo.

COMMENDADOR (*apegando-se á umbreira*)

Ai!

MORGADO (*idem*)

Jesus!

D. MARIA JOANNA

Desmaiava... se tivesse onde.

GONÇALO

Ninguém tente fugir ou esconder-se. Da parte d'el-rei está preso tudo.

MORGADO (*esperançado, comsigo, e ainda voltado para a porta*)

Da parte d'el-rei!

D. MARIA JOANNA (*do mesmo modo*)

Havia de jurar que me não é desconhecida esta voz.

COMMENDADOR (*voltando dissimuladamente o rosto, e procurando reconhecer*)

Da parte d'el-rei!... Então...

GONÇALO (*adiantando-se*)

Vamos... Toda a resistencia seria inutil...

D. MARIA JOANNA, MORGADO e COMMENDADOR

(*voltando-se simultaneamente*)

O sr. Gonçalo Mendo!

GONÇALO (*attonito*)

Que é isto! (*afirmando-se e reconhecendo-os*) Na verdade não sei se acredite... A sr.^a D. Maria Joanna Galvão!... O sr. morgado da Gésteira!... O sr. commendador Louzellos!... E eu que pensava colher um bando de salteadores!... (*a D. Maria Joanna sorrindo*) Não são os salteadores?

D. MARIA JOANNA (*recobrando a jovialidade*)

Somos os assaltados. Respondo-lhe por elles.—Agora diga-me antes de tudo. Que aventura é esta? Como veio aqui? Onde estamos? Diga. Foi terrivel o susto, mas ainda é maior a curiosidade.

GONÇALO

Responderei logo; perguntarei primeiro. Estes senhores pódem auxiliar as explicações, e eu completo o meu dever. Vinham de jornada e foram atacados alli em baixo, na estrada, ao fundo do valle, entre a ribeira d'Aviz e o azinhal grande?

COMMENDADOR (*no seu character habitual de prolixa gravidade*)

Fomos. Tínhamos jantado em Portalegre, onde mais nos detivemos do que devíamos. E não foi por eu não repetir ao morgado, com a auctoridade de Cicero: «nos negocios graves são perigosas as demoras.» Jornadas, em boa razão, são graves negocios.

MORGADO (*no seu character de costumada loquacidade*)

A que proposito vinha o tal Cicero, ou o que é, quando eu tinha conseguido pôr na meza á prima, em Portalegre... em Portalegre, como se estivessemos na côrte!... tudo por diligencias minhas, tudo com receitas minhas!... uma ôlha á castelhana, um prato de gallinhas de alfitete, outro de coelho á Fernão de Sousa, outro de arteletes de vitella, outro de coroa real de folhado francez, sem contar as miudezas... Em jornada nem princezas teriam melhor, hade confessar, sr. Gonçalo Mendo... Não, que se não fôra a minha consummada pratica n'estas coisas...

D. MARIA JOANNA

Estavamos ha uma hora em Monforte... e provavelmente não nos tinha succedido o que nos succedeu.

MORGADO (*desconsolado*)

Ah! prima!

GONÇALO (*a D. Maria Joanna*)

Não me queixarei eu do succedido. (*Aos homens.*) Vamos ao caso...

COMMENDADOR

Era já ao pôr do sol e estavamos quasi ao meio do azinhal, a sr.[^]a D. Maria Joanna com a sua aia n'uma liteira, nós dois e dois criados, todos a cavallo, um pouco atrás uma azemola com as bagagens mais leves, e um moço de pé...

MORGADO

Bagagens leves!... Leves serão, mas preciosas!... Mil coisas necessarias!... Uma bateria de cosinha de viagem como não ha outra ainda em Lisboa... completa... completa... Fômas, facas, espatulas, agulhas, passadores... Nem na uxaria de Salvaterra!... E tudo precaução minha para commodidade da prima, tudo...

GONÇALO (*interrompendo*)

Vamos ao caso... vamos ao caso, commendador.

COMMENDADOR

A meio do azinhal, pouco mais ou menos, onde a estrada faz um cotovelo e se aperta entre os montes, damos de rosto com uns poucos de homens armados...

MORGADO

Poucos!... Quinze eram pelo menos... vinte talvez... vinte de certo, se não eram mais...

GONÇALO (*atalhando impaciente*)

O numero pouco importa.

MORGADO (*protestando*)

Importa pouco! Para o valor o numero...

COMMENDADOR

O numero não é indiferente... Por não ser indiferente se distinguiu em singular e plural... Basta ver o que a respeito do numero escreveu Prisciano Cesariense... mas n'este caso...

D. MARIA JOANNA

N'este caso, continuo eu... ou não se acaba.—Parámos. O morgado e o commendador vinham ainda um pouco distantes, penso. Os homens fazem menção de nos cercar a liteira. A minha aia desmaia.

Os liteiros fogem pelo azinhal, e creio que os criados também. Emfim achei-me não sei como a pé na estrada. N'isto o commendador caiu...

COMMENDADOR

Dei de esporas para acudir, e tropeçou-me o cavallo...

D. MARIA JOANNA

Muito a tempo.

MORGADO (*que espreitava a ocasião, apoderando-se da palavra*)

No meio d'estes apuros, conservo toda a presença d'espírito... deito á carreira, faço parada firme, ponho pé em terra n'um relance, com todos os preceitos... os tres tempos velozes em meio circulo seguido... levanto o commendador que estava tolhido pela sella... não indago mais... a pé mesmo levo da espada, e caio como um raio sobre a malta... Ah! que se tenho tempo! Duas voltas, um cambiamento, treta sobre treta, talho e revez, e ensinava-lhes o que é o morgado da Gésteira com a espada na mão!... A prima veria... Por seu respeito!... Veria... Não digo mais!

D. MARIA JOANNA

Veria... estou certa. Mas não vi. Foi pena. Apagou-se o raio antes de fulminar!

GONÇALO (*a D. Maria Joanna*)

Depois?

D. MARIA JOANNA

Depois... nem eu sei bem... ouviu-se um galope... um tiro, creio...
O morgado diz que foi um tiro...

MORGADO

Foi... Por signal, com o estrondo os nossos cavallos, que tinhamos
deixado soltos na estrada, fugiram á desfilada...

D. MARIA JOANNA

Dando exemplo aos cavalleiros. Fugiram os cavallos, fugiram os
salteadores... se eram salteadores... já tinha fugido o
commendador, fugiu o primo, e eu, que estava desatinada,
confesso, vendo-o fugir... segui-o. Debandada geral... Não se ria,
sr. Gonçalo Mendo... Segui-o, é verdade, a correr, a bom correr, eu
mesma, por essas ladeiras acima, por entre o matto... E tive
folego!... Veja que forças dá o terror, e como eguala as condições!...
Por fim viemos dar todos aqui. Póde explicar-me o enigma?

MORGADO

Tive a imprudencia de não trazer armas de fogo. Estava apeado,
não esperava dois ataques ao mesmo tempo... Mettido assim entre

os salteadores que nos esperavam, e o outro bando que atirou sobre nós... Senti assobiar a bala aos ouvidos.

GONÇALO

Admira. Disparei para o ar.

MORGADO (*surpreso*)

Disparou!

D. MARIA JOANNA

Então o outro bando era o sr. Gonçalo Mendo!

GONÇALO

Eu mesmo. Voltava de Marvão, com duas ordenanças do meu regimento, em direcção a Monforte. Ao descer a encosta avistei um ajuntamento na estrada... Não podia distinguir bem, porque estava distante ainda, e já começava a escurecer o valle com a sombra do arvoredos... Metti a galope, e desconfiei que era ataque a passageiros. Disparei então uma das pistolas para dar aviso de socorro, e prevenir alguma ousadia maior. Não esperava tão grande resultado. N'um instante desapareceu tudo... menos a liteira e a sua aia, minha senhora!

D. MARIA JOANNA

Jesus! é verdade! A minha pobre Anna Maria! Que é feito d'ella?...
Com o sobresalto, com tudo isto, quasi me tinha já esquecido.

GONÇALO

Tornou a si... Acompanha-a um dos meus dragões... Vem ahi já.
Nem pode acreditar ainda, que esteja viva.

D. MARIA JOANNA

E os ladrões, os criados, os liteireiros...

GONÇALO

Dos ladrões, nem vestigios... Parece que se abriu a terra com
elles...

MORGADO (*que escutava attentamente, comsigo*)

Ainda bem!

GONÇALO (*fitando-o*)

Como?

MORGADO

Nada, nada... Explica-se tudo perfeitamente. Ainda bem, dizia eu.
Ainda bem que se explica, está visto.

GONÇALO

Os liteireiros e os criados... deixei a outra ordenança incumbida de procural-os, e esses de certo não hão de estar longe.

D. MARIA JOANNA

E como veio aqui ter, tanto a proposito?

(Vae carregando a noite)

GONÇALO

Porque vi que se acoitavam n'esta casaria alguns vultos... e por...
(mais baixo) por destino talvez!

D. MARIA JOANNA *(idem, motejando)*

Como ha dois annos?

GONÇALO *(gravemente e com ardor)*

Como sempre!

D. MARIA JOANNA *(afastando a conversação)*

Mas a final, onde estamos? Que havemos de fazer?

GONÇALO

Em primeiro logar... procurar luz. É noite quasi. Sr. Morgado da Gésteira, a casa tem ares de habitada. Se quizesse...

MORGADO

Pois não. Eu chamo. (*Successivamente e a intervallos, ás portas da D.*)

Olé! Oh!... ó de casa. Venha alguém? Está aqui o morgado da Gésteira!...

Está uma senhora!... Gente de bem, tudo!... (*Silencio absoluto.*)

Nem

viv'alma!

GONÇALO

Estarão longe...

COMMENDADOR

É singular!

D. MARIA JOANNA (*inquieta*)

Será a propria guarida dos salteadores!

GONÇALO

Tem-se visto, mas não é provavel... Vamos, sr. morgado. Veja se acha uma luz. Bem reconhece que não posso ir eu. Está aqui uma

dama, e agora, como militar, respondo pela sua segurança.

MORGADO (*irresoluto*)

Assim é, mas... (*sem se atrever a ir*) Commendador, mais vêm dois do que um.

COMMENDADOR

«Não é a luz dos olhos a que mais vê», como diz...

GONÇALO (*instando*)

Então! Cada vez se faz mais escuro, e não sabemos onde estamos.

MORGADO (*resolvendo-se*)

Vamos, commendador, antes que seja noite de todo! Por aqui... (*indo á E.*) Uma varanda... (*indo á D.*) d'este lado um corredor... Vamos a ver.

(*Saem os dois pela 1.ª porta da D.*)

SCENA III

GONÇALO, e D. MARIA JOANNA

(*Longo silencio como se receiassem quebral-o*)

D. MARIA JOANNA

Sr. Gonçalo Mendo, é ainda submisso como d'antes jurava?

GONÇALO

Nunca faltei a nenhum juramento.

D. MARIA JOANNA

Tornamos a vêr-nos em circumstancias extraordinarias... n'um ermo a bem dizer... entre sombras e mysterios... Não lhe permitto uma palavra de galanteio ás escuras... Estão entre nós...

GONÇALO (*gravemente*)

Estão tres seculos de honra... está a espada de um soldado.— Faz-me a injuria de suppôr necessario advertir-m'o?

D. MARIA JOANNA

Não. Desculpe. É ainda do sobresalto! Desculpe. Conversemos.— Estava bem longe de me encontrar, não? E assim, e aqui muito menos?

GONÇALO

Só adivinhando. Suppunha-a ainda em Paris.

D. MARIA JOANNA

Volto de lá. Um mez de jornada, faça idéa! Se não posso aturar o mar!

GONÇALO

Um mez!... Entre o commendador e o morgado?

D. MARIA JOANNA

O commendador...

GONÇALO

Uma reminiscencia das academias do sr. D. João V... a quem Deus perdôe...

D. MARIA JOANNA

Ao sr. D. João V?

GONÇALO

Não, minha senhora, ás academias.

D. MARIA JOANNA

O morgado...

GONÇALO

A casca dos antepassados... que não teve.

D. MARIA JOANNA

Já vejo que os conhece a fundo.

GONÇALO (*ponderando dolorosamente*)

Um mez em tal companhia!... A fadiga do caminho é nada ao pé d'isso.

D. MARIA JOANNA

Um mez com o commendador, que o meu contra-parente D. Vicente de Sousa Coutinho incumbiu de acompanhar-me, attendendo á sua idade, e que empreheendeu render-me á força de erudições... um dia com o morgado, que encontrei em Porto de Espada, e que foi esperar-me á raia, não sei se por sua conta, se por ordem de minha tia D. Felicia, a quem escrevi de Paris.

GONÇALO

Ao menos foi só meio supplicio no mez!

D. MARIA JOANNA

Ai! o dia do morgado tem valido bem o mez do commendador. Imagine. È um nunca acabar de proezas em cavallaria, em...

esgrima, em altanaria, em monteria e em... gastronomia, como se diz em França. Com o pretexto de um parentesco... de que eu não tinha noticia... quer-me captivar pelas artes como o commendador pela sciencia.

GONÇALO

Concluo d'ahi que tenho n'elles dois... dois... Como direi?...

D. MARIA JOANNA

Rivaes. Póde dizer. Não tem risco.

GONÇALO

Em summa, requestam-n'a ambos!

D. MARIA JOANNA

O commendador dêz que partimos de Paris... O morgado dêz que nos saiu ao encontro na fronteira...

GONÇALO

Complicando o galanteio... ambulante.

D. MARIA JOANNA

Pelo contrario: simplificando-o. Distraem-se mutuamente, e deixam-me respirar. Dois são menos perigosos que um.

GONÇALO

E tres?

D. MARIA JOANNA

Menos perigosos que dois. Já lhe esqueceu o promettido? (*Pausa.*) Ambos pertendem a minha mão, é verdade... porque n'esta mão, com ser pequena, cabe a herança de tres casas.

GONÇALO (*simplesmente*)

Não me lembrava!

O MORGADO (*fóra*)

Prima! Prima!

D. MARIA JOANNA

Ouve? Temos temporal de palavras.

SCENA IV

OS DITOS, MORGADO e COMMENDADOR

(Ambos com luzes—Clarea de novo a scena)

MORGADO

Prima. Achámos luz.

GONÇALO

Não é difficil verificá-lo.

MORGADO

E não só achámos luz, fizemos um grande descobrimento. *(Vão pôr as luzes no bufete.)*

D. MARIA JOANNA

Não foi o novo mundo?

MORGADO

Não foi o novo mundo. Foi um mundo antigo... um canto d'elle... muito seu conhecido... A prima mal se podia lembrar. Não o vê de pequenina... E eu mesmo... Se não venho por aqui ha bons quinze annos!...

D. MARIA JOANNA

Vamos, acabe. Encontrou gente?

MORGADO

Gente! Ninguém. Um deserto.—Quer saber onde estamos?

D. MARIA JOANNA

Porque não começou por ahí? Não vê que estou morta de impaciencia?

MORGADO

Deus me livre de a molestar na minima coisa, prima. Quizera antes... brigar commigo! Bem sabe que para lhe evitar um dissabor... uma sombra d'elle, um... (*Gesto de impaciencia de D. Maria Joanna.*) Já vou, prima. Lá vae.—Quer saber onde estamos? Estamos no paço da Torre da Palma!

D. MARIA JOANNA

Em casa de minha tia D. Felicia?

MORGADO

No seu proprio solar. Não ignorava que era para estes sitios, mas deram nova direcção á estrada, e lá em baixo não me occorreu... Depois, quando entrámos, com o lusco-fusco...

D. MARIA JOANNA (*maliciosa*)

Com a perturbação...

MORGADO

Nem reparei sequer. Agora, entrando por ahi dentro, quiz-me parecer que me não era estranho o corredor... tópo uma escada, e dá-me ares de conhecida... desço, entro n'uma casa lageada, e cada vez se me afigura mais familiar o piso... Procuro, acho vélas, accendo, ólho em redor... Era a cosinha... foi um raio de luz...

GONÇALO (*sorrindo*)

Pudéra! Na cozinha!

MORGADO

Tantas vezes jantei n'esta casa!... Fui eu que dei as receitas de fartes e de manjar real á Dorothéa!... Foi alli que ensinei o Fernandes velho a fazer perdizes de gigote, quando vinha caçar com seu tio capitão mór...

D. MARIA JOANNA

Memoraveis recordações!... Admira como não reconheceu logo a casa.

MORGADO (*machinalmente*)

Com a perturbação... (*emendando-se*) com o escuro, quero dizer... E era tão novo ainda n'aquelle tempo!—Não se lembra de seu tio João, de Carregueiros? Parece-me estar vendo ainda o sr. capitão mór, João Alvares Lobo, sempre sisudo, e sempre triste...

triste como a noite!... Tudo por quê? Por não deixar filho varão para herdeiro, (a *D. Maria Joanna*) e por causa da paixão de sua tia D. Felicia pelos donaires... Nunca se viram dois genios mais oppostos... Elle todo monteador e fragueiro; ella toda côrte e mimos!... Teimava o capitão-mór em eternizar, na Torre da Palma, os costumes do tempo em que era castello fronteiro a casa. A sr.^a morgada D. Felicia não tinha senão um fito... ser açafata no Paço.

D. MARIA JOANNA

E já é?

GONÇALO

Espera ainda ser. Ha treze annos que espera.

MORGADO

Na filha unica via o capitão-mór a continuação provavel da indole de sua mulher, e a ruina dos proprios intentos.

D. MARIA JOANNA

Tenho idéa de ouvir dizer que por isso se apartaram.

MORGADO

Por isso, certamente. Foi ella viver na côrte como desejava. Elle deixou-se ficar, não consentindo que sua tia levasse a filha...

provavelmente para a criar a seu modo... Ficou pois... Mas como ficou!... Esta casa um ermo, elle uma sombra.—Levou-o mais cedo á sepultura aquelle desgosto!

D. MARIA JOANNA

E a pequenina?

MORGADO

Tinha dezoito mezes apenas. Tratava d'ella aqui a Joaquina Simôa, filha de um matteiro de Carregueiros, que havia dois annos casára com o Luiz Manuel, o escudeiro da Torre da Palma... A creança morreu, e seu tio pouco mais durou... Ha bons quinze annos isto... dezeseis talvez!

D. MARIA JOANNA

E dezeseite porque não? Apezar de mais moço, meu pae havia casado muito antes de meu tio João. Tinha eu os meus seis annos feitos por esse tempo, e lembra-me bem de ouvir contar. Foi por morte do tio João e da filha herdeira, que as casas de Fresnos e Carregueiros passaram para meu pae, na qualidade de immediato successor. Não é isto?

MORGADO

É. Vivia ainda seu irmão Nuno Alvares, quando morreu o capitão-mór. Ao menos acabou persuadido de que as terras dos seus iam a herdeiro varão, como tanto desejava.

D. MARIA JOANNA

Deus tinha disposto d'outro modo. Meu irmão Nuno morreu ainda menino também.—O morgado não é menos forte em genealogias... patrimoniaes... do que em esgrima, e no resto.—Minha tia D. Felicia nunca mais voltou aqui? Fui cedo para Lisboa, casei aos quinze annos, e parti logo com meu marido para a embaixada de Vienna d'Austria, onde elle era secretario. Desejo informações.

MORGADO

Sua prima? Não voltou. A côrte é o seu encanto, e esta casa só lhe lembrava desgostos. Haverá dez annos mandou ir para a sua companhia a pequena da Simôa, que é sua afillhada. Tem o mesmo nome que tinha a filha, e nasceu pelo mesmo tempo... Recordações... saudades provavelmente.

D. MARIA JOANNA

E a Joaquina Simôa? E o Luiz Manuel? Tenho ainda uns longes d'elles.

MORGADO

Ficaram por feitores da casa.

D. MARIA JOANNA

E não apparecem, essas reliquias de outro tempo?... Procure-m'as, commendador... procure-as morgado... Ah!... *(como achando uma*

idéa) Estarão ellas encantadas? Querem vêr que estão!...
Desencantem-m'as.

MORGADO

Se não mudaram os costumes, foram ao terço a Vayamonte, e não tardam.

D. MARIA JOANNA

Sabemos onde estamos, e estamos em morada da familia... Não é pouco, mas não é tudo. Agora que fazemos? Monforte fica ainda longe?

GONÇALO

Meia legoa, o muito.

D. MARIA JOANNA

Não me fio n'estas meias legoas.—Visto que nos podemos julgar a salvo... (*a Gonçalo.*) Podemos?

GONÇALO

Sempre o julguei.

D. MARIA JOANNA

Acho-me um pouco moída das carreiras que dei atrás do morgado; e não sei se é do susto, se do ar, se da jornada, sinto uma fraqueza que... que está solicitando com empenho a intervenção e o socorro da famosa ucharia... (*para o morgado*) Não seria ocasião de experimentar alguma das receitas?... Qualquer coisa.

MORGADO

Preveni tudo... Vem tudo nas bagagens, muito bem acondicionado... Servir-lhe-hei duas ades estilladas, frias, que são um primor, e um queijo de presunto, que verá... sem contar um prato de broas d'ovos que tinha de reserva.

D. MARIA JOANNA

Ouviu já fallar no supplicio de Tantalo, morgado?

COMMENDADOR

Tantalo, rei da Lydia, filho de Jupiter e de Plotis.

MORGADO (*sériamente*)

Não conheço o sujeito, mas tratarei de fazer o seu conhecimento, se é pessoa de bem.

D. MARIA JOANNA

Não é preciso.—Tantalo ardia em sede, e fugia-lhe a agua que via proxima; devorava-o a fome, e retiravam-se d'elle os fructos que tinha á vista... Assim estamos nós... Tão boas coisas nas bagagens, e as bagagens por montes e valles!

GONÇALO (*que parecia escutar*)

Perdoe! (*Continua a applicar o ouvido.*)

D. MARIA JOANNA

Novidade?

GONÇALO (*saindo precipitadamente*)

Volto já.

SCENA V

OS DITOS *menos* GONÇALO

D. MARIA JOANNA

Mais inquietações ainda!

COMMENDADOR (*turbado*)

Não agoiro nada bom... Ouço rumor se me não engano...

MORGADO

Não tem a gente um momento de socego. (*comsigo*) Dar-se-ha caso que devéras... (*alto*) Isto está como nunca... Anda tudo minado de malfeitores!

COMMENDADOR (*com o ouvido attento*)

Que ha rumor lá fóra, ha!

D. MARIA JOANNA

Assim é que me tranquillizam!

SCENA VI

OS DITOS e GONÇALO

D. MARIA JOANNA (*assustada*)

Que foi?

GONÇALO

São as suas bagagens. Não é caso de consternar, creio.

D. MARIA JOANNA (*meio enleuada ainda*)

De certo não.

GONÇALO

Teve alguma coisa?

D. MARIA JOANNA

Não tive...—Tive... tive os terrores chronicos do morgado e do commendador.

MORGADO (*protestando*)

Terrores! Cuidados pela prima.

D. MARIA JOANNA (*aos dois*)

Hão de acabar por me tornar convulsa.

GONÇALO

Chegou a sua aia, voltaram os liteireiros, e appareceu o criado do sr. morgado. Não falta senão o do sr. commendador.

COMMENDADOR

Esse não me dá cuidado. É dos sitios.

GONÇALO

Tantalo tem férias?

D. MARIA JOANNA

Tem.—A minha Anna Maria?

GONÇALO

Entrou para os quartos inferiores.

D. MARIA JOANNA

Já agora aqui pernoitamos, commendador!

COMMENDADOR

É o mais prudente, se o sr. Gonçalo Mendo nos assegura...

GONÇALO

Basta que esteja em Monforte de madrugada. Eu e as minhas ordenanças ficamos de guarda a esta casa.

D. MARIA JOANNA

O Luiz Manuel não póde tardar. Sempre ha de haver modo de não ficarmos peor do que em Monforte.

MORGADO

Ha, pois não... Hade haver onde a prima se accommode como cumpre. Nós...

GONÇALO

Nós em qualquer parte e de qualquer maneira.

MORGADO

Como homens de guerra.

D. MARIA JOANNA

Que poeira trago... reparo agora!—Commendador... minha prima havia de ter um quarto de tocar... Quer dizer à Anna Maria que suba e procure.

COMMENDADOR

Procurarei eu mesmo (*galanteando*). Pretende Tibullo...

D. MARIA JOANNA (*atalhando*)

Ai! o morgado que faz que não vae acudir ás ades... ás ades...
Como é?

MORGADO

Estilladas, prima, estilladas... Vou. Já vou. Deus me livre de entregar coisas d'estas a lacaios nem mochillas... Vou no mesmo instante.

COMMENDADOR (*indo para sair pela D., e mirando desconfiado Gonçalo Mendo*)

Dar-se-ha caso que...—Póde lá ser...—Um soldado!

MORGADO (*idem, á porta do F.*)

Querem vêr que...—Ora... um filho segundo!

SCENA VII

D. MARIA JOANNA e GONÇALO

D. MARIA JOANNA (*que tem ido sentar se na cadeira junto ao bufete, acompanhada de Gonçalo, que fica de pé*)

Não está cansado, sr. Gonçalo Mendo?

GONÇALO

De quê?

D. MARIA JOANNA

Estou eu... creio que estou.

GONÇALO

Com um mez de jornadas!...

D. MARIA JOANNA

Não é das jornadas.

GONÇALO

Será dos companheiros?

D. MARIA JOANNA

Será.—Continuemos a conversar em quanto elles não veem, os companheiros.

GONÇALO

A respeito de quê?

D. MARIA JOANNA

Do que lhe parecer.

GONÇALO

Sem restricção?

D. MARIA JOANNA (*indicando*)

Agora temos luzes.—Diga-me alguma coisa de Lisboa. Hade estar informado.

GONÇALO

Sahi de lá ha quinze dias, e volto antes de oito. Vim á provincia em commissão apenas. Estou ás ordens do conde de Aveiras.

D. MARIA JOANNA (*distrahidamente*)

Que se faz? que se diz?

GONÇALO (*encostando-se-lhe ao espaldar da cadeira*)

Hade-se dizer em breve que possui Lisboa a perola das formosas e discretas... que já Paris admirava, e agora fica invejando.

D. MARIA JOANNA

Cumprimentos!

GONÇALO

Bem sei que a enfadam já por continuados.—Cumprimentos não, prophecias.

D. MARIA JOANNA

É moço para propheta... e ninguem o é na sua terra.

GONÇALO

O que se faz?... Deixe-me vêr... *(como recordando-se)* Não se faz nada.

D. MARIA JOANNA

Pois nada?

GONÇALO

O mesmo sempre.—A rainha, minha sr.[^]a, vae a Salvaterra, e sae ás suas devoções. De tempos em tempos opera em Queluz. Fóra d'isso a nau de viagem de anno a anno, e... e acabou-se. É assim depois que morreu o marquez de Pombal. Ao principio ainda se entretinham em ter medo d'elle, mesmo depois de desterrado. Agora até essa distracção falta.

D. MARIA JOANNA

Ai! sr. Gonçalo Mendo, desculpe. Está ali uma cadeira convidando-o... e ahi um lugar a esperal-o. *(Indica o lado opposto do bufete. Gonçalo vae buscar a cadeira, e senta-se no ponto designado.)* Não lhe parece que estaremos melhor?—São ainda moda os abadeçados?

GONÇALO

Uma vez por outra. Agora estão em voga as assembléas.—Como lhe hade parecer tudo isto semsabor!

D. MARIA JOANNA (*séριamente*)

Engana-se. Sempre são ares nossos. Não sabe que me trazem saudades?

GONÇALO (*com intenção*)

De...?

D. MARIA JOANNA (*accentuando*)

Da patria.

GONÇALO

E sentimento digno de tal dama. Mas depois sempre se hade lembrar d'esse
Paris, que era já tão seu.

D. MARIA JOANNA

O Paris que viu ha dois annos vae de dia para dia degenerando...
Os requebros são curtidos em philosophia... as canções tem um
sabor de finanças... Que distracção para damas!...

GONÇALO

Amortalharam então a galanteria franceza com a Dubarry?

D. MARIA JOANNA

Que está dizendo! Seria leval-a de caixão á cova. A galanteria sobrevive; mas agora tem por figurino a sensibilidade... e anda de braço dado com uma coisa nova, que veio ha pouco de Inglaterra, e que se chama... (*recordando-se*) chama-se?... (*occorrendo-lhe*) philantropia. Sabe o que é?

GONÇALO

Um nome que trescalla a grego. Hade sabel-o o commendador.—
Acredita na sensibilidade de figurino?

D MARIA JOANNA

Não; nem na philantropia de apparato.

GONÇALO

N'isso se occupam agora os francezes!... Substituíram isso aos madrigaes?... Pois não ganharam na troca. Estou tentado a preferir-lhes as nossas formalidades ronceiras... a nossa rustiquez e lhaneza... Por fim de contas, são coisas de casa... e muito de bom tem algumas.

D. MARIA JOANNA

Prefiro-as eu. Por isso vim.

GONÇALO

E bem haja que veio! (*admirando-a*) Vem, ainda mais formosa do que era ha dois annos, quando fui levar officios de gabinete á embaixada de Paris... Lembra-se?

D. MARIA JOANNA

Tinha-se levantado o cerco de Gibraltar!

GONÇALO

Só isso lhe lembra?... Vem prendada de todos os primores do espirito, de todas as graças da beleza, e não consente...

D. MARIA JOANNA (*detendo-lhe a palavra com o gesto*)

Escute! Cuidei que era já o commendador... Quer ver se o commendador com effeito achou o quarto?...

GONÇALO (*Ergue-se vivamente. Pausa. Contemplando-a.*)

É cruel! (*Nova pausa. Com visivel despeito.*) Vou procurar o commendador. (*Encaminha-se á D.*)

D. MARIA JOANNA (*levantando-se como por effeito de reflexão*)

Não. Espere. O commendador era capaz de pensar que não posso passar cinco minutos sem a sua presença.

GONÇALO (*voltando esperançado*)

Dispensa-a então... por óra?

D. MARIA JOANNA

Por mais um instante. (*Vae sentar-se no canapé.*)

GONÇALO (*defronte, de costas para o bufete, fitando-a*)

Porque me obriga a dissimular commigo mesmo? Porque me força a estes colloquios frivolos? É isto para nós? Não sabe que só a bocca lhe responde, porque tenho a alma e o sentido n'outra coisa?

D. MARIA JOANNA (*depois de pausa*)

Tem razão. É-lhe absolutamente indispensavel fallar-me do que já me disse ha dois annos em Paris? Pois fallemos... Fallemos.—Dei-lhe então esperanças?

GONÇALO

Nenhumas, é verdade.

D. MARIA JOANNA

Dei-as a quem?

GONÇALO

Rodeam-n'a as homenagens como a soberana... é agradável. Sorri a todos... mas fica a todos insensível... também sei!

D. MARIA JOANNA

Insensível!... Uma pedra, porque não?... Um gelo dos Alpes, vamos... Diga, diga... Se não o diz, pensa-o.—Somos insensíveis para estes senhores, nós outras, quando não nos declaramos humildemente rendidas apenas se dignam dar-nos um signal de preferencia... Nascemos para seu desenfado... «Sorri a todos»!... Vejam! Uma causa crime, completa só n'esta phrase: «sorri a todos»! Olhem o attentado! Queriam que chorássemos sempre? Queriam que os chorássemos!... E quando choramos... Nem eu digo!—Sentenciado a pena ultima, o nosso sorriso. Sentenciado porquê?... Não sabem que nas mulheres o sorriso anda perto das lagrimas!... Deixem-nos ao menos esse raio de luz entre chuviros... como o sol de inverno.

GONÇALO

Poderia responder-lhe que mais commodo do que ter amor é deixar-se amar... Mas não digo... não me queixo... nada peço. Está na sua mão não preferir ninguem?... Não o está impedir que lhe queiram... mesmo sem esperanza. Porque não serei eu d'esses?

D. MARIA JOANNA

O sr. Gonçalo Mendo!...—Sente-se ahi. Vamos, sente-se. Quero confessal-o.

GONÇALO

E dá-me a penitencia antecipada!

D. MARIA JOANNA

Verei depois a que merece... segundo o arrependimento.

GONÇALO (*com esperança, fazendo menção de ajoelhar*)

As culpas dizem-se de joelhos.

D. MARIA JOANNA (*vivamente*)

Sente-se. Os culpados começam por obedecer. Isso. Vamos a saber: (*solememente*) é verdade que por ocasião da sua ida a Paris desafiou em Versailles um capitão dos guardas francezes, e o deixou tres mezes de cama com uma estocada?

GONÇALO

É verdade. Foi para lhe provar que as parisienses não eram as primeiras entre todas as damas, como elle pertendia.

D. MARIA JOANNA

E porque não seriam?

GONÇALO

Tinha cá as minhas razões.

D. MARIA JOANNA

Boas razões haviam de ser. Como se estiveramos ainda no tempo dos
Magriços!

GONÇALO

Os Magriços em Portugal são de todos os tempos.

D. MARIA JOANNA

É verdade que o anno passado, quando se festejou o casamento do sr. infante D. João com a sr.^a infanta D. Carlota, n'uma corrida de touros no paço da Murteira, saiu ao terreiro de espada na mão, e a pé, sem mais capa nem defesa, chamou a si o animal furioso, e matou-o de um golpe, só para que elle não pozesse os pés n'um lenço, que da varanda havia caído a uma dama?

GONÇALO

É verdade. A dama tinha sessenta annos.

D. MARIA JOANNA (*incredula e motejando*)

Sessenta annos!

GONÇALO

Mas chamava-se D. Mencia Jorge, e o lenço tinha bordado um *M* e um *J*... as suas iniciaes.

D. MARIA JOANNA (*lisonjeada*)

Ah! (*Pausa.*) Mais...

GONÇALO

Mais ainda? Devo agradecer a curiosidade, que se informou... ou a informou... com tanta miudeza a meu respeito?

D. MARIA JOANNA

Deve responder.—É verdade que um dia, amotinando-se o regimento de Meklemburgo... servia então lá... o tenente-coronel... um allemão, creio... ficou só, ameaçado dos soldados enfurecidos? É verdade que unicamente um alferes se atreveu a collocar-se ao lado do commandante, com tal resolução e bizzarria, que o exemplo envergonhou os sublevados, e a firmeza do official salvou a vida ao tenente-coronel?

GONÇALO

É verdade. O alferes cumpriu o seu dever, nada mais.

D. MARIA JOANNA

Mas dizem que n'esse dever lhe serviram de estímulo os olhos azues da irmã do tenente-coronel. Será assim?

GONÇALO

É. Foi. Ha quantos annos?

D. MARIA JOANNA

Eu sei!...

GONÇALO

Ha seis. (*a D Maria Joanna.*) Não a conhecia ainda.

D. MARIA JOANNA

Ahi está... «Não a conhecia ainda!» O estribilho costumado. É como todos.

GONÇALO

Pouco mais ou menos. Se imagina uma especie differente... Sou um simples mortal, confesso humildemente.

D. MARIA JOANNA

É... é todo verduras e temeridades... Por uns olhos affrontar um regimento!... Por uma palavra provocar os melhores espadas de

França!... Por um lenço arriscar-se a ficar nas armas de uma fera!...
Póde lá dispôr da sua mão, um homem assim?... Para trazer
sempre a mulher em vespas de viuvez!

GONÇALO (*encantado*)

Oh! se isso fosse uma esperança!

D. MARIA JOANNA

Deus me defenda.—Quando me começavam a florir os annos,
casaram-me com um homem... que já ia desfolhando os seus.
Deixei patria e familia aos dezoito. Achei-me viuva aos vinte.
Acolhendo-me a casa de minha prima, na nossa embaixada em
Paris, senti sinceramente a falta do companheiro e protector. Mas
d'esta alliança... da primavera com o inverno... podem ter-me ficado
memorias que me façam desejar novo captiveiro?

GONÇALO

Não o captiveiro, mas a compensação.

D. MARIA JOANNA

Quem m'a assegura?

GONÇALO

Quem? A constancia.

D. MARIA JOANNA

Que diria a isso a allemã?

GONÇALO

Ama-se devéras uma só vez. Quer-me crer? Amo-a assim eu. Digo-lh'o singelamente, chãmente, cá de dentro, á moda da minha provincia, como um verdadeiro transmontano.... Deixe-me desabafar. Esta vez, e acabou-se.—Não sei que pense, não sei se espere... Unicamente sei que não posso deixar de...

D. MARIA JOANNA

la repetir.

GONÇALO

Tem razão. Para quê?

D. MARIA JOANNA

Interrompe a confissão?

GONÇALO

Visto que me não absolve... (*interrogando D. Maria com os olhos; silencio d'esta.*) Vou ter com o commendador.

D. MARIA JOANNA (*que deitára os olhos para dentro debruçando-se no canapè*)

Não é preciso; elle ahi vem.

SCENA VIII

OS DITOS e o COMMENDADOR

D. MARIA JOANNA

Então achou?

COMMENDADOR

Está remediado. Não é um *boudoir*, como lá diziamos em França, mas póde passar. Eu mesmo ajudei a pôr tudo em ordem.

D. MARIA JOANNA

O sr. Gonçalo Mendo permite?

GONÇALO (*inclinando-se*)

Minha senhora!

D. MARIA JOANNA

Escuso dizer-lhe que ceia comnosco... Desculpa de certo o incommodo que lhe tenho dado, e preciso agradecer-lhe a companhia que me tem feito. *(ao commendador)* Ha luzes no corredor?

COMMENDADOR *(galanteando)*

Tudo prevenido, como quem sabe o que n'estes pontos convém. Marcial, que tão bem conheceu os gyneceus de Roma, dá a respeito dos adornos femininos informações preciosas.—Acompanho-a?

D. MARIA JOANNA *(relanceando os olhos a Gonçalo)*

Obrigada. *(ao commendador)* Quer ir ver se descarregaram as bagagens, e mandar-me ao quarto as minhas malas?

GONÇALO *(vendo o commendador hesitar)*

Aproveito a ocasião para fazer accommodar as ordenanças.

(Gonçalo dirige-se ao fundo. D. Maria Joanna á D. O morgado apparece á porta d'entrada do F.)

SCENA IX

OS DITOS e o MORGADO

MORGADO *(ainda fóra da porta, mas á vista do espectador, como reparando e fallando para dentro)*

Levantem o animal... Puxa-lhe a arreata, Jacintho... Tirem-lhe o resto da carga... Fortes alarves!... (*Entra.*)

D. MARIA JOANNA (*que parou á porta da D.*)

Que mais temos, sr. morgado?

GONÇALO

Deixaram deitar-se a azemola... Um instante que eu falte!... Mas não tem duvida já... Arrecadaram-se os comestiveis. (*voltando ao F. a observar*) Lá está a mula a espojar-se... Levantem-n'a, levantem-n'a.

D. MARIA JOANNA

Commendador, as minhas malas! Acuda ás minhas malas! Cá as vou esperar, e não tardo. (*Sae pela D.*)

SCENA X

OS DITOS *menos* D. MARIA JOANNA

COMMENDADOR (*ao morgado*)

Sr. morgado, as malas?

MORGADO (*a Gonçalo*)

Sr. tenente, as malas?

GONÇALO

Cada qual no seu officio! (*Sae.*)

SCENA XI

OS DITOS *menos* GONÇALO

MORGADO

Então, commendador, as malas da prima. Eu não posso servir para tudo!

COMMENDADOR (*tomando o seu partido*)

Bem dizia Socrates, atheniense, «que a mulher é como o altar»: nunca está bastante ornada (*para sahir*) E com razão a definia o famoso Julio Cesar Scaligero, de Verona... (*Sae.*)

MORGADO (*seguindo-o*)

Muito melhor canta o nosso rifão «com a mulher e o dinheiro, não zombes companheiro.»

SCENA XII

MORGADO *só (voltando)*

Bem te percebo, meu feixe de maximas velhas e sentenças occas!... Bom signal é que de mim te receies... Pressentes que te foge a presa... E não ha 48 horas ainda!... O que fará d'aqui a dias... Pudéra! semelhante deposito de latins e de catarros, ao pé d'um homem da minha tempera, moço ainda, bem posto, prendado e cavalleiro!... *(esfregando as mãos)* Está certa, Bartholomeu Tojo, morgado da Gésteira... está caida. Pódes ir encommendando sege á boleia... Sege de côrte e sege de campo!... A fallar a verdade vem a tempo... era tempo. lam-se já os últimos torrões! *(esfregando as mãos)* O que é ter artes e astucias!...

SCENA XIII

MORGADO e ZÉ DA MOITA

ZÉ *(deitando a cabeça pela porta da E. em voz baixa e cauteloso)*

Sr. morgado... Pschiu!... eh! sr. morgado!

MORGADO *(assustado)*

Que é? *(voltando-se e dando por elle)* Tu, homen! *(inquieto)* Que queres?

Zé *(entrando)*

Está só?

MORGADO

Não vês? Vae-te, que póde vir gente. Como vieste aqui parar?

ZÉ

Ê sê as trilhas de cór e salteado. Vinha em sua *précura*.

MORGADO

Porquê? Para quê?

ZÉ

Ê que lá a rapaziada está levada de quantos démos ha. O Manuel da Brazia, o Domingos Picanço, o Chico d'Alter, o João Gallego, o Timotheo d'Alcaraviça... aquillo é todos á uma.

MORGADO

Deixou-se apanhar algum?

ZÉ

Q'a! Bem alma tinham para isso os cavallarias, que não sabem caminho nem *carrêra*. A gente *mettemo-nos* pelo azinhal dentro... pés para que te quero... Fossem lá pôr mais a vista em cima a nenhum. D'ali a um credo estava tudo junto no barranco de baixo, ao fundo da Fonte da Fornalha, ahi ao pé da azinhaga da herdade.

MORGADO (*inquieto*)

Pois sim, mas que me queres?

ZÉ

Como eu é que *les fallê* por conta do sr. morgado...

MORGADO

Avia-te. Não te dei já o que ajustámos? Quantos eram?

ZÉ

Eram sete... commigo oito.

MORGADO

Dei-te uma moeda. Um cruzado novo para cada um, e dois para ti.
O resto para beberem.

ZÉ

Ai! senhor!... Se os ouvisse!

MORGADO

Não estão contentes?

ZÉ

Contentes! Ficaram derramados!... Andam na mente que os *enganê*... que não era uma *brincadêra*, como o sr. morgado me disse... que foi uma fidalga que nós fizemos cara de assaltar na estrada... que dá brado o caso e que se mettem n'isso as justiças... que o sr. morgado o que queria era fazer de pimpão sem perigo, á custa dos rapazes... que pódem ficar agora todos mettidos em trabalhos... e que torna e que deixa... Ih! Jesus!... um dia de juizo!

MORGADO

Por esta não esperava eu!

ZÉ

P'ra mais ajuda, um dos criados foi-se direito a Vayamonte, e achou lá o sr. juiz ouvidor com uma escolta do regimento de Setubal... *Contou-le* tudo pelos modos... e os rapazes dizem que o melhor é ir pedir perdão, porque a final elles não teem culpa, e o sr. morgado ha-de contar a verdade.

MORGADO (*aterrado*)

Pelo amor de Deus, homem. Vae ter com elles... Anda, depressa, vae. (*comsigo*) Que não diria minha prima!... (*a Zé*) Para que haviam de fazer tal? Ninguem os conheceu.

ZÉ

Pois sim! Não ha quem os accommode. Como *pesquê* que os senhores tinham *botado* para aqui, lá *assoceguê* a gente *dizendo-le* que esperassem todos um nada, que vinha fallar com o sr. morgado.

MORGADO

Mas se te veem aqui!...

ZÉ

Não tem *duveda*. *Ê* conheço o feitor, e já fui guarda cá da casa. O Timotheo d'Alcaraviça é que está mais perro. Tem lá a sua *aquella* que ninguem *le* põe o pé adiante, (*elevando a voz*) e como o sr. morgado quiz assim fazer pouco da rapaziada...

MORGADO (*afflicto*)

Mais baixo. Que precisão tens tu de gritar?

ZÉ

Bem sé que não era a valer... Se fosse... ai... se fosse!... Mas um *home* é um *home*, e...

MORGADO (*inquieta*)

Está bom, está bom... Se lhes désse mais?...

ZÉ (*coçando a orelha*)

Ê sê!... tão bravos como estão!... Talvez se accommodassem pedindo eu... talvez.—Mais quanto?

MORGADO (*com esforço*)

Uma peça.

ZÉ

Uma peça! Quanto faz uma peça?

MORGADO (*ponderando*)

Quinze cruzados novos menos oito tostões.

ZÉ

Quinze?... (*comsigo, contando pelos dedos*) menos...
(*resolutamente*)

Tem-n'a ahi?...

MORGADO (*mostrando-lh'a*)

Aqui está.

ZÉ (*fazendo-lhe cara*)

Em oiro?

MORGADO

Se não tenho troco!

ZÉ

Tem a gente de ir trocal-a a Evora, que lá na villa, se nos vêem com isto, são capazes de pegar logo a desconfiar...

MORGADO (*perdendo a cabeça*)

Então como ha de ser?

ZÉ (*tocando-lhe familiarmente com o cotovelo*)

Ó sr. morgado, a fidalga tem uns olhos!... Ella sempre vale as duas loiras! (*elevando a voz*) Se vem a saber que foi tudo fingido... hein?...

MORGADO

Cala-te! (*fitando-o*) Com que então... (*comsigo.*) A final o assaltado sou eu. (*Alto*) Aqui tens duas peças. (*Dá-lhe as duas.*)

ZÉ (*respeitosamente*)

Não manda mais nada o sr. morgado?

MORGADO

A casa do feitor é para esse lado. Olha não te encontre.

ZÉ

É o mesmo. Não desconfia, já *le* disse. Até mais ver! (*sae*)

MORGADO

Vae com Deus! (*depois de o vêr sair*) Os demonios te levem, tratante!

ZÉ (*tornando a deitar a cabeça*)

Chamou?

MORGADO (*impaciente*)

Vae com Deus! vae com Deus! (*Zé sae definitivamente.*)

SCENA XIV

MORGADO

Que tal é a lição! O susto que me pregaram os cavallarias... cuidar que andava tudo por ahi cheio de salteadores deveras... e ainda mais esta!... Calam-se, agora calam-se: é o seu interesse... O que o desalmado quiz foi... E gabem-me a singeleza dos rusticos!... Tomára que succedesse uma d'estas aos srs. poetas de Lisboa, que não fazem senão deitar lôas á innocencia pastoril... Que remedio! O

que lá vae lá vae... E foram-se as peças!... E o que não rirão á minha custa, os malandrins, quando as beberem!...—Por fim de contas vale a pena... Se vale... Vale a pena de tudo...

SCENA XV

MORGADO, e LUIZ MANUEL (*da E*)

MORGADO (*vendo-o*)

Outro!... (*reparando*) Um retrato do tempo d'el-rei D. Pedro!... (*conhecendo-o*) Ai! o Luiz Manuel.

LUIZ MANUEL (*Trajo do tempo de D. João V, tristeza profunda, sisudez inalteravel.*)

Bem vindo seja á casa da Torre da Palma, o sr. morgado da Gesteira. Que estava aqui me disse um guarda do monte, que topei agora como nos tornavamos do terço. Já não è isto o que era, porque a sr.^a morgada... «gota a gota o mar se esgota», e quem em maio relva, fica sem pão nem herva.» Mas... ella é senhora do que é seu!... E eu venho só a dizer a Sua Mercê que, se bem «onde senhores empobrecem, criados padecem», tudo o que ha na casa e na quintan está ás ordens do sr. morgado, e mais da fidalga companhia que traz, a julgar pelo arruido que por ahi vae.

MORGADO

Boa companhia trago com efeito. Como no tempo do sr. capitão-mór!

LUIZ MANUEL

Como no tempo do sr. capitão-mór, que Deus haja!... Isso já lá vae, e não volta... Não volta... Nem conhecia o sr. morgado, se me não avisam... Que annos ha! E como assim nos enterramos n'este ermo!... Tanto faz. Como o outro que diz: «ainda que nos não fallemos, bem nos queremos.»—O sr. morgado precisa alguma coisa?

MORGADO

Já por ahi procurámos e dispozemos do que encontrámos... São ainda necessarias roupas, talheres...

LUIZ MANUEL

Ha de apparecer tudo... Tudo?... tudo o que resta. Fizeram bem em se ir logo servindo... Haviam de achar as chaves nas portas... Era o costume antigo, bem sabe.

MORGADO

Achámos. Extranhei até... Estando aqui sós...

LUIZ MANUEL

Não tem perigo. Pouco ha já que fechar e arrecadar. Vasios quasi, os taleigos que andavam de cogulo... a bem dizer no fundo, as arcas d'antes a arrebentar de fartas. Não será como então, que melhor se podia dizer: «em casa cheia depressa se faz a ceia.» Mas o que ha, o que houver... É a vontade da sr.^a morgada... decerto ha de ser. Com ir ahi tudo por agua baixo... que nem sei já se virei a cerrar os olhos n'esta casa onde nasci... ella a final sempre é quem é... *(como para atravessar para a D.)* Vou dar ordem a... *(parando de repente e com tom consternado.)* Queria, sr. morgado, mas não posso... Queria pôr a alma e a vida no que me cumpre, já que a Torre da Palma está sem amos... Eu bem conheço que «hospedes em casa dia santo é»... mas... mas... Estou velho, faltam-me as forças! «Uma coisa se deseja e outra é bem que seja.»

MORGADO

Tem alguma coisa, Luiz Manuel?

LUIZ MANUEL

Eu não, sr. morgado. É a minha Simôa... Isto de viver assim vinte annos juntos, deita raizes cá dentro!...

MORGADO

Pois... que lhe succedeu?

LUIZ MANUEL

Mal acabou o terço, a minha Simôa foi á sacristia buscar um papel, que pelos modos tinha encommendado ao nosso padre cura do Vayamonte... Eu estava á porta á espera... Mal vinha a sair, entra-me a tremer, a tremer toda, a torcer-se como um vime, e a revirar os olhos, e a sumir-se-lhe a falla, e sem se poder ter!... Aquillo não é senão olhado que lhe deram!... Foi preciso trazel-a em braços, e lá ficou em baixo na cama... (*lembrando-se de subito*) Ai! Jesus! esta cabeça como está com tanta coisa de repente!... Então não me esquecia?... Quando o moço passou por nós, e nos advertiu que estava cá o sr. morgado da Gesteira, tornou assim mais a si a minha Simôa, e disse... (*como recordando*) Queira Deus que me lembre... Foi isto: «É parente da sr.^a morgada... pede-lhe que venha ver-me, pede-lhe Luiz... Tral-o hoje aqui a Providencia!» Foi isto, foi!

MORGADO

E não m'o dizia? Vamos já. (*comsigo*) Porque será?

LUIZ MANUEL

Pois o sr. morgado quer?... Aquillo é tresvario do mal!

MORGADO

Sua mulher assim!... Vamos. (*comsigo.*) Para que será?

LUIZ MANUEL

Como o outro que diz: «o pequeno mal espanta, o grande amansa.» Deixei gente com ella. A obrigação primeiro. E a obrigação era...

MORGADO

Dispenso-o eu d'ella... Vamos, vamos. Depois se tratará do mais.

LUIZ MANUEL

Agora é o sr. morgado quem manda. (*Sae. O morgado vae a segui-lo, entra Gonçalo e Bocage.*)

GONÇALO (*da porta*)

Sr. morgado.

MORGADO (*saindo vivamente*)

Já volto. Volto já!

SCENA XVI

GONÇALO, e BOGAGE

BOCAGE

Quem é?

GONÇALO

Uma singularidade, emparelhada com outra que hade ver logo.— Não o esperava aqui, sr. Bocage. Vem mesmo por ordem do

Ouvidor?

BOCAGE

Mesmo por ordem do Ouvidor. Faz trez semanas que me aquartelei em Monforte, n'um destacamento do meu regimento. Esta manhã o sr. Juiz Ouvidor de Villa Viçosa, que está em correição na villa, saiu a Vayamonte, e trouxe comsigo uma escolta em que eu vim. Ha pouco chega lá um homem todo esboforido... Um criado ouvi que era... D'ahi a um instante o sr. Ouvidor manda-me chamar em pessoa, e envia-me com quatro soldados aqui, para proteger não sei que fidalga que vem de jornada... O encargo póde ser lisongeiro, mas confesso que o dava a todos os demonios quando deitei por esses fraguedos abaixo. Agora, encontrando-o, meu tenente, dou-me por pago de tudo... Informei-me, e disseram-me que se tinham recolhido n'esta casa os viajantes. (*reparando*) Que casa santo Deus!... Dá-me ares de ter escapado ao diluvio... Pois a mobilia!... Da arca de Noé a trouxeram para aqui, certamente!... E aquelle canapé... Que canapé!... Um canapé? Um monumento!...

«Quando a velha antiguidade
Dentro n'esta sala entrou,
Disse áquelle canapé:
Sua benção, meu avô!»

GONÇALO

Bravo, sr. Bocage. Não se lhe estanca a veia por estes desertos do Alemtejo. O mesmo sempre!

BOCAGE

O mesmo diz? Estou a ponto de cair em melancolia... britânica. Mulher que se alberga n'uma habitação d'estas é por força como ella. Uma mumia, não? Uma curiosidade archeologica... uma contemporanea das pyramides... Não me diga quantos annos tem.

GONÇALO

Vinte e tres annos, viuva, todos os dotes do espirito, todas as graças da formosura, todos os primores de duas côrtes.

BOCAGE

Tudo isso! Aqui?... Aqui!...

GONÇALO

De passagem.

BOCAGE

Não diga mais, meu tenente. Quer-me fazer apaixonar, ou está já apaixonado.

GONÇALO

Isso estão quantos a vêem.

BOCAGE

Severa ou jovial?

GONÇALO

Um porte que infunde respeito, uma afabilidade esmaltada de sorrisos.

Não ha temeridade que se lhe atreva, nem isenção que lhe resista.

BOCAGE

Esse entusiasmo faz-me tremer! Uma perfeição!

GONÇALO

Um enigma.

BOCAGE

Enigma ou mulher, o mesmo é.

GONÇALO (*olhando para dentro*)

Eil-a!

BOCAGE

O enigma.

GONÇALO

A perfeição.

SCENA XVII

OS DITOS, D. MARIA JOANNA e o COMMENDADOR

GONÇALO

Se dá licença, a sr.^a D. Maria Joanna Galvão, apresento-lhe o sr. Manuel Maria Barbosa de Bocage, cadete do regimento de Setubal, que lhe traz recado do sr. Juiz Ouvidor de Villa Viçosa.

D. MARIA JOANNA

O sr. Juiz Ouvidor teve noticia de nós, e digna-se pensar em mim!

BOCAGE

Dever é de todo o homem proteger as damas. Mais ainda quando o homem é magistrado. Mais ainda quando as damas são de tal qualidade.—Por sua ordem e em seu nome venho. Infelizmente não chego a tempo de ser util.

D. MARIA JOANNA

Se não é já necessario auxilio, o sr. cadete vem sempre a tempo de receber os meus agradecimentos, e os do sr. commendador de

Monsarás... (*Os homens inclinam-se, cumprimentando-se*) que me acompanha... para os transmittir á estremada cortezia do sr. Juiz Ouvidor.—Está aqui ha muito?

BOCAGE

Ha um instante. Os meus soldados esperam as ordens de v. s.^a

D. MARIA JOANNA

Soldados! Mais? Temos uma guarnição completa. Coitados! Mande-os descansar.

BOCAGE

Estão já descansando.

D. MARIA JOANNA

N'esse caso, o sr. cadete demora-se tambem.

BOCAGE (*inclinando-se*)

Mandaram-me ficar ás ordens! (*baixo, a Gonçalo.*) Tinha razão. Gentilissima!

GONÇALO (*a Bocage, do mesmo modo*)

Inflamado já? (*alto.*) Apresentei-lhe o militar, permitta-me agora que lhe apresente o poeta... O sr. Bocage é conhecido, e já apreciado, pelo seu estro brilhante... um estro que se revelou desde a infancia... Nem só em França se frequenta o Parnaso. Aqui tem um moço que nasceu poeta.

BOCAGE

Como outros nascem vinhos ou tartamudos.—Talvez seja assim, se a amizade do sr. tenente o não cega, ou me não favorece... mas talvez tambem a segunda apresentação prejudique a primeira.

D. MARIA JOANNA

Porque? As armas e as musas não são inimigas, que eu saiba.

COMMENDADOR

Horacio esteve na batalha de Philippos, o Suetonio foi escriptor e guerreiro! Ainda que Pittaco, um dos sete sabios da Grecia, dizia «os validos de Marte são a injustiça e a violencia» não deixou o grande Plutarcho de escrever «que os Lacedemonios pintavam Pallas armada» posto serem uma só Pallas e Minerva.

BOCAGE (*contemplando-o abysmado, a Gonçalo em voz baixa*)

Este quem é?

GONÇALO (*idem*)

A outra singularidade!

BOCAGE

Que pena ter estudado! Forte asno se perdeu ali!

D. MARIA JOANNA

«N'uma das mãos a pena, n'outra a espada,» diz, creio eu, o nosso Camões, poeta e soldado também.

BOCAGE

Ahi está um *tambem* capaz de inventar orgulho no mais modesto... se o não tomasse á conta de exageração obsequiosa. (*a Gonçalo, baixo*) Venus, disfarçada em viajante!

D. MARIA JOANNA

Exageração! Em que? Por ler vivido fóra da patria não lhe desaprendi a lingua, nem lhe desestimo as glorias.

BOCAGE (*lisongeado*)

D'essas glorias não participo eu, como obscuro ainda.

GONÇALO

Não tanto, sr. Bocage!

D. MARIA JOANNA

Ainda? Não ha n'essa palavra a consciencia do que é? a confiança no que será? As musas não deixam muito tempo sem gloria os seus predilectos.

BOCAGE

Sabe se sou d'esses?

D. MARIA JOANNA

Adivinho-o. Deixa-me vaticinar-lh'o?

BOCAGE (*com enthusiasmo*)

Bastaria o vaticinio para inflammar o estro.

D. MARIA JOANNA

Deveria provar-me que tenho razão. Em França estima-se a poesia, e eu venho sequiosa da nossa. Era dar-me as boas vindas.

GONÇALO

Ninguém melhor do que o sr. Bocage. É não só poeta, mas improvisador.

D. MARIA JOANNA

Como em Italia.

GONÇALO

Ainda ha pouco...

BOCAGE (*atalhando-o*)

Por quem é! (*a D. Maria Joanna*) Vem de França, v. s.^a?

D. MARIA JOANNA

De Paris.

BOCAGE

Francez era meu avô; com as musas francezas me creou minha mãe... Somos quasi conhecidos.

D. MARIA JOANNA

Bocage!... Não me é novo o appellido. Não tem em França parentes?

BOCAGE

Tenho. Uma segunda tia materna... Bocage tambem por seu marido.

D. MARIA JOANNA

Já sei. A sr.[^]a D. Marianna, auctora do poema da *Columbiada*... coroada ha annos em Ferney pelas proprias mãos de Voltaire... E queixa-se de lhe faltar a gloria!

BOGAGE

Agora não me queixo. Ainda que não seja minha essa gloria, é meu o proveito d'ella.

COMENDADOR *(que tem disfarçado alguns signaes d'impaciencia, murmurando comsigo)*

Coroada por Voltaire!... Boa prenda hade ser!...

BOCAGE *(que não ouviu bem, mas que lhe notou o gesto, a Gonçalo)*

Antipathiso formalmente com a singularidade!

D. MARIA JOANNA

A poesia é hereditaria nos seus, já vejo.

GONÇALO

De ambos os lados. Seu pae o dr. José Luiz Soares de Barbosa adorna a toga com a lyra, e é um dos discipulos mais estimados de Souto-Mayor.

BOCAGE (*sorrindo*)

É doença de família, não o nego. Doença chronica, e por isso incuravel.

D. MARIA JOANNA

Em França diz-se: *noblesse oblige*. A poesia, que é nobreza tambem, está a obrigar-o.

BOCAGE (*exaltando-se progressivamente*)

A poesia... A poesia é a lingua dos deuses, e a historia do mundo. É o raio omnipotente de Jupiter, e o carro fulgurante de Apollo. N'ella, em todos os tempos, teem cantado os homens as suas alegrias, teem chorado as suas dores, teem perpetuado os seus feitos, teem immortalisado as suas catastrophes. N'ella começou a balbuciar a humanidade; n'ella fundou os monumentos que desafiam os seculos. A poesia é a expressão do que ha mais intimo no coração e mais celestial no pensamento; é magnificencia e harmonia; é arrebatamento e seducção; esplendor pela fórma, delicia pelo som. É resumo de quantas artes levantam o homem ao Olympo; sentimento para a alma, idéa para o espirito, imagem para os olhos, musica para o ouvido, enlevo para todos os sentidos! Seria a poesia a unica lingua digna de saudal-a, minha senhora, se a mais completa poesia não fosse a propria formosura. (*recrescendo*) Deve ser a poesia...

COMMENDADOR (*que durante esta falla passeou ao F. indo á janella*)

Não quer que lhe feche esta janella, sr.ª D. Maria Joanna? Estão frias as noites, e o ar por aqui traspassa. Dos ares montesinhos, diz o insigne Columella...

D. MARIA JOANNA (*atalhando-o impaciente e reprehensiva*)

Commendador!

(*O commendador approxima-se tirando a caixa de rapé.*)

BOCAGE (*reprimindo um gesto furioso e como continuando*)

Mas a poesia, como dama, tem os seus dias, tem os seus momentos, tem os seus caprichos. É rainha, e não serva. Impéra, não obedece. Se vae arremessada no vôo, se a fazem colher as azas e baixar á terra (*fitando o commendador*)... para tropeçar na impudencia, ou no ridiculo... faz-se allegoria, faz-se apologo; é epigramma, é satyra; fustiga, flagella, punge, dilacera, fulmina... e segue, a sorrir desdenhosa, deixando atascada no seu lodaçal immundo a sandice enfatuada e grosseira!...

COMMENDADOR (*sorrindo dubiamente e saboreando a pitada*)

Hypotypóse arrojada! Já Democrito, philosopho da Thracia, dizia... o que quer que seja semelhante... ao divino Hypocrates, natural da ilha de Cós! (*Bocage vae para replicar arrebatado. Entra o morgado.*)

SCENA XVIII

OS DITOS e o MORGADO

MORGADO (*com um papel na mão, que esconde apenas vê os que estão em scena*)

Grande novidade, prima! Grande novidade!

GONÇALO (*que observou tudo*)

Diversão a tempo.

D. MARIA JOANNA (*ao morgado*)

Como as do costume?

MORGADO

A mulher do Luiz Manuel que está muito mal! Perdeu já a falla.

D. MARIA JOANNA

Tão mal a pobre Simôa!... Commendador, sr. Gonçalo Mendo, venham, venham.

MORGADO

Póde ir logo, prima. A sua refeição hade estar prompta!

D. MARIA JOANNA

Quando me diz que temos ahi uma creatura em perigo! Enlouqueceu? *(aos outros)* Vamos... *(como lembrando-se, e detendo-se)* Sr. cadete... qualquer dos seus soldados póde ir buscar o cirurgião á villa.

GONÇALO

Que monte a cavallo um dos dragões: irá mais depressa.

D. MARIA JOANNA

Vamos, venham. *(Sae, e o commendador pela E.)*

BOCAGE *(baixo, apressado e a Gonçalo.)*

Uma nympha! uma deusa! Estou doido por ella. Tem só um defeito...

GONÇALO *(indicando o commendador)*

A singularidade?

BOCAGE

A asnidade, digo eu. *(Sae pelo F.—Gonçalo segue D. Maria Joanna).*

SCENA XIX

MORGADO *só, pouco depois o COMMENDADOR*

MORGADO (*vendo-os sair, desconfiado*)

Um cadete agora! É o quartel general aqui... (*olhando em redor*)
Tardava-me já ver-me só... (*tirando o papel e examinando-o*)
Fechado!... sem direcção!... E com que ancia e mysterio a Simôa
me segredou... «isto á sr.^a morgada... sem falta!...» Que pena
perder os sentidos!... Que será? Pois que não tem direcção...
(*lançando novamente os olhos em redor*) facil é sabel-o. (*Abre, lê
attentamente, e acaba com um grito de admiração*) Oh!...
(*passeiando e meditando*) Quem tal havia de dizer? (*pára como
resolvendo de repente*) Não ha que pensar... Agora posso ir
encommendando a sege... (*assoma á porta da E. o commendador,
sem que o morgado o presinta*) Com um segredo d'estes!...

COMMENDADOR

Que segredo, sr. morgado?

MORGADO (*sobresaltado, e guardando apressadamente o papel*)

Segredo!... (*serenando, ironicamente*) Um segredo meu, sr.
commendador.

COMMENDADOR (*com o habitual sorriso entre fatuo e maligno*)

Segredos, só debaixo da terra... como faziam os romanos!

(*Cae o panno*)

FIM DO PRIMEIRO ACTO

ACTO II

Ao fundo a frente e esquina d'um quarteirão da rua Augusta, tomadas da extremidade de uma travessa, cujos edificios estão ainda em obras. Janellas praticaveis em dois andares. A entrada do predio pela travessa.—Renques de marcos de pedra guarneecendo os passeios.—Toldo cubrindo a rua.—As janellas, ornadas de armações de damasco, e preparadas para iluminação. Cubertores de seda e colxas da India nos parapeitos.—O chão areiado; espadanas e murta. Faltam ainda os lampiões.

Fins da tarde. Pouca animação. Alguns transeuntes apenas.

SCENA I

BOCAGE (*á paizana, encostado á esquina da direita, com os olhos n'uma das janellas da rua Augusta.*)—COMPADRE THEOTONIO e COMPADRE AMANCIO (*que veem de lados oppostos.*)

(*Durante esta scena e a seguinte, BOCAGE dá algumas voltas, apparecendo e desaparecendo, mas sempre tornando ao mesmo lugar e á mesma observação.*)

COMPADRE AMANCIO (*topando-se com o outro*)

Aonde vae com tanta pressa, compadre Theotonio!

COMPADRE THEOTONIO

Ao *presepio* da Mouraria. Quero ver se apanho ainda o Manuel Gonçalves da Ribeira das Naus.

COMPADRE AMANCIO

Trabalha hoje com os arames?

COMPADRE THEOTONIO

Entra no fim. Porquê? Não vou a tempo?

COMPADRE AMANCIO

Se vae! O Manuel Gonçalves tem sua graça... principalmente na scena do diluvio, quando se queixa que perdeu o pente de derrubar.

COMPADRE THEOTONIO

Pois quando ardem as estopadas! As pulhas que elle deita aos demonios!... Tem pilhas de graça!—Deixe-me ir que se faz tarde, e já agora a de seis está destinada (*partindo*).

COMPADRE AMANCIO (*detendo-o*)

Que eu, cá para mim, como o Tortinho da Sé, apesar de velho, é que não ha... Nem o Antonio Antunes, do Bairro-Alto. Saca as palavras assim com um tremor do buxo, o maldito, que é a gente espojar-se!—Deus o leve, compadre. Até á noite na loja.

COMPADRE THEOTONIO

Não fecha hoje?

COMPADRE AMANCIO

Lá mais tarde. É dia de muito freguez de fóra, não tem mãos a medir os rapazes, e para alguma barba, assim mais tal, preciso servir eu. Bem sabe a roda que tenho.—Chego alli abaixo á Arcada, a comprar os Autos da Maria Parda para o serão das pequenas, e volto já.

COMPADRE THEOTONIO

Vá com Deus, compadre Amancio, e até logo. (*Separam-se e sahem, compadre Theotonio para a E., compadre Amancio para a D.—Entram logo tia Paschoa, e tia Vicencia vindo juntas da E.*)

SCENA II

TIA PASCHOA, TIA VIGENCIA e BOCAGE

TIA VICENCIA

Ih! Jesus, Deus Menino! Ainda por aqui arrastadinha, tia Paschoa! O seu homem ainda no Limoeiro! Quer creia, quer não, estava de pedra e cal que se tinha já livrado. Uma pessoa estabelecida! com loja aberta!...

TIA PASCHOA

E mestre d'officio!... Um mestre de torno, que ninguém lhe leva as tampas!... É isto, que vê, tia Vicencia... Debaixo dos pés se levantam os trabalhos... Que a culpa não é d'elle...

TIA VICENCIA

Isso sempre eu disse... Pobre homem!... Não fui logo lá quando sube, porque da rua dos Remedios á Esperança sempre é um estirão. Aquillo com a labotação do padejo, é vir uns dias por outros ao Terreiro, e não ha tempo para mais.

TIA PASCHOA

Pois eu não sei!—Tudo intrigas do Alcaide!

TIA VICENCIA

Sim? Ora vejam! E então como foi?

TIA PASCHOA

O Alcaide tem uma sobrinha na rua do Lambaz... Sobrinha, vamos... sobrinha ou o que quer que é, que se eu tivesse má lingua...

TIA VICENCIA

Sim, sim, não sabe a gente o que são sobrinhas d'essas!... Que mundo, ai! que mundo, tia Paschoa!

TIA PASCHOA

Uma sobrinha toda peralta!... Sempre como em dia de cirio ou de festa!... Quer na rua, quer em easa, capotilho de durante e bajú de escumilha, um palmito mesmo!... Sobrinha, pois não!... Vá que fosse sobrinha... Estava a ir-nos todos os dias à loja, que até já eu não andava contente, Deus me perdôe... Tudo era encommendar continhas, botõesinhos, coquilhos, cabos de chapeus... um nunca acabar. Mas coisa de pagar, qual! Tanto encommendou, e tanto faltou, que o meu Francisco por fim deixou de lhe fazer obra, e quiz obrigar-a a pagar por justiça... Justiça, está bom!... Ella tinha o pae Alcaide... pae ou tio, que eu sei lá o que lhe é... Foi-n'os a casa toda assanhada... palavra puxa palavra... Emfim, deram-n'os uma força por injuria, e agora o veràs... Eu bem dizia ao meu homem: «ó Francisco, deixa... deixa. Não apertes com a moça.» «Agoa vertida nem toda é colhida.» Mas, nada. Pensam que só elles teem juizo, estes senhores homens! Teimou, teimou, e aqui está. Vae já para um mez que dura este fadario. Sempre com o mantinho aos hombros!... E Deus sabe o que durará!... E tudo em casa a derreter-se... Os meus cordões e arrecadas, foi tempo... Dois tóros de buxo, que elle tinha comprado pelo S. Miguel... sem um nó, que

eram mesmo uma perfeição... e haviam de render bons vintens... já lá vão por dez réis de nada... Até uma grosa de piões, que estavam para a Senhora do Cabo... hade crer, tia Vicencia?... a quinze réis cada um, que a bem dizer mais custou o ferrão!... E ainda se não fosse o mestre José Gomes... Deus lh'o pague!... Sabe? O mestre José Gomes, cerieiro ás Trinas, que é juiz do povo!... Se não fosse elle nem resquícios havia já da loja. Agora venho eu do Terreirinho das Olarias, de casa do escrivão, e vou para o Poço dos Negros, a ver se fallo ao sr. juiz do crime do Mocambo.

TIA VICENCIA

Até hoje! Cuidei que andava a ver as ruas!

TIA PASCHOA

A ver as ruas, eu! Ai, santo Antonio e almas! Não faço senão correr de Herodes para Pilatos... E é duas peças a um, quatro moedas a outro... Que os leve a todos trezentos... Jesus, santo nome de Jesus! Nossa Senhora do Livramento me perdôe, que nem eu sei o que ia a dizer... Cruzes, inimigo!... Mas Paschoa do Espirito Santo não seja eu, se o Alcaide, e a beberona da tal sobrinha, m'o não pagam mais duro que ossos... Pesquei hontem cá uma coisa... O que eu queria era fallar ao sr. Juiz... Dizem que ha ahi uma tal sr.^a morgada, de lá de cima... uma sr.^a D. Felicia, que dá assembléa todas as semanas, aonde vae o sr. Juiz...

TIA VICENCIA

Sei eu quem é... Móra ás Portas da Cruz... É minha fregueza, e por signal que me deve bons vintens. Vou lá muita vez.

TIA PASCHOA

Vae? Se me arranjasse modos de fallar á morgada, para ver se ella pedia...

TIA VICENCIA

Isso é fácil. Mas quer que lhe diga?... Se deseja que o Juiz lhe dê audiencia, e depressa, vá á Esteireira... aquella que representa no Salitre... passe por casa da madama Charles, e leve-lhe uma peça de esguião... se não póde chegar a um rosicler de pedras.

TIA PASCHOA

Ai! Senhor!... Coisas que custam os olhos da cara!...

TIA VICENCIA

Então é deitar o coração á larga... Deus ainda está onde estava, e atraz do tempo, tempo vem. Eu cá nas minhas afflicções pego-me com a Senhora da Purificação, rainha madrinha, que ainda me não faltou. Agora mesmo lhe vou levar á Boa Hora uma quarta de cera, que comprei alli em cima no Soccorro...

TIA PASCHOA (*dispondo-se a acompanhá-la*)

Vamos para a mesma banda.

TIA VICENCIA

Eu da Boa-Hora tenho de ir á botica das Portas de Santo Antão, que se vende lá uma agoa...

TIA PASCHOA

Tambem tenho de tornar ao Terreirinho. Em quanto fica na igreja, chego eu acima e volto por lá.—Teve novidade em casa?

TIA VICENCIA

Tive a minha *Guiteria* com umas terças, que não havia tirar-lh'as do corpo... Estava-me a enthisicar, a enthisicar todos os dias... na espinha mesmo... Assim Deus purifique a minha alma, em como não foi se não mal que lhe deu a Brites do Forno... Conhece?

TIA PASCHOA

Pois não conheço. Não fosse ella atravessada! O tição!... E então porquê?

TIA VICENCIA

Contos largos. Vamos andando. (*Saindo juntas ao passo que entra da D. um transeunte.*) E a respeito da sobrinha do Alcaide, não me disse...?

TIA PASCHOA

Paga-m'as todas, com certeza. O caso é fallar ao Juiz. Hontem ao escurecer, tinham dado trindades no convento, vinha eu... *(desapparecem.)*

SCENA III

BOCAGE, e o TRANSEUNTE

TRANSEUNTE *(embuçado, observando, descendo a Bocage, que está de novo parado á esquina, e batendo-lhe no hombro)*

Elmano, a lyra divina
Por que razão emmudece?

BOCAGE *(voltando attonito, mas acudindo logo)*

Porque mais cala no mundo
Quem mais o mundo conhece!

TRANSEUNTE

Que tens n'esse mundo achado
Que mais assombro te faça?

BOCAGE

Um poeta com ventura,
Um tratante com desgraça.

*(Entra da E. Gonçalo Mendo, de fumo no braço, e pára ao F.
observando.)*

TRANSEUNTE

Bem respondido, sr. Bocage.

BOCAGE

Bem perguntado, sr. Tolentino.

(Nicolau Tolentino aperta-lhe a mão, e segue para a D. saindo.)

SCENA IV

BOCAGE, GONÇALO MENDO

GONÇALO

Quizera que tivesse mais testemunhas o encontro e o improviso.

BOCAGE (*chegando-se*)

Para que?... Riam... mofavam. Dois poetas que se cumprimentam em verso!

GONÇALO

Effectivamente não são vulgares os cumprimentos entre poetas... e consta que não é prodigo d'elles o sr. Bocage.

BOCAGE

Não sou, porque não me inclino senão ao merito verdadeiro e superior. A este qualquer póde inclinar-se. Raramente nos encontramos; fallamo-n'os ainda menos; mas admiro-o e respeito-o.

GONÇALO

Desejara tambem que lhe ouvissem essas palavras.

BOCAGE

Porquê?

GONÇALO

Porque sou seu amigo. Correm por ahi, de mão em mão, copias d'alguns improvisos satyricos... seus decerto...—Deixa-me fallar-lhe com franqueza?

BOCAGE

Tão custoso é o que me quer dizer!

GONÇALO

A verdade amarga.

BOCAGE

Trava menos na bocca da amizade, e eu creio na sua.

GONÇALO

Encontro-o em occasião grave para mim. Talvez d'ahi venham estes desejos de o prevenir e aconselhar.

BOCAGE

Ainda agora reparo. De luto?

GONÇALO

Achei em Lisboa a noticia do fallecimento de meu irmão.

BOCAGE

Sinto!... (*apertando-lhe a mão.*) Sinto-o.—Cheguei tambem ha oito dias do Alemtejo com licença. Não sabia ainda...

GONÇALO

Tornou-se-me obrigação a sisudeza.—Tem um grande talento, sr. Bocage; não lhe faltam protecções... Empregando esse talento em proveito da patria, será grande em pouco, e dar-lhe-ha grandeza. Se tão altos dotes recebeu de Deus, foi para honra da sua terra. Dedicar-lh'os é dever; desperdiçal-os é sacrilegio. O engenho, o saber, o estro são instrumentos que valem segundo o uso que d'elles se faz. Não ha gloria maior quando bem dirigidos; não ha mais pesada responsabilidade quando mal aproveitados.

BOCAGE (*um pouco resentido*)

Porque me diz isso? Estou em crer que tenho aos pés um abysmo.

GONÇALO

E tem talvez. As suas frechas epigrammaticas promovem-lhe odios tenazes e profundos. Quanto mais agudas forem, e mais acertarem no alvo, mais inimigos lhe hão de suscitar. E os perigosos não são os que lhe respondem como podem; são os que na perfidia dissimulam a vindicta; são os que no sorriso affectado encobrem a vaidade ulcerada, e o rancor que não perdôa.

BOCAGE

Quer então que desça a humilhar-me em dissimulação igual? Quer que abata aos pés do vicio dourado, ou da ignorancia presumida, esses dons em que me falla? Quer que envileça a lyra fazendo-a servir aos festins dos poderosos, como accessorio appetitoso, ou como adorno comprado?

GONÇALO

Quem lhe diz tal! Supõe-me capaz de lhe aconselhar baixezas? Consagre a lyra á patria, como os egregios poetas de todos os tempos, como Homero, como Virgilio, como o Dante, como Camões... como o nosso grande Camões... tão grande e tão nosso, que se tudo em Portugal acabasse, elle só bastara para dar a immortalidade ao nome portuguez!... Faça-o que pode. São largos

trabalhos esses, são cruas batalhas também. No arduo trilho achará igualmente diante de si o erro, o vicio, a vulgaridade, a ignorancia!... mais ainda, a mediocridade!... peor ainda, a inveja! Terá de cingir o corpo como os peregrinos, terá de affrontar o martyrio como os apóstolos. Não lhe faltarão obstaculos nem dissabores. Não lhe faltarão perigos nem trabalhos. Não lhe faltará a luta, a luta acerba, continua, ardente... Mas ao cabo está a gloria, a verdadeira gloria, a gloria infallivel ainda que tardia.—Hade seduzil-o esta!

BOGAGE

E não será ainda servir a patria castigar os ridiculos? Não faltam ahi também em compensação de qualquer desgosto, os applausos para impellir, para embriagar, para exaltar, para inspirar a musa... E a minha musa... que lhe hei de fazer, sr. tenente?... a minha musa é toda isenções e aventuras. Não consente sujeição.

GONÇALO

Os ridiculos d'estes! os applausos d'aquelles! Que applausos e que ridiculos? Não valerão tanto uns como outros? É para mais o seu engenho do que para servir de desafogo a rivalidades pequenas. E diga-me: tem certeza de ser sempre justo? Não o entristecem muitas vezes esses ruidosos applausos em recintos frequentados de ociosos? Não vê que muitos glorificam nos seus versos, menos a claridade que os illumina, do que o raio que vae ferir um émulo, ou um superior? «[1]Não vê que arrastando na ignominia os seus competidores, a si mesmo se apouca? Não repara que d'esse modo só favorece os baixos instinctos dos detractores sem alma?» É para

isso a musa e a lyra? Applaudem-n'o! Applaudem. Mas como? Mas porquê? Mas quem? Ólhe em torno de si e medite. Applaudem-n'o entusiasmos que depois o nauseam, applaudem-n'o paixões que depois o envergonham. O epigramma cortante, a hypérbole sarcástica, a imagem insultuosa, despertam na sua presença um delírio interessado, que lhe deixa após o vacuo e o pejo. Compare esse applauso suspeito com outros menos estrepitosos, mas selectos, que já lhe tem grangeado obras mais altas e mais dignas. Recorde a satisfação que lhe fica na consciencia, quando arremessa o vôo ás regiões luminosas onde fita os astros!—Falla-lhe pela minha bocca a sympathia, e a experiencia. Somos camaradas; sou seu amigo, repito-lhe... sou ainda mais amigo d'esta terra, de que deve ser, de que póde ser ornamento e braço... e que o precisa, creia... que precisa de todos os grandes esforços para a levantar da ameaçadora decadencia.—Está nas primeiras impressões e nos primeiros annos. Tem aberta a carreira das armas. Com o seu nascimento, com a sua capacidade, com a instrucção e o estudo... qualquer outra que prefira se lhe póde abrir. É por isto, é para isto que o importuno... Nicolau Tolentino é official de secretaria... Manuel de Figueiredo tambem... Ahi em dois poetas!...

BOCAGE (*interrompendo arrebatado*)

Manuel de Figueiredo, poeta!... Um moralista seccante, que se julga innovador por imitar de longe os antigos!... O Tolentino, sim... esse ha de ficar para a posteridade!... (*Pausa, longa reflexão. Gonçalo observa-o attentamente. Levanta depois o rosto e continúa com progressiva exaltação.*) Ouça-me tambem, sr. Gonçalo Mendo. Verá que avalio os seus affectuosos conselhos... E se alguma vez

Ihe disserem que Bocage é uma indole pertinaz e intractavel, poderá afirmar como a austeridade e a razão o acharam docil.—Oiga-me. Não é novo para mim o que me diz...

GONÇALO

Ahi verá!

BOCAGE

Tem-m'o repetido a meudo a consciencia.

Oh! não mais que momentos inebria
O sordido clamor da turba sordida!...

Perdoe, involuntariamente se me formulou em, verso a idéa.

GONÇALO

Prodigiosa faculdade! E quer desbaratal-a?

BOCAGE (*proseguindo*)

Não pense que estimo a plebe das admirações... tanto como admiro as magras rimas de ôccos versejadores!... No meio das mais estimulantes palestras, quando é maior o alarido e a matinada, quando igualmente espumam os copos e os labios, quando se condensa o vapor que tolda a casa e o cérebro, quando os motejos se crusam como settas, e os paradoxos refervem como vagas, que de vezes não fico eu mudo, absorto, sem escutar, sem perceber,

sem discernir o que tenho diante!... É que se me desprende a alma para cima!... Tenho os olhos e o espirito nos espaços radiantes, d'onde se encara o infinito e o futuro!... Ouço o hymno triumphal na bocca dos povos reconhecidos!... Enfeixo nos braços as palmas das nações!... Cinjo na fronte os louros perpetuos!... Vejo as edades curvadas aos pés d'um monumento coroadado de perennes resplendores!... Esta e só esta é a gloria, digo... esta e só esta... eterna primavera, eterna aurora... eterna recompensa!

GONÇALO (*enthusiasmado*)

E quem tal sabe conceber não ha de saber realisá-lo!

BOCAGE (*tristemente, estendendo-lhe a mão*)

Dê-me que o mundo se povoe de juizos como o seu, de almas como a sua... e será possível, e será facil... Como elle é, não sei se algum dia terei força para tanto... Por ora, não... Resgate a minha franqueza a minha fragilidade... O menor abalo que d'esse extasi me atire á realidade, mal acerto com a vista na nullidade soberba, na villeza prospera, na abjecção remunerada, na astucia triumphante, na hypocrisia omnipotente... n'esse ascoroso acervo das miserias humanas... todo se me revolve o coração... e sae-me pela bocca em strophes irritadas, que a amargura envenena, que a indignação inflamma! Quero, e não posso, conter esta furia, represar esta onda, que se entumece, e trasborda com o temporal de dentro!... Depois... Nenhuma fraqueza lhe dissimulo... Depois, as palmas, os bravos, as acclamações, o frémito das turbas, que pendem da minha voz e a minha voz avassalla, todo este rumor contagioso e irresistivel... é novo excitante á febre, é maior alimento

ao incendio, que lavra, que lavra, que se desata em labaredas accumulando as cinzas... que investe ao acaso... que devora quanto encontra... que hade acabar por me devorar tambem!

GONÇALO

Veia exuberante! Seiva excessiva! Torrente impetuosa!—Os annos o corrigirão.

BOCAGE

Não sei... Nasci assim. Acho-me assim ao entrar no mundo. Corrige-se isto?

GONÇALO

Quando se não corrige, mata. E o sr. Bocage ha de viver.— Desculpe se o turbei nas suas contemplações... Não pude resistir... posto saber o fito d'ellas.

BOCAGE (*sorrindo*)

Das minhas contemplações de agora? Duvido (*passeiando com Gonçalo*).

GONÇALO

Quer que o vá perguntar ao honrado mercador Manuel Simões, que móra n'aquelle primeiro andar, para onde entrou haverá uma hora,

com a sua interessante afilhada a sr.^a morgada D. Felicia? Bem se vê que está todo no seu enlevo... Tem por mysterio o que se passa nas ruas!... Presumo que não anda ahi por causa da morgada velha... (*Bocage protesta*) Logo vi.—E a viuva, diga-me? Quando ha quinze dias nos encontrámos na Torre da Palma parecia meio apaixonado.

BOCAGE

Apaixonado de todo.

GONÇALO

Que fez então a essa paixão subita?

BOCAGE (*gracejando*)

Foi como veio... subitamente. «Vê que não está na minha mão dissimular, e aproveita-se.»

GONÇALO

«Se pensa...»

BOCAGE

«Não: desculpe.—Sei que não é curiosidade indiscreta. E a quem melhor podia abrir o coração? Como hei de eu dizer-lh'o? A viuva é

cheia de atractivos... merece todas as adorações... (*malicioso*) Não é esta a sua opinião, sr. tenente?»

GONÇALO

«Ainda que o seja? Pouco vem ao caso.»

BOCAGE

«Reservas commigo! Vamos, confidencia por confidencia. Confesse que não deita luto pela morte da minha paixão da Torre da Palma.»

GONÇALO (*sériamente*)

«A sr.ª D. Maria Joanna Galvão nunca me deu direito para me offender de qualquer preferencia sua.»

BOCAGE

«Podia não se offender, e custar-lhe. E não seria da minha parte loucura constituir-me rival do unico amigo verdadeiro que ainda encontrei?... (*Movimento de Gonçalo.*) Oh! não, não cuide que lhe quero forçar os segredos... não pense que foi generosidade...» Já que me obriga, digo-lhe tudo. Peço-lhe só que não seja severo. Ou venha dos annos ou do temperamento, o amor em mim é igual á musa, compraz-se no improviso. Rebenta em chammas, mas a chamma fulge e esvae-se como relampago... Depois... outra fraqueza ainda... é tão superior ás damas que tenho conhecido, a sr.ª D. Maria Joanna Galvão!... tão superior pela graça senhoril, pelo tracto do mundo e cultura do espirito!... (*Pausa.*) Encontrei-a,

logo que cheguei, n'uma assembléa, em casa de sua tia D. Felicia onde me apresentaram... Ferviam os motes, e eu calado. Passei quasi todo o tempo escutando-a e reflectindo.

GONÇALO

Foi um estudo então?

BOCAGE

Um exame de consciencia. Intimida aquella distincção, subjuga aquella formosura, ordena respeitos aquella voz. Revoltou-se-me o coração contra similhante imperio... Se abomino todo o captiveiro!... Estava alli tambem, como esquecida, uma flor modesta, a afilhada da sr.^a D. Felicia. Com ser mimosa sua, era visivel a inferioridade da condição. Como, porquê, não sei... Para essa me voou a alma... Admira-se?.... Não posso supportar a idéa da dependencia, nem sequer em amor. Á dama opulenta e festejada que podia dar o pobre cadete, o poeta noviço? Ainda que me correspondesse... esmola seria a sua mesma preferencia. Com a donzella humilde succede o contrario... é ella a favorecida, e eu o generoso.—Prefiro estes amores... não tolero outros!

GONÇALO (*olhando para a E.*)

Tem muito empenho em se encontrar com o mercador?

BOCACE

Porquê?

GONÇALO

Porque se não tem, podemos ir aqui de roda dar uma volta até á esquina da Inquisição, e tornar depois.

BOCAGE (*olhando tambem*)

É elle, e não sei quem mais. (*a Gonçalo*) Com todo o gosto... (*indicando a janella*) Como vê, as minhas contemplações não eram bem succedidas... não tinham ainda objecto.

GONÇALO (*andando*)

Logo terão. As estrellas levantam-se com a noite!

BOCAGE (*saindo com elle pela D., ao passo que entram da E.*
Manuel
Simões e Francisco)

Invade tambem os dominios da poesia, o sr. tenente! (*Saem.*)

SCENA V

MANUEL SIMÕES e FRANCISCO PEDRO SIMÕES

MANUEL SIMÕES

Que espantos que não vae agora fazer a sr.^a Monica!... Se nem me lembrou dizer-lhe nada!...

FRANCISCO

E está boa a minha tia Monica?

MANUEL

Toda em cuidados pelo seu menino, pelo seu Francisquinho, que has de ser sempre para ella o Francisquinho, como ha vinte e trez annos, quando o Sebastião foi para a Bahia, e tu ficaste tanto monta no berço... As raparigas e a caixeirada não te chamam já senão o sr. doutor... Ella... sim!... Nem annos nem Coimbras lhe persuadem que o seu Benjamim está um homem... (*revendo-se n'elle*) e d'aqui a pouco um sr. doutor devéras... não é assim?

FRANCISCO

Este anno ainda, espero.

MANUEL

Mas vê lá, rapaz... Não te sirva de atrazo esta vinda a Lisboa! Jornadas para cá, jornadas para lá... sempre é tempo perdido!...

FRANCISCO

Sendo por poucos dias...

MANUEL

Será. Pois que!... Não pensei n'isto quando te escrevi.—Recebeste a minha carta a tempo? Recebeste, está visto. Pui-te esperar á estalagem, por me parecer que não faltavas... mas como não respondeste...

FRANCISCO

Mandei logo buscar os machos, e puz-me a caminho. A resposta era obedecer. Que novidade foi esta, pae?

MANUEL

Estava tremendo não chegasses... (*em voz baixa*) Vem esta noite cá teu padrinho.

FRANCISCO

O sr. marquez!... a nossa casa!

MANUEL

Á nossa propria casa. Será o primeiro marquez que vem a casa de teu pae?

FRANCISCO

É verdade... o sr. marquez de Pombal era tambem padrinho de meu irmão, e tenho-lhe ouvido que...

MANUEL

Que me visitava em pessoa, elle mesmo... (*olhando em redor*) o grande marquez... E não foi só isso... De vez em quando mandava-me parar a sege á porta da loja... (*esquecendo-se*) É que tambem não torna cá homem como aquelle... (*caindo em si e olhando em volta*) que este não é somenos, em certas coisas! Vem, vem hoje... Podia lá deixar de lhe ter cá o afilhado! Vem hoje... hoje, em vespera de Corpo de Deus, faze idéa! E toda a gente pelas janellas!... E o que se hade fallar no arruamento!... E o que ahi não virá de encommendas!—Já mandei buscar mais um caixeiro.

FRANCISCO

Que não seja como o Zé Braga ou o Zeferino... Lembram-me ainda.

MANUEL

O Zé Braga estabeleceu-se na terra... e vamos, tem queda para o negocio... É nosso correspondente.

FRANCISCO

Ah!

MANUEL

O peralvilho do Zeferino... esse lá foi para esses Brazis... Não sae d'alli coisa de geito, verão... Confundia-me sempre o lemiste com os droguetes, e o panno jardo com as baetas!... Deu em fazer de

faceira... já de chapéu á Anastacia... sempre em touros e presepios... Só lhe faltavam os polvilhos. Deixal-o. Cá me tenho remediado com outros dois novos, e marçanos não faltam.—Ai! nós aqui a fallar, a fallar, e lá em casa tudo cheio de gente!... A Monica estou que perde a cabeça!... Não me lembrava com o gosto de te ver, e de te fazer beijar a mão ao sr. marquez... que elle sempre hade puxar por ti!—Anda, rapaz, vamos... vamos!... (*em acto de partir.*)

FRANCISCO

Tudo cheio de gente lá em casa! É novidade... E quem está? Não me hei de apresentar n'este trajo de jornada, se são pessoas de respeito.

MANUEL (*voltando*)

Tens razão. Não vieras tu de Coimbra!... Com isto sempre me embalam: «ou armas ou letras.» Quem está?... Has-de ir mudar de fato primeiro, has-de. Estão pessoas de consideração, e espero mais. Verás... Sujeitos de peso e de porte, que me honram com a sua amizade... (*comsigo*) e precisam do meu dinheiro... Pois n'um dia d'estes, e vindo cá teu padrinho!... Está a sr.^a morgada D. Felicia, que essa é já conhecimento velho... está...

FRANCISCO (*alvorocado, vivamente*)

E a afilhada?

MANUEL

E a afilhada... bem sabes que nunca a larga... Está a afilhada, e vem também uma sobrinha, que chegou de França há dias!

FRANCISCO (*em acto de partir*)

E nós aqui a perdermos tempo.

MANUEL (*detendo-o*)

Espera, espera. Que fogo te deu mal te falei na morgada! Dar-se-ha caso... (*severo.*) Francisco?

FRANCISCO (*timidamente*)

Meu pae.

MANUEL

Esse alvoroço não é natural!

FRANCISCO (*como acima*)

Está fazendo falta de certo, pae.

MANUEL

Já vamos. (*Comsigo.*) A morgada não póde ser... a sobrinha não a viu ainda... Querem ver... (*com inteireza*) Sr. Francisco Pedro, forma-se este anno. D'aqui a tempos será juiz de fóra,

desembargador, quem sabe?... Conversei já a seu respeito com o meu amigo João Pires... Conhece? O sr. João Pires, á Magdalena, que traz dois navios para a India, e tem uma filha que não anda por assembléas, mas leva quarenta mil cruzados de dote.—Quando pensar em casar, é a noiva que lhe convém.

FRANCISCO (*consternado*)

Oh! meu pae! Por quem é não disponha assim do meu coração!

MANUEL

Do seu coração! A que proposito vem o seu coração? Quer dizer que olhou para a afilhada da sr.^a D. Felicia? Ignora que é filha d'uma criada?

FRANCISCO

Mas educada com tanta estimação! O amor não mede distancias.

MANUEL

Ensinaram-lhe isso em Coimbra?... Não o tirasse eu do balcão!... Felizmente seu pae não dorme. Perca d'ahi o sentido. Já lhe disse o que lhe convinha. Escusa de se cançar... não costumo repetir as coisas duas vezes!

FRANCISCO

Não me permite uma supplica ao menos?

MANUEL

Com tanto que seja breve.

FRANCISCO

Morro por ella... (*hesita*).

MANUEL

Se me não diz mais...

FRANCISCO

E dei-lhe palavra de casamento.

MANUEL

Deu-lhe palavra... (*furioso*) Porquê? Para quê?... Sem me consultar... sem consultar seu pae!... sem saber se lhe fazia transtorno!... Viu-se já!... (*fitando-o*) Estes rapazes!... (*mais brando*) Com que então deste-lhe palavra? (*Gesto affirmativo de Francisco.*) Pois se lh'a déste, cumpre-a.—Um Simões nunca faltou a ella!

FRANCISCO (*transportado*)

Consente!... Consente?... Como lhe hei de agradecer, meu pae!

MANUEL

Não é o que eu queria, e custa-me... Não te mandei a Coimbra para te empregar na filha d'uma criada!... Mas na nossa casa a palavra é escriptura. Pagamos á vista... sempre, e tudo: é o nosso braço!

SCENA VI

OS DITOS e o MORGADO

MORGADO

Ora até que o encontrei, sr. Manuel Simões. Procurei-o hontem, antes de hontem, esta manhã...

MANUEL (*interrompendo-o seccamente*)

Sei, sei... Bem sei.

MORGADO

Se me dêsse licença logo...

MANUEL

Tenho gente em casa, tenho muita gente... Hade-me dar licença.—
Vamos,
Francisco, vamos.

SCENA VII

MORGADO *pouco depois o COMMENDADOR*

MORGADO (*desesperado e ameaçador*)

Se fôra da nobreza... e se não fôra a necessidade!...

COMMENDADOR (*que tem entrado*)

Que é isso, sr. Morgado? Quem o fez agastar?

(Durante esta scena os creados acendem de dentro as illuminações das janellas.)

MORGADO

Quem hade ser? Esta gente de negocio que na verdade...

COMMENDADOR

Não tem uso do mundo, é sabido... cança-se de dar dinheiro, e nem sempre se lembra das jerarchias!... Que quer? Na opinião de Cicero o dinheiro faz todos eguaes... e lá resa o nosso rifão: «negro è o carvoeiro, branco é o seu dinheiro!!»

MORGADO

Mas quem lhe diz...

COMMENDADOR

Que precisa de dinheiro? O sr. Morgado precisa sempre... Que o mercador lh'o recusa? Encontro Manuel Simões, e acho-o enfadado. Não é preciso ser astrologo para adivinhar. Excellentes astrologos são os olhos... que sabem ver. Bem o disse o poeta Manilio, e melhor o explica Julio Firmico Materno, contemporaneo de Constantino Magno, nos oito livros que escreveu sobre o assumpto.

MORGADO (*meio aborrecido*)

Oito? Admiro-lhe a paxorra.—Mas, vamos, sr. Commendador... Estão já accendendo as luminarias. D'aqui a pouco enche-se ahi tudo de gente.—Que noticias?—Sabe que morreu Salvador Teixeira, o irmão mais velho de Gonçalo Mendo? Ficou senhor da casa agora o tenente, e...

COMMENDADOR

E... receia o competidor.

MORGADO

Receial-o! Porquê? Em quê? Um homem como eu não teme nenhum rival... Minha prima é senhora de gosto e de juizo... E em ultimo caso tenho modo infallivel de supplantar o tenente... (*intencionalmente*) ou qualquer outro.

COMMENDADOR (*sorrindo*)

Infallivel!

MORGADO

Infallivel.

COMMENDADOR

Contra qualquer?

MORGADO

Contra qualquer.

COMMENDADOR

No dizer de Plinio poucas coisas se pódem julgar infalliveis.—Tem estado com sua prima?

MORGADO

Todos os dias.—Ainda antes de hontem em casa da morgada da Torre da Palma... ainda hontem a ver correr parelhas e alcanzias em Campolide.

COMMENDADOR

Então para que pergunta noticias?

MORGADO

Para saber o que se diz.—Posso contar com a sua amizade?

COMMENDADOR

Como eu com a sua.—Amizade de obras mais do que de palavras, como a quer Tito Livio.

MORGADO

Tambem... commigo póde o commendador contar para a vida e para a morte.

O braço e a espada do morgado da Gesteira estão sempre ao seu dispor.

COMMENDADOR

Deseja saber o que ha?

MORGADO

Não se me dava... para afugentar de vez o primeiro que se atreva a galantear abertamente minha prima.

COMMENDADOR (*malicioso*)

Terá que fazer.—Veja o que Propercio diz da sua Cynthia... Póde fazer calar os requebros dos pintasilgos á aurora?

MORGADO

Pintasilgos, diz bem. Principalmente o cadetinho... o tal sr. poeta de loas, ou das duzias... Ia-me saindo das medidas na casa da Torre da Palma. Se não fosse a morte quasi repentina de Simôa!... Já o encontrei por ahi e não o perco de vista. Não que minha prima possa olhar para semelhantes figuras...

COMMENDADOR

Eu sei, morgado. Elle é de boa gente, e as damas... Emfim a respeito d'esse, descance... Traz o Sentido n'outra parte.

MORGADO (*avidamente*)

Em quem?

COMMENDADOR

Ainda não reparou?... Na afillhada de D. Felicia.

MORGADO (*desdenhoso*)

Ah!... (*como reflectindo.*) Mas o filho do mercador? É correspondido, e está ahi.

COMMENDADOR (*sorrindo*)

Era correspondido... Verá como os dois se arrufam, como o poeta fica e é acceito, como... Isso corre por minha conta.

MORGADO

Por conta do commendador! (*desconfiado.*) E com que interesse?

COMMENDADOR

Interesse? Nenhum... Amizade... Desejo de lhe ser util... Não queria afugentar os galanteadores de sua prima?... Para isso vale mais a astucia do que a força, creia. O mestre das rhetoricas ensinava a Herennio «que a verdadeira prudencia era a sagacidade,» e como diz Cornelio Nepote, «mais poude a destreza de Themistocles do que as armas da Grecia.»

MORGADO (*pensativo*)

Não é fóra de rasão... ainda que nada d'isso vale uma recarga a tempo como a ensina o alferes Theotonio Rodrigues, ou uma flanconada como as queria o grande Montenegro. (*mirando-o de revez*) Com que o poeta desistiu já de minha prima?

COMMENDADOR (*sorrindo, e do mesmo modo*)

Respondo-lhe por elle.

MORGADO

O tenente, esse...

COMMENDADOR

Faz-se desistir.

MORGADO (*como acima*)

E depois?

COMMENDADOR

Depois... não ha rivaes que affrontem o sr. morgado. (*Cresce o numero dos passeiantes.—Ruido dentro.*) Ahi vem já o rancho dos poetas. Conhece-se pela algazarra.

(*Principiam a apparecer ás janellas algumas senhoras de gala, e toucadas.*)

MORGADO (*olhando para as janellas*)

Já as *madamas* começam tambem a apparecer.

COMMENDADOR

Vou n'um instante a casa do mercador para lhe fazer a vontade. Volto logo.

MORGADO

Encontra lá minha prima.

COMMENDADOR

E não vem?

MORGADO (*despeitado*)

O sr. Manuel Simões não me fez a honra de me convidar.

COMMENDADOR

Que dissabor lhe ha de ser ter sua prima alli e ficar de fóra! Que quer? Diogenes, de Synope, comparava as riquezas ás plantas... que nascem em despenhadeiros! (*Sae tomando á esquina ao F.*)

(*Entram logo Bocage, 1.º e 2.º poetas, companheiros, e Gonçalo Mendo, da E.*)

SCENA VIII

BOCAGE, GONÇALO MENDO, 1.º e 2.º POETAS

GONÇALO (*a Bocage, despedindo-se e indicando as janellas de Manuel Simões*)

Boa sorte e propicios amores!... Da inspiração não lhe fallo: nunca lhe falta, e hoje menos lhe faltará.

BOCAGE (*meio desconfiado*)

Já não quiz entrar commigo um instante no Nicola, e agora deixa-me!

GONÇALO

É noite de festas, e está ainda mal fechada a sepultura de meu irmão!

BOCAGE (*caindo em si*)

Tem razão.

MORGADO (*chegando-se*)

Sube o desgosto que teve, sr. tenente Gonçalo Mendo... Muitos parabens... (*corrigindo-se*) dou-lhe os sentimentos, quero dizer... Seu irmão, tambem era doente... Quantos annos tinha?... Boa casa!... É uma boa casa, a casa de Mendél, dizem todos. E de mais a mais com os coutos de Sandim!... Deixou uma grande casa!... O sr. Gonçalo Mendo naturalmente larga a vida militar.—Com uma casa d'aquellas!

GONÇALO (*com inteireza*)

«Sr. morgado da Gesteira, a minha familia foi sempre uma familia de soldados. Alli cumprir a lei e servir a patria não é especulação, é preceito. Se meu irmão por fraco e enfermo não pode satisfazer a obrigação, por elle a satisfazia eu. Hoje, que me falta, essa obrigação fez-se duplicada: é a d'elle e a minha!»—Creio que o sr. Bartholmeu Tojo não vê no vinculo senão a renda. A mim

ensinaram-me de pequeno a só considerar no patrimonio dos meus, como coisas superiores, o dever e o nome!—Adeus sr. Bocage! (Sae.)

MORGADO

E então! Dês que está senhor da casa parece que traz el-rei na barriga!

BOCAGE (*fitando-o*)

Engana-se. Tem o coração no seu logar... e não succede o mesmo a todos.

(*Signaes de approvação nos circumstantes.*)

MORGADO (*ameaçador*)

Isso entende-se commigo?

BOCAGE (*com obsequioso sarcasmo*)

De nenhum modo: era suppor-lhe coração!

(*Riso nos circumstantes.*)

MORGADO (*com satisfação*)

Logo vi que se não podia entender commigo.

(retira-se magestosamente, e sae pela E.)

SCENA IX

BOCAGE 1.º e 2.º POETAS, COMPANHEIROS, 1.º e 2.º
MANCEBOS,
DAMAS, POVO

*(Vão-se povoando mais e mais as janellas; augmenta na rua a
concorrença.)*

1.º MANCEBO

Sr. Bocage, sr. Bocage!

BOCAGE *(ainda agastado da altercação com o morgado)*

Que é?

1.º MANCEBO

Fez-me o favor de limar aquellas decimas, que lhe entreguei o
outro dia?

BOCAGE

Pois não!

1.º MANCEBO

Queria ver se as recitava esta noite... Tem-n'as ahi?

BOCAGE

O que?

1.º MANCEBO

As minhas decimas.

BOCAGE

Como hei de ter, se nada sobrou d'ellas.

1.º MANCEBO (*pasmado*)

Não sobrou nada?

BOCAGE

Absolutamente nada. Ficou-me tudo na lima!

(Riso nos circumstantes; o 1.º mancebo mette-se na turba corrido.)

2.º MANCEBO

Sr. Bocage, um obsequio?

BOCAGE

Que temos?

2.º MANCEBO

Faz annos, depois d'amanhã, um tio que eu tenho...

BOCAGE

A novidade seria fazer annos um tio que não tivesse.

2.º MANCEBO

Compuz dois sonetos...

BOCAGE

Dois d'uma assentada! Já vejo. Monta um Pegaso manhoso que lhe desandou uma parelha de...

2.º MANCEBO (*ingenuamente*)

Isso. Estão aqui os sonetos. Só lhe peço que me diga qual é o melhor... para o offerecer ao tio...

BOCAGE

Ao sr. seu tio... que vocemecê tem.—Deixe ver. (2.º mancebo entrega-lhe um papel de dois que tem na mão.—Bocage chega-se á

luz das luminarias, e lê attentamente. Em quanto lê, o 2.º mancebo responde aos poetas que parecem divertir-se com elle. Depois de ler, restituindo-lhe o papel e em tom decidido.) Leve-lhe o outro.

2.º MANCEBO

O outro! Mas ainda não viu o outro.

BOCAGE

É o mesmo... leve.

2.º MANCEBO

Porquê?

BOCAGE

Porque não póde ser peor do que esse.

(Riso dos circiumstantes; o 2.º mancebo sae tambem corrido.)

SCENA X

BOCAGE, 1.º e 2.º POETAS, COMPANHEIROS, DAMAS, POVO

2.º POETA

Está de veia hoje, o nosso cadete.

BOCAGE

Menos isso.—O cadete ficou onde ficou a farda. Aqui está só o poeta.

1.º POETA (ao 2.º)

Condemnado como reu de lesa Arcadia. O Bocage tem razão. Será cadete no regimento; entre os pastores do Pindo é Elmano, o esperançoso Elmano, como tu és Alcino, como eu sou Lereno. A propósito, falta-nos Albano.

(Bocage parece cair em profunda meditação.)

2.º POETA

Foi jantar a casa d'algum fidalgo. É o seu costume. Mas vem de certo.

Disse-me que vinha.—Agora nego que fosse reu de lesa Arcadia tratando

Elmano pelo grau militar.

1.º POETA

Como provas essa?

2.º POETA

Muito facilmente. Qual é n'este caso o distintivo do vale e do soldado? Uma estrella. O mesmo em ambos. Cada qual tem a sua.

Logo... (*declamando*)

O Appollo, e o Marte que zellas,
Não se afastam grande espaço:
Tem um a estrella no braço,
Outro o braço nas estrellas!

1.º POETA

Fóra o seiscentista. Sempre te achei queda para os conceitos alambicados e antitheses retorcidas! Essa vem na *Phenix renascida*, ou nos *Desmaios de Maio*, aposto!—Bocage... (*reparando e tomando-lhe o braço.*) Bocage!... Em que pensas?... Que fizeste á picante jovialidade tão bem estreada, e que tanto promettia para esta noite?

BOCAGE (*como despertando*)

Que?... Eu?... (*compreendendo.*) Ah!... Jovialidade lhe chamas? Não era, não. Era raiva, era furia, era...

1.º POETA

Contra uns pobres rapazes! Deixa versejar a vadiagem. Cançará depressa.
Não vale a indignação.

BOCAGE

Isso dizem todos, e d'isso sobra forças á mediocridade e a vilania, que são gemeas. Uns pobres rapazes! Hoje nescias vaidades apenas... ámanhã calumniadores invejosos!... Deixae-os medrar, deixae; e queixae-vos depois dos damnos que vos fizerem! E ha peiores ainda... Peiores e mais nocivos são os desalmados, que nem adivinham a alma, e d'esse aleijão moral fazem a bitola de todos os caracteres!... Que me hão de apparecer por toda a parte vilezas!... Não reparem, amigos... São restos da cólera em que me deixou esse homem, que até na morte vê o interesse sem lhe ver as lagrimas!... Quando estas ignominias me surgem diante, sou como aquelle tyranno antigo, que desejava um só corpo á humanidade, para a degollar d'um golpe!... Quizera tel-as tambem todas congregadas e encorporadas debaixo da mão, para lhes arrancar a mascara hypocrita, para as retalhar com o látego justiceiro, para apresental-as como são, hediondas e infames, perante a sociedade que illudem ou pervertem.—Desculpem a rajada. Vamos ao que importa. (*olhando para as janellas do mercador, ainda desertas*) Ficamos aqui?

1.º POETA

Alcino tem uma Anarda alli n'um segundo andar do quartoirão immediato, e ella provavelmente traz-lhe mote preparado. Queres vir?

BOCAGE (*com os olhos nas janellas*)

Com tanto que voltemos depressa!

2.º POETA

Percebo. Temos também por cá pastora! Uma Armia, uma Isbella,
uma
Anfrisa?

BOCAGE

Melhor do que isso. Uma esperança!

(Gritos, tumulto fóra á E.)

2.º POETA

Ha novidade, ao que parece.

*(Grande tumulto á E. fóra. Gritos: Aqui d'el-rei! Agarra! O povo
aflue áquelle lado.)*

BOCAGE

É desordem?

1.º POETA

O costumado.

VOZES *(no povo)*

Arreda! arreda!

(Reflue tudo sobre a D.—Bocage, á frente dos companheiros, impellido pela turba, acha-se na extremidade D. quando entra, correndo d'este lado, Alcaide, e a ronda de quadrilheiros e paisanos.)

SCENA XI

ALCAIDE, BOCAGE, 1.º e 2.º POETAS, COMPANHEIROS, MORGADO *(que entra esboforido da E.)* DAMAS, POVO.

ALCAIDE *(topando Bocage, e pondo-lhe uma pistola aos peitos)*

Da parte da ronda—quem é? d'onde vem? para onde vae?

BOCACE *(serenamente)*

Sou o poeta Bocage,
Venho ha pouco do Nicola,
E vou para o outro mundo
Se me dispara a pistola!

POETAS e COMPANHEIROS

Bravo! Bravo, Bocage!

ALCAIDE *(deixando-o)*

Ah! é o Bocage! Que foi então? Quem gritou?

MORGADO

Foi um chibante de cigarro que deu tres facadas n'um moço das carvoarias, que ia cantando a *Fôfa* alli para a banda da Bitesga!... Ah! que se o apanho a geito!... *(esquiva-se para a D. logo que o Alcaide interroga.)*

ALCAIDE

Quem fallou para ahi?... *(á ronda)* Depressa, anda... Venham as lanternas, que nas travessas está escuro como breu. *(Os paisanos adiantam-se com as lanternas, mostrando certa repugnancia.)* Mais depressa... *(aos quadrilheiros)* Para a frente vocês. *(Estes obedecem com promptidão, e passam velozmente para a E.—O Alcaide continua para este lado como fallando a um dos quadrilheiros que passou.)* Ó Gaiola, bota cordão lá para diante... agarra tudo!... O sr. Corregedor do Crime mora ahi para cima; elle que os joeire!... Vá, vá.

(Os grupos abrem vivamente passagem ao Alcaide e aos mais da ronda, que saem apressados pela E.)

SCENA XII

OS DITOS, *menos o ALCAIDE e RONDA, depois UM CEGO (que vende impressos)*

(Apenas o Alcaide sae, ouve-se tambor e gaita de folles para a D.—O povo grupa-se para esse lado.)

2.º POETA

Cirio agora, querem vêr!

1.º POETA (*observando*)

Não. São os foliões do Espírito Santo com a bandeira, e o ermitão da Senhora do Monte com o Embrechado. Metteram-se para a outra travessa.

BOCAGE

Por isso estão todos nas janellas dos lados.

2.º POETA

Com similhante inferneira, bem se ha de poetar agora.

O CEGO (*passando ao F. e apregoando em cantilena*)

Comprae, meninas comprae,
Por dez réis, ou meio tostão,
O Testamento da Velha
Ind'antes da serração;
Ou as obras afamadas,
Que ninguem comprou em vão,
Da Chrystaleira de Coimbra,
Coisa de satisfação.

BOCAGE (*rindo e como terminando a trova do cego*)

Temos rival pela prôa:
Vá, ao outro quarteirão

1.º e 2.º POETAS (*galhofeiros*)

Vá, vamos. (*Saem os tres.*)

SCENA XIII

O CEGO, *logo depois* TIA VICENCIA. e TIA PASCHOA, *logo depois* COMPADRE THEOTONIO e COMPADRE AMANCIO. (*Movimento. Homens apregoando caramello. Pretas apregoando alcomonia, etc.*)

CEGO

Comprae, meninas, comprae,
Por dez réis ou meio tostão...

(*Perde-se-lhe a voz na distancia.*)

TIA VICENCIA

Bem lh'o cantava eu, tia Paschoa! Qual juiz, nem meio juiz! Não lhe poem a vista em cima! A Esteireira é que é de desengano. Que eu não lhe digo isto para me esquivar... Se quer que peça á morgada, appareça ámanhã... ámanhã não, é dia de festa... appareça depois de ámanhã, e lá iremos... Verá que me não diz que não...

TIA PASCHOA

Vou... Sempre vou... Se por ahi se arranja o negocio é uma boa dóse que poupo, e para quero está já tão arrastado...

COMPADRE AMANCIO (*entre as dez e as onze, capote a um lado, entrando com compadre Theotónio*)

Safa!... Cuidei que me filavam tambem!

TIA PASCHOA

Se não se fizer nada, então tomo o seu conselho, e vou á Esteireira... Por fim de contas são conhecimentos que se tomam... Ah! meu rico Santo Antonio! sou capaz de vender a camisa do corpo só para metter pelo chão abaixo aquelles marotos que nos desgraçaram... (*Saem pela E. conversando.*)

SCENA XIV

COMPADRE THEOTONIO, COMPADRE AMANCIO (*observando para a E.*) pouco depois MORGADO e COMMENDADOR. Grupos rareados.

COMPADRE THEOTONIO (*tambem com um grão na aza, mas dando-lhe para taciturno, e preocupado, e servindo-se com frequencia de um cheirador de simonte*)

Prenderam o homem?

COMPADRE AMANCIO

A ronda vae apanhando a torto e a direito, mas o homem, sim! Metteu-se para a rua das Hortas, salta n'um pulo a S. Roque, e de lá á Cotovia... Depois... boas noites... (*puxando, endireitando o capote, e mirando-o*) Por um triz se não vae d'esta feita, o meu cobre-miseria! E o seu não ficou tambem pouco derreado, compadre Theotonio!

COMPADRE THEOTONIO

Leve a fortuna os apertões, compadre Amancio.

COMPADRE AMANCIO

Olhe se não vae na ronda o mestre Joaquim da Ferraria... (*olhando em redor*) Está isto por aqui só ainda! (*Ouvem-se fóra á D. palmos e applausos.*) Que é? (*Vae vêr*) Ah! são os poetas que andam pelo outro quarteirão... Vamos até lá, compadre?... Quero dar o meu voto a respeito do Bocage, que ainda não ouvi... Tem-me ido já umas poucas de vezes barbear-se á loja, e dizem que na versaria põe tudo a uma banda!

COMPADRE THEOTONIO

Cá por mim... o José Daniel!

COMPADRE AMANCIO

Não digo que não, mas vista faz fé. Vem?

(Entram da D. o morgado e o commendador. Formam dois grupos distintos.)

COMMENDADOR

Onde ia tão assustado? Não me via?

MORGADO

Assustado eu!... Ia desesperado... O tal sr. cadete, o tal sr. poeta!...

COMMENDADOR

Disse-lhe alguma?

MORGADO

A tanto não se atrevia elle... Ainda agora o fiz eu tornar atraz... Os modos... os modos é que me dão a perros... Tomára achar azo de lhe pregar uma boa vaia, ahi diante de toda a gente.

COMMENDADOR

Havia de lhe doer... mas isso é antes desforra de mulher que de homem... A verdadeira vingança quer-se mais segura. No conceito de Seneca toda a soberba é injuria, e Plauto ensina como as injurias se pagam... *(Ficam conversando.)*

COMPADRE AMANCIO *(do outro lado)*

Não se mexe d'ahi, compadre? Parece-me jarra! Largue o cheirador, que é capaz de lhe subir o simonte ao miolo. Se não está para ouvir os poetas, venha até ao Talaveiras, que tem uma pinga do velho...

COMPADRE THEOTONIO

Cá por mim, o Petinga.

COMPADRE AMANCIO

Não sae d'isto! Ó compadre Theotónio, você por mais que me digam já fez hoje mais de uma estação!... (*Ouve-se campainha á E.*) Será a Misericórdia? (*Indo verificar*) Ora o que ha de ser!

COMPADRE THEOTONIO

O que é?

COMPADRE AMANCIO

É o Bernardo atafoneiro, que vem ahi todo vestido de hollandilhas, com bordão de gancho e lanterna pendurada, a pedir para o Senhor Jesus dos Afflictos... Conheço-o pelo roliço. Aquillo faz dinheiro de tudo! Rendem-lhe mais as penitencias que o officio, e ainda em cima aluga a preta para andar a vender pelas ruas.

(*Atravessa ao F. o penitente, como está descripto tocando a espaços a campainha; traz á cinta um mealheiro. Dão-lhe esmola.*)

COMPADRE THEOTONIO (*elevando a voz*)

Ora se ha um birbas assim!

COMPADRE ANASTACIO (*impondo-lhe silencio*)

Mais devagar, compadre, mais devagar, que o Bernardo é familiar do Santo

Oficio... como alguns fidalgos!

MORGADO (*do outro lado, ao commendador olhando para a janella dum 2.º andar*)

Lá está uma palmilhadeira do meu conhecimento, no 2.º andar, mesmo por cima da casa do mercador... (*depois de reflectir, como achando*) Ah!

COMMENDADOR (*ironico*)

Teve alguma lembrança feliz?

MORGADO

Tive. (*olhando para a D.*) Cá vem o rancho outra vez! (*D. Felicia e D. Maria Joanna apparecem a uma das janellas do 1.º andar da esquina. Maria Gertrudes a outra. Enchem-se as janellas.—Affluem suecessivamente os grupos.*) Verá Verá que vergonhaça!... Digam que não sei varar um gamo, nem pegar n'uma espada, nem determinar uma mesa, se o poeta não fica hoje corrido!... (*Sae precipitadamente pela D. dobrando a esquina. O commendador vê-o*

sair, encolhe os hombros desdenhosamente, e mette-se por entre os grupos. Compadre Theotonio e compadre Amancio giram na turba. Entra Bocage e os poetas. O grupo d'estes fica sobressaindo.)

SCENA XIV

BOCAGE, 1.º e 2.º POETAS, COMPANHEIROS,
COMMENDADOR, COMPADRE
AMANCIO, COMPADRE THEOTONIO, D. FELICIA, D. MARIA
JOANNA e MARIA
GERTRUDES, *(nas janellas)* DAMAS, POVO.—*(Grande animação)*

1.º POETA

Oh! agora está já tudo pelas janellas. Vamos, quem rompe?

BOCAGE

Eu não... Logo.

2.º POETA

Rompo eu. *(para as janellas)* Mote... Venha mote, minhas senhoras!

(Grupam-se todos curiosamente para ouvir.)

D. FELICIA

Essas peraltas de agora,
Eu não sei d'onde lhes vem.

2.º POETA (*repetindo*)

Essas peraltas de agora...
Eu não sei d'onde lhes vem.

(*Fica por momentos pensativo.*)

BOCAGE (*ao 1.º poeta*)

Foi a morgada que deu o mote?

1.º POETA

Foi. (*ao 2.º Poeta.*) Glosa-lh'o ao geito, se queres que te
applauda, a tartaruga!

2.º POETA

Deixa. (*batendo as palmas*) Lá vae:

Cambrayas, sedas, matizes;
Vermelhas capas bem fartas
Forradas de pelles martas;
Bons vestidos de paizes;
Filós, rendas, pertiguizes;
Sécias tudo, e a toda a hora;
Sempre em visitas por fóra;

Conhecendo toda a gente:
Eis-aqui, succintamente,
«Essas peraltas de agora;»

1.º POETA (*interrompendo*)

Bravo!

D. FELICIA (*applaudindo*)

Bravo! Bravo!

BOCAGE (*de parte ao 1.º poeta*)

Não é glosa: é rol da roupa!

2.º POETA (*continuando*)

No dia cinco e seis vezes
Correm, sem que isto as affronte,
Dos perfumes do *Le-Conte*
Às lojas dos genovezes;
Não faltam nos entremezes;
De casa, nem um vintem;
Trazem fiado o que tem
E na roca não põem mão:
Ou é milagre, ou então
«Eu não sei d'onde lhes vem!»

D. FELICIA (*debruçando-se encantada e aplaudindo*)

Bravo!... Lindo!... Bravissimo... Uma suspensão!... uma suspensão!

(*Alguns applausos nos quaes se distingue Mestre Amancio.*)

2.º POETA (*a Bocage rindo*)

Que tal?

BOCAGE

Um trocadilho de Luiz de Gongora!

COMPADRE AMANCIO (*como consultando Compadre Theotonio*)

Então?

COMPADRE THEOTONIO (*cheirando*)

Percebeu, compadre?

COMPADRE AMANCIO

Isso é seca, homem! Se percebesse, porque havia de aplaudir?

VOZES (*no povo, que, olhando á E., se afasta como para dar lugar*)

Olha! Olha! É o volantim do nosso Marquez.

COMPADRE AMANCIO

O volantim do Marquez... De qual Marquez?... (*olhando*) Ai! é o do sr. Marquez de Marialva! (*o volantim, passa, e dirige-se rapidamente á casa da D., que dobra.*) Lá vae... Como elle vae!... (*a onda do povo dirige-se para aquelle lado, como para observar. Compadre Amancio precede-a.*) Aonde irá? (*Olhando para fora. Attonito.*) A casa do mercador Manuel Simões!... Vae... Entrou... (*Voltando ao Compadre.*) Compadre Theotonio, compadre. Grande novidade!... Querem ver que o Marquez vem a casa do Manuel Simões!... (*observando*) Vem... Lá estão já os caixeiros com as tochas á porta, e o patrão no patim!

COMPADRE THEOTONIO

Nós que temos com isso?

SCENA XV

OS DITOS e MORGADO (*que se aproxima procurando o Commendador*)

2.º POETA

É feliz este Manuel Simões! Compadre do Marquez de Marialva!... e já o foi do outro... Por isso lhe chove a freguezia, que está podre de rico... (*a Compadre Theotonio.*)

COMPADRE THEOTONIO (*a Compadre Amancio*)

O Marquez de Pombal é que era o nosso!

COMPADRE AMANCIO (*baixo e vivamente*)

Cale-se! Quer que nos mettam na inquisição?

1.º POETA (*ao segundo*)

Não ha nada como negociar!

2.º POETA

O mau da poesia é não se medir aos covados.

BOCAGE

Estás enganado. N'esse ponto a poesia é como as fazendas da loja. Medidos se querem também os versos... e quem pior os mede mais lucro tira.

COMPADRE AMANCIO

Ahi vem o sr. Marquez de Marialva... ahi vem... Traz consigo o Almeirão e o Gaeta. Olhe, compadre, o Gaeta, que em mettendo o rojão, deita sempre abaixo o toiro!

COMPADRE THEOTONIO

Cá por mim... o Fava-Secca!

COMPADRE AMANCIO

Deixou a sege na travessa, para não atropellar ninguém... Elle sempre é bom de lei!... Viva o nosso Marquez, que é pae do povo!

(Entra o Marquez, 3.º Poeta, o Gaeta, o Almeirão, sequito de picadores e escudeiros.)

VOZES

Viva!

SCENA XVI

OS DITOS, o MARQUEZ, 3.º POETA e sequito

MARQUEZ

Obrigado! Obrigado! (*a um dos picadores*) Toma cuidado, Gaeta. O teu cartão tem um gavarro no pé esquerdo. Sente-se do casco ao bater na calçada. Está em principio ainda, mas se lhe não acodes, vae-se-te o animal, e é pena! (*aos poetas*) Então, tem-se poetado muito?... (*Olhando para as senhoras, que lhe fazem medida.*) Com taes musas, muito e bem decerto (*a outro picador*). Almeirão, andame com tento no tordilho. É um cavallo fino, mas tem pouca escola ainda. Tira pela mão, e não ganhou união nos movimentos. Para praça não está capaz. (*olhando de novo para as janellas*) Oh! lá vejo a Morgada da Torre da Palma, e mais a sobrinha que veio de França. (*Cumprimenta-as. Aos poetas*) É formosa, e dizem que não menos discreta... (*a Bocage*) Oh!... Manuel Maria... Está em Lisboa com licença, sabia já... D'esta vez ainda não foi ver-me a Belem.

BOCAGE

V. Ex.ª estava em Salvaterra.

MARQUEZ

Cheguei esta tarde, é verdade. Quero-o lá um dia cedo... Aqui lhes trago reforço. (*indicando o 3.º poeta*) Foi esperar-me ao desembarque!

2.º POETA

Tardava-nos o nosso pastor Albano!

MARQUEZ

Ahi está já o meu compadre Manuel Simões. Hãode me dar licença.
—Manuel Maria, espero ter o gosto de ouvil-o hoje. (*Sae com o sequito para o F. acompanhado do grupo dos poetas.—As senhoras das janellas do mercador desapparecem momentaneamente.*)

SCENA XVIII

OS DITOS *menos* MARQUEZ e *sequito*

VOZES

Viva o nosso Marquez! Viva!

MORGADO (*de parte ao Commendador*)

Verá agora a camisa de onze varas em que eu metti o poeta!

COMMENDADOR

Quem! o sr. Morgado? Hade permittir que duvide.

MORGADO (*impondo-lhe silencio*)

Pschiu!—Verá!

(O grupo dos poetas volta alvoroçado.)

3.º POETA *(para as janellas)*

Mote, minhas senhoras.—Venha mote!

A PALMILHADEIRA *(no 2.º andar)*

Sr. Bocage, sr. Bocage!

BOCAGE *(levantando a cabeça)*

Quem me honra?

PALMILHADEIRA

«O meu amor foi para a India!»

1.º POETA

India!—Mais parece peça que mote!

MORGADO *(ao Commendador esfregando as mãos)*

Olhe como ficou embuchado!

BOCAGE *(comsigo, surprehendendo-lhe o movimento)*

Já vejo d'onde vem a chufa. (*aos poetas*) Será peça, mas se é, tenho pena de quem a quiz pregar. Seja quem for, é ainda mais asno que tratante.

3.º POETA

A rima é difícil.

BOCAGE (*desdenhosamente*)

Difícil! Com dois verbos que remedeiam.—Guindar, findar; guinde-a finde-a. (*fitando o grupo do Morgado e do Commendador*) Nem sabem inventar dificuldades! (*Dá-lhes as costas e passa adiante.*)

PALMILHADEIRA

Sr. Bocage: «O meu amor foi para a Índia.»

BOCAGE (*voltando a cabeça*)

Sim? Pois quando vier... dê-lhe muitas saudades. (*Segue.*)

(*Riso. Aplauso.*)

COMMENDADOR (*ao Morgado*)

Não lhe dizia eu?

(*As senhoras voltam às janellas do mercador.*)

3.º POETA

Mote, minhas senhoras... Mote.

D. MARIA JOANNA

«Às ondas se lançou Ero formosa!»

(Bocage aproxima-se; o 3.º poeta fica meditando momentos.)

2.º POETA

O mote é conceituoso.

BOCAGE

É. Dá um banho de mar á formosura!

3.º POETA *(batendo as palmas)*

«Às ondas se lançou Ero formosa!»

Cançada de esperar o terno amante,
Ero infeliz ao ceu se pranteava,
E como que o futuro adivinhava,
Aqui e alli corria delirante;

Da aurora em tanto a face radiante,
Nos mares pouco a pouco se espelhava,
E á frouxa luz ao longe se avistava
Sobre ellas um cadaver fluctuante:

A triste vacilava suspirando
Nos braços da incerteza suspeitosa,
Até que enfim se vae desenganando:

Então, desesperada e lacrimosa,
Do caro esposo os manes invocando.
«Ás ondas se lançou Ero formosa!»

(Alguns applausos.)

2.º POETA

Bravo, Albano!... Descriptivo e sonoro!

1.º POETA (*a Bocage*)

Correcto, não?

BOCAGE

Correcto, mas frio. Não admira. Uma paixão que vae por agua abaixo!

2.º POETA

Mote. Venha mote.

MARIA GERTRUDES

«Os roubos que me fez a má ventura!»

BOCAGE (*vivamente aos poetas*)

Este para mim. (*repetindo imediatamente*)

«Os roubos que me fez a má ventura!»

Eu deliro, Gertrúria, eu desespero
No inferno de incertezas e temores,
Eu da morte as angústias e os terrores
Por ti mil vezes sem morrer tolero!

Pelo céu, por teus olhos te assevero
Que ferve esta alma em candidos amores:
Longe a riqueza, e os seus vãos favores,
Quero o teu coração, mais nada quero.

VOZES (*diversas*)

Bravo! Bravo!

BOCAGE (*continuando arrebatado*)

Ah! não sejas também qual é comigo
A cega divindade, a sorte dura,
A varia deusa, que me nega abrigo!

Tudo perdi; mas valha-me a ternura;
Amor me valha, e pague-me contigo
«Os roubos que me fez a má ventura!»

(*Grande explosão de aplausos.*)

2.º E 3.º POETAS

Bravo! bravo, Bocage.

1.º POETA

Inimitavel!

3.º POETA

Uma copia!

DIFFERENTES VOZES (*em torno de Bocage*)

Uma copia! uma copia.

COMMENDADOR (*junto a Compadre Amancio*)

Gertruria! Gertrudes!—Dava uma moeda de oiro só por uma copia d'este soneto.

COMPADRE AMANCIO

Uma moeda!... É devéras?

COMMENDADOR

Devéras.

COMPADRE AMANCIO

Aonde lh'a heide levar? (*Commendador diz-lh'o ao ouvido.—
Misturam-se os grupos, continuando todos a felicitar Bocage.*)

MORGADO (*ao Commendador*)

Quer dar uma moeda de ouro por uma copia d'aquillo! Para quê?

COMMENDADOR

O sr. Morgado tem os seus segredos... Eu tenho os meus!

1.º POETA (*a Bocage*)

Está aqui um amigo que nos convida a todos para o Izidro á meia noite.

BOCAGE (*rindo*)

Vem a proposito a ceia... para servir de jantar!

(*Ouvem-se á E. os clarins e tambores dos pretos, que logo se afastam.*)

VOZES

As charamellas! As charamellas!

(Corre tudo á E.—N'este movimento Bocage fica um pouco isolado. Compadre Amancio aproveita a occasião e aproxima-se-lhe.)

COMPADRE AMANCIO *(tomando-o de parte)*

Sr. Bocage!

BOCAGE *(satisfeito do triumpho)*

Tambem por cá, mestre?

COMPADRE AMANCIO

Venho aqui pedir-lhe um favor, que é quasi uma esmola... O sr. Bocage bem me podia remediar a minha necessidade!

BOCAGE

Diga, mestre!

COMPADRE AMANCIO

Um ginja quer copia d'aquelles versos que recitou ainda agora, e dá por ella uma moeda d'ouro... *(instando)* Podiamos repartir ao meio...

BOCAGE *(atalhando)*

Fique-se ahi, ou estraga o negocio.—Ámanhã lhe dou a copia... se me lembrar ainda. E guarde para si o que lhe offereceram. O sr. mestre póde vender barbas e sonetos, se quizer... (*Compadre Amancio desfaz-se em agradecimentos.*) A lyra de Bocage ninguem a paga!

(*Repiques, foguetes ao longe. Afflue o povo. Está a festa no auge da animação.*)

OS POETAS

Mote, mote... Minhas senhoras, venha mote!

(*Cae o panno*)

FIM DO SEGUNDO ACTO

ACTO III

Em janeiro de 1786

Sala em casa de Manuel Simões. Mobilia dos meados do seculo XVIII.—Porta ao *F.*—Á *D.*, no 1.º plano, porta do escriptorio; no 2.º plano, porta que leva ao interior da casa.—Á *E.* janellas de sacada.

SCENA I

D. FELICIA, D. MARIA JOANNA e MARIA GERTRUDES

(em trajo de passeio)

D. FELICIA *(a D. Maria Joanna)*

Pois muito bem, sobrinha. Truxe já o meu escudeiro de proposito. —Aproveito a occasião para ir á festa de S. Domingos. Prêga hoje o Padre Mestre fr. Joaquim do Rosario... Sabe? o Padre Mestre fr. Joaquim, que vae ás nossas assembléas, e canta á viola franceza

«*De saudades morrerrei,*» com tantos requebros, que é mesmo uma suspensão?

D. MARIA JOANNA

Sei. Póde ir descançada á sua festa.—Provavelmente preciso demorar-me com o sr. Manuel Simões, visto que em resultado de conselho seu lhe entreguei por uns mezes, como precisava, a administração da minha casa.

D. FELICIA

Não se arrependa. Honrado até alli. Depois que elle me administra... por obsequio, já se vê... é outra coisa. A minha pena é não lhe ter pedido ha mais tempo. Sermões não faltam, é verdade... o dinheiro espremido, que nem que fosse d'elle... mas prompto sempre, e incapaz de arredar um fio!

D. MARIA JOANNA

Acredito.—Tinha necessidade de descanso. Passei o verão no campo, e nada examinei ainda... Parece-me que é tempo.—Já lhe mandou recado?

D. FELICIA

Está lá em baixo nos armazens. Não tarda.—E foi só por isso que veio?... Ai! sobrinha! não faz idéa que mal me sinto dos meus hystericos vendo tratar com tanto afinco d'essas coisas uma pessoa da sua idade, e no seu caso... com tantos vinculos... com...

D. MARIA JOANNA

Por isso mesmo!

D. FELICIA

Emfim, a sobrinha gosta de se entreter em negocios!... Cá por mim... *abrenuntio!*... Negocios, deixo-os a quem toca. Não são para senhoras da nossa jerarchia!... (*movimento de D. Maria Joanna*) Não digo nada, não digo nada... A sobrinha é senhora das suas acções.—É uma conferencia então? E hade ser longa!

D. MARIA JOANNA

Não se apresse, minha tia. Tem tempo para tudo, já vê.

D. FELICIA

Deixo-lhe a afilhada para a acompanhar. Venho logo buscá-la, e de caminho darei também duas palavras ao sr. Manuel Simões.

D. MARIA JOANNA (*sorrindo-se e ameigando-a*)

E dizia que era inimiga de negocios!

D. FELICIA

Jesus! Deus me defenda!... Ai! eu, são duas palavras só. Até logo. (*para sair, e voltando á afilhada.*) É verdade, Maria Gertrudes. Trazes-me aqui a minha agua da Rainha d'Hungria?

MARIA GERTRUDES (*dando-lhe um pequeno frasco*)

Aqui está, madrinha!

D. FELICIA (*recebendo-o, cheirando-o, e depois arrecadando-o*)

Não posso andar sem isto... por causa dos hystericos... Até logo, sobrinha.

SCENA II

D. MARIA JOANNA e MARIA GERTRUDES

D. MARIA JOANNA (*voltando, e olhando meio impaciente para as portas da D.*)

Demora-se!... (*pausa.*) Está triste, Maria?

MARIA GERTRUDES

Eu, minha senhora! Triste! Porque?

D. MARIA JOANNA

Não tem razão, decerto. Minha tia não a póde trazer mais estimada, e merece-lh'o.

MARIA GERTRUDES

A minha rica madrinha! Não sei como lhe hei de agradecer a criação que me deu... e o muito que me quer!...

D. MARIA JOANNA

Querendo lhe também, como faz.—Vamos, d'ahi não procede o mal. Do que de ordinario mais inquieta na sua idade menos ainda.—Se não me engano, está em Lisboa um certo cadete... já poeta de fama... cada dia de maior fama, que... É certo?

MARIA GERTRUDES (*atalhando, envergonhada*)

Oh! minha senhora!

D. MARIA JOANNA

Então que tem? Uma inclinação não está mal... Em se não faltando ao recato!... E elle mostra-se respeitoso, que é sempre bom indício... Todos os casamentos por ahi principiam, e estou que não quer professar.—Que lhe diz o coração?

MARIA GERTRUDES (*olhando receiosa em redor*)

Nunca fallei n'isto, nem a minha madrinha!

D. MARIA JOANNA

Pudéra! Fallo-lhe eu, porque também lhe sou afeiçoada. Provavelmente não se entendia tão bem com minha tia.

MARIA GERTRUDES

O coração... Nem, eu sei.—O sr. Bocage diz-me coisas como ninguém... (*inadvertidamente*) mas o outro...

D. MARIA JOANNA

Ah!... Ah! temos outro!...

MARIA GERTRUDES (*toda balbuciante*)

Eu disse outro? (*animando-se.*) Disse. Disse, porque é verdade... (*acudindo.*) A culpa não é minha!

D. MARIA JOANNA

Está visto. Pois nós temos culpa nunca d'essas... complicações!—E o outro?

MARIA GERTRUDES (*quasi chorando*)

Foi um ingrato! Não posso, não devo mais lembrar-me d'elle...

D. MARIA JOANNA

Então d'ahi estamos desenganadas. Naturalmente fica preferido o poeta.

MARIA GERTRUDES (*hesitando*)

Ai! agora fica... (*mais decidida.*) Fica... mas...

D. MARIA JOANNA

Mas?... Suspeito d'esse *mas*.

MARIA GERTRUDES (*meio impaciente*)

Tomára quem me ensinasse como se conhece um amor verdadeiro. (*achando uma idéa.*) Ah!... A sr.[^]a D. Maria Joanna hade saber... É viuva, sabe... Diz-m'o?

D. MARIA JOANNA

Eu!... (*enleuada.*) Devia saber, devia... mas... (*comsigo.*) Aqui estou eu tambem a cair nos *mas*...

MANUEL SIMÕES (*dentro*)

Ainda agora m'o dizem!

D. MARIA JOANNA (*comsigo*)

Vem muito a proposito o sr. Manuel Simões.

SCENA III

AS DITAS, MANUEL SIMÕES (*da porta, 2.[^]o plano, á D.*)

MANUEL SIMÕES

Que vergonha!... que vergonha para esta casa!...

D. MARIA JOANNA

Que é isso, sr. Manuel Simões?

MANUEL SIMÕES

Fazerem esperar tanto tempo s. s.^a!... N'este instante me deram o recado, aquelles brutos... Que hade dizer?... Hade dizer que nem sei tratar com pessoas de condição, eu, Manuel Simões, que toda a minha vida... com bem o digamos... fui favorecido da grandeza!... eu, um compadre de dois marquezes!... (*corrigindo-se*) De dois... de um, que o outro...

D. MARIA JOANNA

O outro já lá vae.—Não se afflija com isso. Esperei, mas não me enfastiei. E bem era que esperasse, que o negocio é meu...

MANUEL SIMÕES

Negocios!—É verdade... a sr.^a morgada? Em seu nome me levaram o recado.

D. MARIA JOANNA

Vim com ella. Foi á festa a S. Domingos. Volta logo.

MANUEL SIMÕES (*admirado*)

Negocios! V. S.ª! Commigo!

D. MARIA JOANNA

Pois não me tomou a administração?

MANUEL SIMÕES

Por pouco tempo, disse-lh'o logo... Estou já tão sobrecarregado!... Depois, estas administrações... afastam-me do meu giro.

D. MARIA JOANNA

Justamente. Ahi verá se precisamos fallar. Para não o incomodar mais, e tomar a direcção da casa, preciso examinar, preciso esclarecer-me... e agora ninguém melhor do que o sr. Manuel Simões.

MANUEL SIMÕES (*attonito*)

Ah!

D. MARIA JOANNA

Admira-se?

MANUEL SIMÕES

Admiro, porque não é o costume. Admiro, mas aprovo. Quando quiserá sua tia D. Felicia fazer o mesmo, ou pelo menos ouvir-me? Pois devia... devia, que se continua como vae, não sei como hade ser... Por mais que lhe peça, por mais que lhe diga, nada. Não quer saber senão de dinheiro... Como se o dinheiro se cavasse!... Quando lhe fallo em contas, dão-lhe os seus hystericos, e... acabou-se, não é possivel.—Os papeis estão todos em ordem no meu escriptorio (*indica a porta respectiva*). Não é casa costumada a donaires, mas se não a assusta...

D. MARIA JOANNA (*dirigindo-se á porta indicada*)

Pois a que vim eu?

MANUEL SIMÕES (*reparando em Maria Gertrudes e com certo affecto*)

Ai! a menina Maria Gertrudes! Já aqui lhe mando minha irmã Monica para lhe fazer companhia.

MARIA GERTRUDES

Não é preciso... Vou eu mesmo procural-a, se me dá licença.

MANUEL SIMÕES (*como acima*)

Bem sabe que é de casa! (*encaminha-se ao escriptorio.—Como lembrando-se de repente*) Oh!... (*Novamente ás senhoras*) Permittem? (*indo á porta da D., 2.ºo plano*) Levem lá para baixo essas peças de saragoça, que hão de ir ámanhã para Abrantes... e

arêjem-me as baetas, não se esqueçam... *(voltando)* Isto, se eu não determinar tudo!... *(inclinando-se e esperando á porta do escriptorio que D. Maria Joanna passe.—Sae D. Maria Joanna e Manuel Simões.)*

SCENA IV

MARIA GERTRUDES, *pouco depois* FRANCISCO

MARIA GERTRUDES

Hade ser grande a demora e a espera. *(indo á janella)* Não são como as nossas estas ruas da baixa. É um borburinho de gente sempre! *(Chega-se á janella.—Entra Francisco do F. Vê-a e não póde reprimir um movimento de involuntario alvoroço.)*

FRANCISCO

Ah!

MARIA GERTRUDES *(voltando vivamente, vendo-o)*

Ah!

FRANCISCO *(constrangido)*

Desculpe... Não a esperava aqui... Já me retiro.

MARIA GERTRUDES *(do mesmo modo)*

Póde ter que fazer... Sou eu que vou procurar sua tia.

(Dão alguns passos; elle dirigindo-se ao F.; ella passando á D.— Quando vão a affastar-se, param e voltam-se quasi simultaneamente.)

FRANCISCO *(com vivacidade)*

Chamou?

MARIA GERTRUDES *(de olhos no chão)*

Chamou?

FRANCISCO *(depois de pausa)*

Nada.

MARIA GERTRUDES *(idem)*

Nada.

FRANCISCO

Adeus, menina Gertrudes!

MARIA GERTRUDES

Adeus, sr. doutor.

(A ponto de retirar-se, ella pela D., 2.ºo plano, elle pelo F., Francisco torna atraz)

FRANCISCO

Quer-me ouvir um instante?

MARIA GERTRUDES

O sr. doutor está em sua casa! *(de olhos baixos.)*

FRANCISCO *(picado)*

Ah! é só por isso? E porque me não chama Francisco como d'antes?

MARIA GERTRUDES

Um doutor, já formado!—E porque me trata por menina? Não era o seu costume.

FRANCISCO

São preceitos do seu poeta?

MARIA GERTRUDES

Receia que o vão dizer á sua apaixonada?

FRANCISCO

Uma apaixonada, eu!

MARIA GERTRUDES (*com impeto*)

Hade negar que teve o outro dia uma briga por causa da Esteireira que representa no Salitre?

FRANCISCO

la passando... É mulher... Insultavam-n'a... defendi-a.

MARIA GERTRUDES (*com ressentida ironia*)

Deu agora em defender todas as mulheres! até mulheres que representam no theatro!... E o que ella lhe está obrigada... E o que falla no senhor!... no sr. Doutor!... E o que...

FRANCISCO

Mas se lhe digo...

MARIA GERTRUDES (*atalhando*)

Não negue... sei tudo... Contou-me tudo a mulher de um torneiro, que tem o marido na cadêa, e vae lá ás vezes ás Portas da Cruz, fallar á madrinha para peditorios... (*elle quer atalhar; ella não o deixa.*) Conhece tambem a tal creatura, a mulher do torneiro...

ouviu-lh'o mesmo da sua bocca... (*como acima*) Veja se é verdade, ou não!

FRANCISCO (*desesperado*)

Pois é verdade... será verdade... Porque não hei de estar apaixonado de uma comica, se a menina não vê senão o seu novo arrojado.

MARIA GERTRUDES (*quasi chorando*)

Ólhe? Confessa!

FRANCISCO

Nem se atreve a dizer que não!

MARIA GERTRUDES

Depois do que me tinha promettido!

FRANCISCO

Depois do que me tinha protestado!—E eu que voltei ainda tão descansado para Coimbra, depois d'aquella vespera do Corpo de Deus o anno passado!... Estava entretido a responder a meu padrinho quando por alli andavam os poetas a versar... Nem dei por cousa nenhuma... Parti logo no dia seguinte de madrugada, e

demorei-me depois até me doutorar... Andava cego... Mas apenas cheguei ultimamente a Lisboa, tive logo quem me abrisse os olhos.

MARIA GERTRUDES (*vivamente*)

Quem?

FRANCISCO

Quem? É verdade, já vê.—Quem? Uma pessoa de porte e de respeito... uma pessoa que não mente!... (*mostrando um papel*) Lembra-se do soneto que fez o Bocage ao mote que lhe deu n'essa noite? (*lendo.*)

«Eu deliro, Gertruria, eu desespero.»

Gertruria, Gertrudes! É evidente. (*lendo*)

«Pelo ceu, por teus olhos te assevero
Que ferve est'alma em candidos amores.»

Ferve-lhe a alma em amores... Escreve-se isto!... Querem-n'o mais claro?

MARIA GERTRUDES (*picada*)

Porque me não hade o sr. Bocage fazer versos, se o sr. Doutor tem a sua apaixonada!

FRANCISCO

Outra vez a apaixonada! Sim? Não tem mais que me dizer? (*suffocado*) Pois eu estava morto por encontrá-la em liberdade, para lhe declarar... que está tudo acabado...

MARIA GERTRUDES

Isso esperava eu!...

FRANCISCO (*continuando*)

E para lhe jurar, por alma de quem Deus tem, que haja o que houver...

MARIA GERTRUDES

Não jure, sr. Doutor, não se cance... Não é preciso... (*com dignidade*) Sua tia está lá dentro, não? Sou pobre, sou humilde, mas não obrigo ninguém. Faça-lhe a vontade. (*Sae.*)

SCENA V

FRANCISCO, só

Viu-se nunca uma coisa assim! Ainda em cima! É ella que me faz a vontade!... (*passeiando agitado.*) Quem me havia de dizer?... Com aquelles modos innocentes... Ah! mulheres, mulheres! O que são as mulheres!... Que heide agora fazer? Queria-lhe mais que á vida, mas humilhar-me, não... Embarco... é o verdadeiro... Embarco... vou para longe. Tomára eu uma vida em que nem

ouvisse fallar de mulheres... Meu pae não consente de certo... Ah!... Meu padrinho... Vou hoje mesmo fallar a meu padrinho para que me alcance...

SCENA VI

FRANCISCO e MANUEL SIMÕES

MANUEL SIMÕES (*á porta do escriptorio*)

Falta a escriptura do arrendamento da Carvoíça. Tenho-a na carteira do armazem... Trago-a já.

FRANCISCO (*correndo ao pae*)

Meu pae, quer-me ouvir.

MANUEL SIMÕES (*complacente*)

Ai! é o sr. doutor... Deixa-me que estou com pressa.

FRANCISCO

São duas palavras. Pensei melhor. Escusa de fallar á sr.[^]a D. Felicia...

Não caso já com a afillhada.

MANUEL SIMÕES (*indignado e attonito*)

Que é isto! Então assim se fazem e se desfazem essas coisas! «Dei-lhe palavra!... Já não caso!...» Assim zomba de seu pae, sr. Francisco Pedro!... Cuida que por ter o grau, já não sou quem sou?... Desembargador do paço que fosses, não consentia que me faltasses ao respeito... Já não casas!... Agora?... Depois de te formares, que era só o que faltava!... Tinha que ver!... Costumei-me a considerar a pequena como filha!... E não sabes também que já dei uns longes á morgada?... (*Entra o commendador.*) Queres que passe por um catavento n'aquella casa, que por fim de contas é uma casa honrada!... Pensasses antes.—O dito, dito: casas... Queiras ou não queiras, has de casar!

SCENA VII

OS DITOS e o COMMENDADOR

COMMENDADOR (*intervindo a Manuel Simões*)

Faça a vontade a seu filho. (*a Francisco*) Descance que não casa.

MANUEL SIMÕES (*furioso*)

Quem diz que não casa?... (*vendo o commendador, e moderando-se.*) Ah! é o sr. commendador... Se fosse outro!... Isto são coisas de familia... V. s.^a não sabe...

COMMENDADOR

Sei... e hade chegar-se á razão.

MANUEL SIMÕES

Pois eu na minha casa, não posso...

COMMENDADOR (*tomando-o de parte.—Francisco affasta-se*)

O padre Ignacio deseja que se não faça este casamento.

MANUEL SIMÕES (*respeitosamente*)

O padre Ignacio!

COMMENDADOR

Bem sabe o que lhe deve, e o que deve aos padres da Companhia!... O irmão Simões não quer desobedecer decerto... e fazia mal se desobedecesse, que o nome acabou, mas o poder hoje revive!

MANUEL SIMÕES (*fitando-o aterrado*)

O sr. commendador também é?... (*o commendador faz-lhe signal de silencio: a meia voz.*) Os padres sabem que nunca desobedeço... Mas que interesse pódem ter...

COMMENDADOR

Não é preciso que o saiba.

MANUEL SIMÕES

E quem me assegura...

COMMENDADOR

Que o não engano? Veja este bilhete. (*dá-lh'o.*)

MANUEL SIMÕES (*lendo*)

«Faça quanto lhe disser o sr. commendador de Monsarás.—Padre Ignacio!» (*resignado.*) Não casará.

COMMENDADOR

Agradeça a seu pae, que por minha intercessão lhe faz o gosto.

MANUEL SIMÕES (*comsigo*)

Com esta gente nem pae se póde ser!...

FRANCISCO (*humilde e tristemente*)

Meu pae...

MANUEL SIMÕES

Está bom, está bom... O sr. commendador deseja mais alguma coisa?

COMMENDADOR

Tenho ainda que lhe fallar a respeito do negocio de um amigo meu, que hade aqui vir ter commigo.—Está occupado agora?

MANUEL SIMÕES

Estava ajustando umas contas, e confesso que muito desejo concluir.

COMMENDADOR

Conclua, conclua. Não tenho pressa, e o meu amigo ainda não chegou.

Esperarei, se m'o permite.

MANUEL SIMÕES

Está em sua casa. Dando-me licença, vou acabar. (*comsigo.*) E o tempo que já tenho perdido!... (*como occorrendo-lhe.*) Olha, Francisco... Vae lá abaixo ao armazem... abre a carteira... aqui tens a chave... (*dá-lha*) hasde achar ao canto da direita um masso pequeno, atado com um nastro encarnado. Manda-m'o aqui ao escriptorio, e a chave tambem... Pódem vir de roda para não incommodar o sr. commendador e o seu amigo, se já tiver chegado. (*Francisco sae. Para o commendador.*) Aproveito o obsequio, e abreviarei o que poder.

SCENA VIII

COMMENDADOR *só, pouco depois* MORGADO

COMMENDADOR (*saboreando uma pitada*)

Bem diziam os escriptores da gentildade: estavam fóra de si os deuses quando inventaram o homem, e mal recobraram o tino desataram a rir pondo os olhos na sua obra. Tudo n'elle é vão. *Vana mortalitas*, como lhe chamava Plinio, o Historiador. Movem-se por um fio... (*sentando-se*) Tudo está em saber-lho atar. (*Entra o morgado esboforido e derreado.*) Chega a proposito, morgado... ia-me tardando... Que é isso?... Teve alguma coisa?... Aposto que fez das suas... Não quer domar esse genio!...

MORGADO (*lisongeado*)

Não posso. Muitas vezes quero ter mão em mim... mas qual... todo eu sou fogo.

COMMENDADOR

Deixe, deixe. «Casarás, amansarás!»—Foi briga, pendencia, rixa, desafio?... Pois nem pensando em sua prima, deixa descansar a espada! Quer ser como Lucio Licinio Dentato, que oito vezes em repto singular saiu vencedor á vista de dois exercitos?...

MORGADO (*mais lisongeado*)

Cada vez o vejo mais: o commendador é um amigo devéras... um amigo como ha poucos...

COMMENDADOR (*sorrindo*)

Ainda agora dá por isso!—Homem, é boa a fama de valente para captivar as damas, mas nem tanto que assuste. Brigou?

MORGADO

Nada. (*com fatua arrogancia.*) Não acho já quem queira.

COMMENDADOR (*comsigo*)

Miles gloriosus!

MORGADO

Quê?

COMMENDADOR

Estou morto por saber o que teve... que o morgado não vinha no seu natural.

MORGADO

Que havia de ser?—Esta manhã, para matar o tempo, fui até á feira das cavalgaduras... alli pela banda do nascente do passeio... Bem sabe o meu fraco. Estava na barraca dos juizes, segundo o costume... Tudo entendedores de mão cheia... Não sei como se passou o tempo... o caso é que deram dez horas... Era a hora a que tínhamos ajustado o nosso encontro aqui... Despedi-me á pressa... instaram-me que ficasse... Se elles não pódem passar

sem mim! Foi preciso dizer-lhes que tinha que fazer na baixa, e era tarde já... O Domingos Sanches... aquelle polvorista rico... Decerto conhece... (*gesto negativo do commendador.*) Ora, não conhece outra coisa!... O Domingos Sanches quiz por força que viesse no seu lasão... um lasão melado... bonito animal... mas de maus signaes... gazio dos olhos, e bebendo em branco... «Não és boa peça, não,» disse eu logo commigo... «esperem que vão ver o que é o morgado da Gesteira a cavallo!...» (*entusiasmando-se.*) Estava tudo attento... Monto... como eu costumo montar... O cavallo, apenas me sente, começa a defender-se, e a negar-se... Eu apertolhe as esporas... Elle atira dois saltos encabritados... Eu cozo-me com a sella... Elle furta-me o corpo...

COMMENDADOR (*depois de breve pausa*)

E depois?

MORGADO

Depois... caí!

COMMENDADOR (*erguendo-se, sem poder suster o riso*)

Caiu?... Cuidei... Caiu!...

MORGADO (*mais entusiasmado*)

Mas como eu caí!... com todos os preceitos... Ficou tudo pasmado!

COMMENDADOR

Creio, creio... E o cavallo?

MORGADO

Fugiu.—Para não perder tempo, vim ás carreiras... Ahi tem a razão da demora.

COMMENDADOR

Bem empregada foi, visto que lhe proporcionou triumpho semelhante. —Tacito conta que Julio Cesar, o fundador do imperio, tambem caiu d'um cavallo... Provavelmente caiu assim.

MORGADO

Favores, favores.—E a respeito do meu negocio? Fallou já a Manuel Simões?

COMMENDADOR

A respeito do seu negocio ainda não. Está ajustando umas contas, não tarda. E primeiro temos nós que fallar, porque emfim... (*Sussurro na rua.—applicando o ouvido.*) Espere. Não ouve?

MORGADO

Oiço. Parecem gritos de agarra! (*Chegam ambos á janella do 2.º plano, e debruçam-se para ver.*)

SCENA IX

OS DITOS, MANUEL SIMÕES, e D. MARIA JOANNA (*á porta do escriptorio*)

MANUEL SIMÕES

Enganou-se o Francisco. Não era aquelle o arrendamento... (*vae a avançar, e detem-se vendo os dois*) Ai! que já me não lembrava.

D. MARIA JOANNA (*rapidamente*)

É o commendador Louzéllos, e o morgado da Gesteira?

MANUEL SIMÕES

São.

D. MARIA JOANNA

Quizera esquivar-me ás suas importunidades.

MANUEL SIMÕES

Não a viram. Póde esperar no escriptorio... O peor é que talvez tenha de me demorar um pouco. São horas de enfardar as fazendas, e...

D. MARIA JOANNA

Vá, vá... Não tenho pressa. Espero.

MORGADO (*attento para fóra*)

Vê o que é?

COMMENDADOR

São os rapazes a correr... Ah! agora... É um cavallo solto... e é lasão... Será o tal?

MORGADO (*afirmando-se*)

É, é!

MANUEL SIMÕES (*rapidamente a Maria Joanna*)

Se lhes não quer fallar...

D. MARIA JOANNA (*fechando a porta*)

Até logo. (*fecha vivamente a porta.*)

SCENA X

OS DITOS, *menos* D. MARIA JOANNA

MORGADO

E como elle se leva! Não o apanham, não.—Já se não vê.

COMMENDADOR (*voltando tambem e rindo*)

Em vez de vir o Morgado atraz do cavallo, veio o cavallo atraz do Morgado. (*vendo Manuel Simões*) Ah! Sr. Manuel Simões! Acabou já as suas contas?

MANUEL SIMÕES

Ainda não. São horas de carregar as fazendas que hão de embarcar ao meio dia, e se eu não assisto... Não tendo v. s.^a coisa de maior urgencia... Na minha vida não se póde perder um instante!...

COMMENDADOR

Já lhe disse que o não quero estorvar.—Sei o que é a lida de uma casa, no ponto a que chegou a sua... (*intencionalmente*) Vamos, que lhe não tem corrido mal... Passei ainda agora pela loja, e vi a azafama que por lá ia... Uma fileira de carros á porta, e um deitar abaixo de fazendas das prateleiras, que era um terramoto!

MANUEL SIMÕES (*cobrando o rosto com as mãos*)

Um terramoto!... Jesus! Santo nome de Jesus, sr. Commendador! Pelo amor de Deus, não diga essa palavra diante de mim! Já lá vão trinta annos, e ainda me parece ver as torres da Sé a dançar!... E a minha casa!... E a minha pobre mulher, a primeira, que alli ficou!... E toda essa ira de Deus!... (*benzendo-se*) Em nome do Padre, do Filho, e do Espirito Santo!... Todo eu me arripio ainda.

COMMENDADOR

Tem razão... não direi mais... Mas o que lá vae, lá vae! E dê graça a Deus (*intencionalmente*) pelas boas protecções que tem tido!

MORGADO (*cumprimentando obsequiosamente*)

Sr. Manuel Simões!

MANUEL SIMÕES (*seccamente*)

Viva, sr. Morgado! (*ao Commendador*) É o amigo que esperava?

COMMENDADOR

Em pessoa.

MANUEL SIMÕES (*ao Commendador*)

D'aqui a meia hora, o mais, estou ás suas ordens.

COMMENDADOR

Não se apresse... Temos tempo.

SCENA X

MORGADO e COMMENDADOR

MORGADO

Vê como elle me trata? Oh! que se não fosse...

COMMENDADOR

Quando estiver de posse da casa de Carregueiros, faça-lhe o mesmo.

MORGADO

Oh! isso!... E ha-de ser quanto antes. Estou resolvido a acabar de vez com estas incertezas e duvidas de minha prima. Tenho o remedio na mão.

COMMENDADOR (*com o seu sorriso*)

Tem?... (*indo examinar a porta do F. e a da D., 2.º plano, e depois voltando.*) Ninguém na casa de fóra, nem no corredor... Estamos sós e á vontade... Podemos conversar um pedaço.—Com quê... resolveu casar com sua prima quanto antes? Faz muito bem. Casar, e casar rico, era já conselho de Plauto. *Nubere in divitias!*

MORGADO

Faço muito bem? É devéras a sua opinião, Commendador?

COMMENDADOR

Pois porque não há de ser?

MORGADO

Quer que lhe diga uma coisa?

COMMENDADOR

Diga.

MORGADO

Andei muito tempo desconfiado... Loucuras minhas, agora vejo!...
Uma pessoa prudente e de juízo, como o commendador?...

COMMENDADOR

Diga sempre. De que andou desconfiado?

MORGADO

Tinha-me querido parecer que se inclinava a galantear também
minha prima.

COMMENDADOR (*tranquillamente*)

Não se enganou.

MORGADO (*sobresaltado*)

Não me enganei?

COMMENDADOR

Socegue. Passou-me isso pela cabeça na jornada em que a acompanhei de Paris... Mas reflecti depois.—Socegue. Já lá vae.—Escreveu-me um antigo conhecimento de Santa Clara.

MORGADO (*malicioso*)

Ah! chegaram-lhe lembranças dos doces e da grade!

COMMENDADOR

Reflecti... dêz que o encontrei.

MORGADO (*lisongeador*)

Dêz que me encontrou?

COMMENDADOR

E principalmente quando o conheci a fundo. Cada vez tenho por mais seguro que ninguém convem tanto a sua prima... nem a mim.

MORGADO (*admirado*)

Nem ao Commendador?

COMMENDADOR

Reflecti muito.—Sua prima está ainda no calor da mocidade, não lhe ficaram as melhores impressões do primeiro matrimonio, e ha-de querer indemnizar-se... O segundo marido leva grande responsabilidade e grandes trabalhos!... Eu, o que preciso é descanso... Mesa substancial, o meu copo do Porto velho, os meus livros... e uma boa sege á boleia. A doirada mediania, de que falla Horacio Flacco, o Venusino.—N'isto assentei... e veja como o tenho ajudado.

MORGADO (*convencido*)

Assim é, assim é. Realmente, não sei como lhe hei de pagar tantas obrigações!

COMMENDADOR (*sorrindo*)

Ah! isso não lhe dê cuidado.—O Bocage não o affronta já: está todo captivo da afilhada de D. Felicia... E a afilhada de D. Felicia... não lh'o prognostiquei?... deu já de mão ao filho do mercador. O tenente, de um momento para o outro... D'esse depois se tratará, sendo preciso.—Bem vê como lhe abro praça, e o deixo só em campo tornando-lhe facil a victoria. (*vae sentar-se á E.*)

MORGADO (*recuando com uma especie de terror*)

E tudo por amizade!

COMMENDADOR

A amizade é o meu fraco. Chegue-se para aqui. Sente-se. Vamos ao que importa. (*O morgado senta-se-lhe ao pé.*) Manuel Simões não parece muito disposto a dar-lhe as cinquenta moedas de que me disse precisava infallivelmente.

MORGADO

E preciso. Que faria eu diante de minha prima sem real?

COMMENDADOR (*preparando a caixa para tomar uma pitada*)

Mau era na verdade... Mas a Gésteira, que nunca chegou para muito, já não dá para mais... As vinte moedas, que lhe arranjei o anno passado, foram-se n'um instante á banca, e ao loto de Génova... Manuel Simões sabe tudo isto perfeitamente, vê-o afogado n'um diluvio de hypothecas, e não é homem que deite o seu dinheiro pela janella fóra... (*offerecendo-lhe a caixa*) Toma?

MORGADO (*erguendo-se consternado*)

Mas então como ha de ser? Se me mandou vir aqui só para me dizer isso!...

COMMENDADOR

Hade ter as cinquenta moedas; abono-o eu.

MORGADO (*sentando se e abraçando-o*)

Isto é que é um amigo.

COMMENDADOR (*saboreando a pitada*)

Que rendimento terá a sr.[^]a D. Maria Joanna? Já averiguou?... Hade ter averiguado.

MORGADO

Só da casa de Val-Moreno, que recebeu pela mãe, anda por cinco mil cruzados.

COMMENDADOR (*offerecendo-lhe tabaco*)

Serve-se? (*Morgado tira machinalmente uma pitada.*) É isso.— Quanto aos vinculos de Fresnos e Carregueiros... que lhe tocaram por parte do pae, e que o pae tinha herdado de seu irmão o Capitão-mór, marido de D. Felicia, que morreu sem filhos... quanto aos vinculos de Fresnos e de Carregueiros, deve andar cada um para mais ainda... principalmente o de Carregueiros.

MORGADO

Não tem menos de quinze a dezeseis mil cruzados ao todo. Mas a que proposito...

COMMENDADOR

Calculos necessarios. Vinte moedas em junho passado, cinquenta agora, fazem setenta... que o morgado vem a dever-me.

MORGADO (*como protestando*)

Devo, devo... Heide dever, e heide pagar... juro-lhe. Juro por... pela cruz da minha espada.

COMMENDADOR

Se pudesse jurar por outra coisa!

MORGADO (*offendido*)

Duvída?

COMMENDADOR

Ha viver e morrer.—Homem, a commenda, bem sabe, apenas me chega para viver com decencia... e parcimonia.—Suetonio, e outros auctores, louvam a parcimonia como virtude; mas Terencio tem que a dureza da vida não é para gente adiantada... e eu sou da opinião de Terencio!—O morgado não ha-de querer que perca assim setenta moedas!

MORGADO (*desconfiado*)

Deseja alguma segurança?

COMMENDADOR (*saboreando a pitada*)

Quasi nada. O morgado faz-me uma escriptura de divida de trinta mil cruzados!... e sou eu que lhe hei-de pôr a data!

MORGADO (*erguendo-se de subito e exclamando furioso*)

Trinta mil cruzados! Dois annos de rendimento da casa de minha prima!...

COMMENDADOR (*tranquillamente*)

Não grite.—Ólhe se estivesse ahi alguém perto?

MORGADO (*contendo mais a indignação*)

Trinta mil cruzados para pagar setenta moedas!

COMMENDADOR

Quem lhe diz isso? Para deitar sege, e ter honradamente as commodidades que me faltam.—Oiça, e entre na razão. Desistindo de aspirar á mão de sua prima, renuncio áquella riqueza toda. Não tem valor isto? E faço mais; trabalho para desafogal-o de rivaes perigosos... perigosos, podemos dizel-o entre nós. Não merecerão estes serviços trinta mil cruzados? Contou bem. São dois annos do rendimento de sua prima. Póde pagar em quatro. Fica-lhe ainda metade. Veja quem lh'o fazia por menos.—Não recuse, ou ponho-lhe quarenta por condição.

MORGADO

Por condição?

COMMENDADOR

Por condição. E hei-de obtel-a.—Ha condições de muitas especies. No codigo de Justiniano, e nos cincoenta livros dos Pandectas, que lhe servem de commentario...

MORIGADO (*atalhando-o desesperado*)

Quaes Pandectas nem qual Justiniano! Esse pinhal de auctores e de latins, é um pinhal da Azambuja. (*passeiando agitado*) Trinta mil cruzados!... Nada, não me deixo roubar... Tão tolo era eu que assinasse similhante escriptura!... Poem-me condições!... a mim!... Sempre quero vêr!...

COMMENDADOR (*cruzando a perna tranquillamente e tirando um papel do bolso*)

Hade ver.

MORGADO

Poem-me condições!... E d'essas!... É muito caro o seu auxilio, commendador. Dispenso-o. Tenho outro modo de convencer minha prima, mais seguro e mais barato.

COMMENDADOR

Mais barato, duvido.

MORGADO

Verá.

COMMENDADOR

O seu famoso segredo?

MORGADO

Verá.

COMMENDADOR (*socegradamente*)

Pois então experimente. (*O morgado pára e fita-o.*) Vá dizer a sua prima: «Prima, tenho aqui uma declaração, que me entregou nos ultimos momentos a Simôa da Torre da Palma...» É provavel que a traga no bolso... (*O morgado leva vivamente a mão ao bolso, como para verificar se lá está o papel indicado.*) Traz, descance!...

MORGADO (*mais tranquillo*)

Conjecturas para pescar verdades... O ardil é velho.

COMMENDADOR

Quer saber o que diz a declaração? (*desdobra o papel que tem na mão. Estão ambos attentissimos um para o outro. Descerra-se mansamente a porta do escriptorio, e D. Maria Joanna apparece alli, a rapidos intervallos, observando.*)

SCENA XII

OS DITOS e D. MARIA JOANNA (*meia occulta*)

COMMENDADOR (*lendo*)

—«Por temor de Deus, e amor da verdade, eu Joaquina Simôa, familiar da casa da Torre da Palma, tendo presentimento de que me chegará breve a hora de dar contas, e não querendo condemnar a minha alma, declaro o seguinte, que n'esta hora confirmo com juramento aos Santos Evangelhos, em presença do reverendo padre cura de Vayamonte, e por sua exhortação e conselho...» (*O morgado, primeiro attonito, depois aterrado, tem tirado do bolso a outra declaração, como para comparar com o que ouve, e parecendo duvidar ainda.*) É exactamente isto?

MORGADO

Ou o commendador tem parte com Satanaz... ou é verdade o que dizem!

COMMENDADOR (*negligentemente*)

Então que dizem?

MORGADO

Dizem que é um jesuita... dos que não trazem roupeta.

COMMENDADOR (*severamente*)

Sr. morgado, não repita levianamente as maledicencias do vulgo, que se póde arrepender!—Quer verificar o resto da declaração? Conta n'ella a Simôa:—como estando já separada do marido a morgada da Torre da Palma, a filha della Simôa adoecéra;—como o capitão mór, em casa de quem a mesma Simôa nascêra e se criára, a reduzira a prometter-lhe que, se a creança morresse, lhe substituiria a filha d'elle e de D. Felicia, e faria passar por morta a herdeira, tudo isto para que os bens de Carregueiros passassem a varão;—como o escudeiro Luiz Manuel fôra mandado administrar uma herdade da casa ao pé de Olivença, até á morte do Capitão-mór, para que nem elle soubesse do segredo, de que a mulher ficava unica depositaria;—finalmente como a Simôa, levada das obrigações que devia á casa do Capitão-mór, tivera a fraqueza de ceder, e criára como sua a filha de D. Felicia, até que esta a mandou buscar já crescida cuidando ser a afilhada.—Está tudo claramente explicado, e devidamente datado e assignado.

MORGADO (*subjugado*)

Essa declaração passou das mãos da Simôa ás minhas... nunca a mostrei... nunca a larguei... Como é possível sem ser por artes sobrenaturaes...

COMMENDADOR

Tem innocencias!—Dei uma volta a Vayamonte. O cura é... É meu amigo. Não me podia negar a minuta do papel que elle mesmo escrevêra. (*sentando-se de novo*) Como iamos dizendo... O morgado vae a sua prima... mostra-lhe esse documento, e diz-lhe: «a supposta afilhada de sua tia D. Felicia é sua prima direita, e herdeira da casa de seu tio Capitão-mór. Este papel e este segredo valem dois terços da sua riqueza. É a unica prova. Se quizer que tal prova desapareça, case commigo. Nada tenho de Adonis; sou um tanto nescio; fallador insoffrivel e farfante rematado.» (*Movimento do morgado*) É tudo isto, é, morgado... e mais alguma coisa. (*Como se proseguisse o discurso do morgado.*) «Mas,—continuará,—rasgando este papel é como se lhe trouxesse em dote os vinculos de Fresnos e de Carregueiros.» O argumento conclue. Entra na ordem d'aquelles a que Cicero chamava: *argumento premente*. Ora como o tenente Gonçalo Mendo não é ainda coisa certa, e como ninguem perde de vontade dez mil cruzados de renda, sua prima fecha os olhos, convence-se, e o morgado casa. Com isso conta, e faz bem em contar. Nada mais solido, mais engenhoso e brilhante. Que pena, se apparecesse esta minuta, e pela data se visse que o sr. morgado tem ha oito mezes em seu poder a declaração, sem a entregar!... Era deitar tudo a perder!—Verdade, verdade; não vale quarenta mil cruzados?

MORGADO

Quarenta agora!... Trinta!... Tinha dito trinta!...

COMMENDADOR (*abrindo a caixa*)

Tinha? Enganei-me. Quem se não engana? Lucio Floro, da nobre família dos Anneanos, conta que um engano decidiu uma batalha, e Seneca chama-lhe *allucinatio* para mostrar a perturbação mental que o determina (*voltando-se mesmo sentado, inclinando-se sobre a esquerda, como para evitar que a pitada que vae sorver lhe macule a tira.*) Foram quarenta, nem menos um real... E se hesita...

MORGADO (*acudindo*)

Não hesito... Assigno-lhe a escriptura.

D. MARIA JOANNA (*que se adiantára sem que os dois, absorvidos na conversação a presentissem, apresentando-se entre ambos com jovial placidez*)

E eu sirvo de testemunha!

COMMENDADOR (*erguendo-se sobressaltado*)

A sr.[^]a D. Maria Joanna Galvão aqui!

D. MARIA JOANNA (*com o mesmo modo prazenteiro*)

Porquê? Não sou interessada?

MORGADO (*enleiado*)

A prima, naturalmente, não sabe ainda...

D. MARIA JOANNA (*atalhando como transfigurada, com grave altivez o severa dignidade*)

Sei... Sei que o sr. morgado da Gésteira me entrega immediatamente esse papel... e o sr. commendador esse tambem!

SCENA XIII

OS DITOS, BOCAGE e GONÇALO MENDO, (*apparecendo ao F. e detendo-se a observar*)

MORGADO

Ha de perdoar, prima. Este papel foi-me confiado.

D. MARIA JOANNA (*como acima*)

De que modo correspondeu á confiança?—Esse papel é o allivio d'uma saudade, a consolação de uma familia, a restituição d'um patrimonio... Esse papel é a consciencia e o dever. Tem direito de o conservar nas suas mãos?

COMMENDADOR (*de parte ao morgado*)

Não ceda. Se fica ella com a prova, fica o morgado sem o casamento!

D. MARIA JOANNA (*sem os perder de vista*)

Sr. commendador, não se envileça mais... nem faça envilecer mais o sr. morgado! A cegueira de um homem, que já não vive, privou sua própria filha do nome e dos bens que lhe pertenciam... O temor da hora extrema corrigiu essa injustiça... (*crescendo em indignação*) Sobre este erro, que é para chorar, sobre este remorso, que devia ser sagrado, ajusta-se um pacto infame... (*Movimento dos dois.*) Infame, repito!... Um mercadeja a honra, outro a consciencia!... Um sacrifica a natureza, outro o decóro!... Isso tudo que é senão valor para traficar, fazenda para vender?... Que importa a filha desherdada? Que importa a mulher offendida? A mulher ha-de calar-se e consentir. É o seu interesse... Pensaram isso?... Pensaram, e nem lhes passou pelo rosto o pejo de o pensarem! É o mal das indoles corrompidas não admittirem sequer a existencia de corações sãos e inteiros, para quem a satisfação do dever seja a primeira riqueza! Fizeram-me o ultrage de me julgar por si. Não o podiam imaginar maior!—Sr. morgado, esse papel!... Sr. commendador, esse papel!

MORGADO

Se outra pessoa que não fosse a prima se atrevesse a dizer-me semelhantes coisas!...

(*Bocage quer adiantar se; Gonçalo detem-n'o.*)

COMMENDADOR

Estes papeis pertencem-n'os!

D. MARIA JOANNA (*mais exaltada*)

É a minha tia que pertencem. Sou eu que lh'os quero entregar!... Sou eu que devo entregar-lh'os!... Não me obriguem a...

GONÇALO (*adiantando-se e interpondo-se com respeitosa serenidade*)

Perdõe, sr.[^]a D. Maria Joanna Galvão... Uma senhora da sua qualidade não póde entender-se com estes senhores.

BOCAGE (*com ironia mal dissimulada*)

Estes senhores vão pôr já nas suas mãos os papeis que lhes não pertencem.

GONÇALO (*com terrível frieza, crescendo contra o morgado, que recua na sua presença*)

O sr. morgado não ha-de querer desattender sua prima!—O papel?

BOCAGE (*do mesmo modo ao commendador*)

O sr. commendador de certo não falta ao respeito a uma dama.—O papel?

(*O Morgado e o Commendador, tranzidos e suffocados, entregam os papeis aos homens que teem diante.*)

GONÇALO (*entregando reverentemente o papel a D. Maria Joanna*)

Aqui está.

BOCAGE (*idem*)

Aqui está.

SCENA XIV

OS DITOS e D. FELICIA, *entrando do F. pelo braço de MANUEL SIMÕES, que vem sem chapéu*

MANUEL SIMÕES

Isto é coisa que se creia! Obrigá-me a sair assim pela rua fóra, eu, um compadre dos dois marquezes!

D. FELICIA

Queria que entrasse pelos armazens, ou dêsse o braço ao escudeiro? Viu-o na loja... chamei-o para me acompanhar. Vinha com o meu hystérico, e já não podia...

D. MARIA JOANNA (*correndo a ella e atirando-se-lhe ao pescoço*)

Minha tia! minha tia! Mal sabe...

D. FELICIA

Credo, sobrinha! Olhe que me desmancha o penteado. Isso são modos de uma senhora?—A afilhada não está na sua companhia?

MANUEL SIMÕES

Está lá dentro com a mana Monica.

D. MARIA JOANNA (*alvoroçada*)

A sua... a minha... (*dando-lhe o braço do outro lado e levando-a consigo.*) Venha, venha, que a espera uma grande alegria.

D. FELICIA (*toda turbada*)

Que dia de juízo é este!—Não me largue o braço que não estou boa, sr.

Manuel Simões.

(*Saem pela porta do 2.º plano da D.—D. Maria Joanna puxando por D. Felicia, D. Felicia puxando por Manuel Simões.*)

SCENA XV

BOCAGE, GONÇALO, COMMENDADOR e MORGADO

(*Pausa em que os quatro se medem reciprocamente.*)

GONÇALO (*rindo, para Bocage*)

Conhece alguma coisa mais horrenda do que o sr. morgado quando se faz amarello?

BOCAGE

Conheço: é o sr. commendador quando se faz verde.

MORGADO

Oh! que se eu me não contivesse... Mas contenho-me.

COMMENDADOR (*com o seu sorriso*)

Motejos sempre, sr. Bocage! Plinio, o moço, celebra como coisa de muito apreço a graça das palavras!

BOCAGE (*a Gonçalo*)

Está mais verde ainda... Foi a peçonha que se lhe derramou!

MORGADO

Oh! que se eu me não contivesse!...

GONÇALO

Já disse isso!

BOCAGE

Que lhe parece, sr. Gonçalo Mendo! Acabamos com esta raça damninha? (*indo á janella.*) A altura é soffrivel. Dêmos um exemplo. —Deitemos *isto* á rua. (*indica os dois.*) Limpamos a cidade.

(*Morgado recua aterrado.*)

COMMENDADOR (*sorrindo mais*)

Tem graça o sr. Bocage, tem muita graça!

GONÇALO (*fitando o commendador*)

É a praga de todos os tempos!... Deixe... Espera-os a publica justiça, que hade chegar... Em gente d'essa não põem mão homens de bem. As viboras esmagam-se com o pé! (*Indicando-lhes a porta, com um gesto a que os dois logo obedecem.*) Temos que fallar com o dono da casa!

(*Cae o pano*)

FIM DO TERCEIRO ACTO

ACTO IV

Em casa da morgada D. Felicia, ás Portas da Cruz.—Sala de visitas dando para outra.—Ao F. a porta que abre sobre esta.—Á E. a porta da ante-sala, fechada com reposteiro de pano azul, orlado de amarello, com as armas da casa ao meio.—Á D. duas portas. Para o F., á E. da porta de comunicação com a outra sala, um bufete com tinteiro, etc.—*Trumeaux*, cadeiras o canapés; a mobilia branca e dourada de meias canas.

SCENA I

(Ao levantar do panno, um grupo de homens á porta do F. como vendo e admirando o que se passa na outra sala.—Ouve-se n'esta uma rebeca terminando o minuete da côrte.—Apenas acaba, muitas palmas em que toma parte o grupo da porta. Logo depois entram os personagens da scena seguinte, e a sala toma o aspecto de uma reunião ou assembléa do tempo.—As damas vêem successivamente sentar-se na ordem adiante designada.—Os homens ficam pela maior parte em pé diversamente grupados.)

SCENA II

D. FELICIA *pelo braço do* COMMENDADOR; *successivamente* D. MARIA

JOANNA, D. MARIA GERTRUDES, MORGADO, GONÇALO MENDO, DAMAS e CAVALHEIROS CONVIDADOS

D. FELICIA (*para fóra*)

Não o faz melhor o proprio Dupré!... Admiravel!... Divino!... Uma suspensão!... (*ao commendador.*) Ninguém dança o minuete da côrte como o sr. Thomaz Xavier... Uma gravidade... um garbo!... Viu, aquelle rasgado das cortezas?

COMMENDADOR

E a sr.[^]a D. Angelica?... Uma magestade... um donaire!

D. FELICIA.

É o par mais completo!... (*procurando com os olhos em redor.*)
Maria?... A minha filha?...

MARIA GERTRUDES

Estou aqui, minha mãe!

D. FELICIA (*sentando-se*)

Isso... Bem ao pé de mim, filha. (*ao commendador*) Não repare... Não me canço de repetir este nome de filha... Tinha-o quasi desaprendido!... Ainda o não creio... Ainda me parece tudo um sonho... Foi milagre, sr. commendador, não foi?

COMMENDADOR

Com razão symbolisaram os doutos e discretos o maternal affecto na ave chamada pelicano, figurando-a o dar-se a morte para dar vida aos filhos. (*continúa como conversando.*)

GONÇALO (*dando o braço a D. Maria Joanna*)

Se sua tia soubesse com quem desafoga aquelles enlevos!

D. MARIA JOANNA

E para que o ha de saber? Mais lhe vale ignorar sempre semelhantes vilanias. (*sentando-se.*) Foi meu cumplice no cumprimento do dever. Seja-o no segredo d'essas iniquidades.—É dever tambem.

GONÇALO

A que não me obrigará com a perspectiva de tal cumplicidade?—Cumplice!... Mediu bem a palavra?

D. MARIA JOANNA (*graciosamente*)

Medi. (*continuam conversando.*)

(Entra Francisco, como procurando alguém. Vê D. Maria Gertrudes, e vae tristemente encostar-se ao trumeau fronteiro.)

SCENA III

OS DITOS e FRANCISCO

D. FELICIA *(beijando D. Maria)*

A minha filha!... Bem parecia que me adivinhava o coração!... *(vendo Francisco.)* Sr. dr. Francisco Pedro, seu pae está na roda do *isque?*... Estas modas novas de Inglaterra fazem os homens bem pouco sociaveis!

FRANCISCO *(com melancolica resignação)*

Não, minha senhora... Não é homem de modas, meu pae.—Creio que o vi ao pé do padre procurador de S. Vicente.

D. FELICIA

Ai! se elle se fica a ouvir as historias que o sr. D. frei Caetano conta ás meninas, não sae de lá tão depressa... *(abanando-se.)* Porque não nos tem apparecido, sr. morgado da Gesteira?

(Acham-se todos dispostos como segue: D. Felicia n'um canapé á E., tendo ao lado D. Maria Gertrudes em cadeira.—N'outro canapé, defronte, D. Maria Joanna, e Gonçalo Mendo proximo, em pé.—O Commendador, que passou á extremidade D., sentado conversando

com uma dama. Junto d'este o morgado em pé.—Do mesmo lado, encostado ao trumeau, Francisco Pedro extatico para D. Maria Gertrudes, que não ousa levantar os olhos para elle.)

MORGADO

Não tenho tido mãos a medir, sr.[^]a D. Felicia, não tenho tido mãos a medir... Fui passar quatro dias ao pé da Arrabida... Não me deixava um amigo, homem poderoso, que tenho para aquelles sitios... Tudo por causa d'uma caçada de javardos... Sem mim não se podia fazer... Fui eu que dispuz os emprazadores. Fui eu que dirigi os couteiros. Fui eu que fiz chapear os cavallos por causa dos estrépes, e metter-lhes as çapatilhas e peitoraes de matto como é indispensavel. Fui eu que determinei a *calcada*... Finalmente, bateram-se duas moitas, e trouxemos nem menos de seis rezes grandes, uma cerva, dois vareiros e trez javardos... Só eu á minha parte, a tiro e á faca, matei sete.

COMMENDADOR (*sorrindo*)

Trouxeram seis, e matou sete!

MORGADO

É verdade. Perdeu-se um bique enorme... Sumiu-se no brejo que não foi possivel achal-o.

COMMENDADOR

Fez tudo o morgado. E os outros caçadores?

MORGADO (*ao commendador*)

Admiraram. (*a D. Felicia*) Antes de hontem passei a tarde n'uma academia de espada... (*ao commendador*) em casa de mestre Estevão da rua das Hortas... (*á companhia*) lá um genovez de quem se diziam maravilhas. E com effeito é homem desembaraçado na arte. Tirou a melhor de quantos contenderam. Eu estava alli a vêr, e não queria assim sem mais nem menos entrar em assalto com um estrangeiro, que não sabe a gente quem é... Mas os amigos, que me tinham levado alli... provavelmente já de proposito... começam a dizer-me: «Sr. morgado, isto é uma vergonha para o reino!... Sr. morgado, só v. s.^a póde desaffrontar a nação!... Sr. morgado, isto são pontos d'honra!...» Atacaram-me pelo meu fraco... Não pude resistir... (*fazendo menção de despir*) Largo o josésinho... pego na espada... colloco-me no recto... Ao terceiro passe, o genovez tira-me de quarta a fundo... Paro de forte contra forte!... Faço um prendimento rapido... Estava desarmado o homem! (*Gonçalo sorri.*) Não é por me gabar: confessou elle mesmo que nunca vira pulso tão rijo, nem uma agilidade assim!

GONÇALO (*com obsequiosidade ironica*)

Estava em boas mãos... a honra nacional!

MORGADO (*seccamente*)

Favores! (*continuando.*) Hontem fui a uma corrida de pombos a Carnide. (*negligentemente*) Não enfiei senão cinco. Deram-me para correr um cavallo quasi serril... E era á gineta, que se fosse á brida!... Hoje estava convidado para jantar em casa d'um

desembargador da Casa da Supplicação, meu amigo de tu. Chegou-lhe um cosinheiro de França, que faz na perfeição a sopa de natas e as tortas de espargos.—O meu amigo, sabendo como sou entendedor, fazia empenho no meu voto.—É também tarde de opera na Rua dos Condes. Representam uma coisa italiana que se chama... que se chama...

COMMENDADOR

Il Mercato di Malmantile... Uma opera nova.

MORGADO

Creio que sim. A estas primeiras representações nunca falto.

D. FELICIA

E não foi? Um peralta de quarto voto, como o sr. morgado!

MORGADO

Não fui... só para não faltar aqui logo no principio, e vir aos pés da sr.^a morgada!

D. FELICIA

Já vejo que me queixei sem razão. Uma pessoa como o sr. morgado nunca é senhora de si. (*ao commendador.*) E que tal é a opera?

COMMENDADOR

Não são para mim semelhantes futilidades. Em coisas de theatro só acho sabor aos gregos e romanos.—Sabia o titulo da opera nova, porque o vi na *Gazeta* de terça feira. Aqui a trago eu. (*tira do bolso uma folha impressa, em papel pardo, em quarto pequeno.*)

D. MARIA JOANNA

A opera nova?

COMMENDADOR

Não, minha senhora... a *Gazeta*. Já se sabe a razão por que o eleitor de Saxonia toma parte tão activa na liga germanica. Eu prophetisei-o sempre!

D. FELICIA

Não gosta do nosso theatro? Não tem razão. Queria que visse aquella peça intitulada... *As lagrimas da bellesa são as armas que mais vencem*... que se representou o anno passado no Bairro Alto... Faz chorar as pedras... E já não é o que era, aquella casa. Viu, sobrinha?

D. MARIA JOANNA (*que conversava com Gonçalo*)

Não vi, minha tia.

D. FELICIA

Em França também ha theatros e peças bonitas? Se hade haver!
Tem gracioso em todas, como cá? E magicas?

D. MARIA JOANNA

Ha de tudo, e com abundancia.—Para mim nunca achei auctor que me deleitasse como um chamado Molière. Não é dos modernos, nem está agora em voga; mas escreveu comedias, que ainda não li outras de igual verdade... duas sobre tudo... o *Tartufo*... Não conhece o *Tartufo* sr. commendador?

COMMENDADOR (*um pouco turbado*)

Não conheço senão os antigos... Terencio, Plauto, Aristóphanes...

D. MARIA JOANNA

Que pena! Pois é excellente comedia o *Tartufo*... E acho também um sainete particular ao *Importuno*... O sr. morgado da Gesteira devia dar uns annos de folga á monteria, ou á esgrima, ou á gastronomia, e aprender o francez... só para ler o *Importuno*!... Estou que havia de gostar.

(D. FELICIA *que a ouvia admirada*)

Vês, filha, que de coisas se sabem lá por fóra?

MORGADO (*a D. Maria Joanna*)

Os homens da minha condição não perdem o seu tempo com...

D. MARIA JOANNA (*atalhando ironicamente*)

Com um insignificante como Molière. Acho-lhe razão.

D. FELICIA

Em operas, vi eu já o que se póde ver. Quem assistiu em Queluz á opera da Galathea!... Eram os annos do principe D. José, e estavam para se ajustar as pazes com a Hespanha... Quem assistiu a uma coisa d'aquellas...

D. MARIA JOANNA

Ah! esteve no theatro da côrte?

D. FELICIA (*hesitando um pouco*)

Estive... alguma coisa de longe... Não era onde devia estar... mas estive... Alcancei entrada pelo sr. marquez de Marialva, que esse sabe dar estimação a quem a merece... Estive... Por signal fui achar entre as açafatas a mulher d'aquelle da alfandega... que se não sabe d'onde lhe veiu o dom... Não tem senão um criado d'almofada... e quando lhe vão visitas, chama pelo nome e sobrenome o criado de porta abaixo, que não ha outro na casa, para figurar de escudeiro... Estava lá, estava alli, ella, em quanto pessoas que sempre se trataram á lei da nobreza... Açafata aquillo!... Não foi senão por empenho do Estacio, o bobo do paço, algum dia que teve a fortuna de fazer rir Suas Magestades... Aquillo

açafata!... Ai!... Ai!... Maria, filha... a agua de Melissa... depressa!...

D. MARIA JOANNA E D. MARIA GERTRUDES (*erguendo-se como para socorrer-a*)

Tem alguma coisa?

D. FELICIA

Não é nada... o meu hysterico!...

D. MARIA JOANNA (*ameigando-a*)

Passou?... Passou... (*voltando a sentar-se.*) E a Galathea?

D. FELICIA

Isso sim!—A Galathéa, de Metastasio, com musica do Antonio da Silva... a orchestra dirigida pelo João Cordeiro... tudo professores da real capella!... Pois os cantores!... Vindos de Italia de proposito... o Romanini, o Violani... o Violani principalmente... Umas volatas... uns gorgeios... uma... uma suspensão!... Não espero tornar a ouvir cantar assim... E depois o baile d'Alberti!—E as pessoas reaes!... E toda aquella côrte... Não se via senão sedas, veludos e oiro!... E que tellas, que pinturas, que lustres!... Theatro aquelle! Opera aquillo!... o mais...

SCENA IV

(Entra um escudeiro velho e dirige-se respeitosamente a D. Felicia.)

D. FELICIA

Que quer, João Rodrigues? *(a D. Maria Gertrudes)*—São já sete horas?

D. MARIA GERTRUDES *(distraída, e sem levantar os olhos)*

São.—Hão de ser.

D. FELICIA *(vivamente)*

Que tens?... Triste agora!

D. MARIA GERTRUDES *(constrangendo-se)*

Triste, eu?—Nunca estive tão alegre!...

(O escudeiro diz algumas palavras em voz baixa a D. Felicia.)

D. FELICIA *(ao escudeiro)*

Já sei, já sei. Ponha a banca e as urnas na outra sala. *(Levanta-se, e todos. Aos circunstantes.)* São horas do nosso chá. *(indo a uma das damas presentes.)* A menina Escolastica hade-nos cantar depois aquella modinha brasileira com primeiras e segundas... tão linda, tão linda... uma suspensão mesmo!... Aquella... Recordase?... *(achando.)* Ah! «Os Melindres da Sinhá!» Canta, riquinha, sim?

D. MARIA JOANNA (*a Gonçalo*)

Se não estiver com a rouquidão do costume.

GONÇALO

Está decerto, em quanto não chegar o seu tudo.

D FELICIA (*a outra*)

A sr.^a D. Euphrasia das Neves faz a segunda e o sr. D. frei Caetano acompanha-as ao cravo... (*a uma dama.*) Alli onde o vê, o meu cravo foi o primeiro cravo de martellos que veio a Lisboa... já depois da guerra de 62, creio... Mandou-o vir Sua Alteza o sr. conde de Lippe, que era grande tocador, e muito divertido, (*a Gonçalo Mendo.*) Lembra-se da guerra de 62?...

GONÇALO

Uma guerra que não passou do principio?

D. FELICIA

Desculpe... Não póde lembrar-se... Tive um primo nos reaes voluntarios... foi morrer á India. A proposito, o nosso cadete? O seu amigo Bocage demora-se... Estou vendo que nos falta hoje!... Logo hoje que não veio outro, e estão cá tantas pessoas para o ouvir!...

GONÇALO

Não falta. (*em voz baixa*) Mas pelo amor de Deus, sr.^a morgada, não lhe diga isso...

D. FELICIA

Isso o quê?

GONÇALO

Que lhe faz falta por não ter outro. É capaz de se declarar mudo... se não fizer pior!

D. FELICIA

Sempre lhe digo que tem um tal genio, o cadetinho!

GONÇALO

Desculpe-o. Não é poeta como os outros.

D. FELICIA

Fazem-se sempre assim. Em ganhando fama!... (*como em confidencia ao commendador, que veio dar-lhe o braço*) É a novidade, que eu cá para mim acho mais chiste ao padre Braz... e mesmo ao Caldas.

COMMENDADOR

Pois tem dúvida!—Chamarem áquillo poeta!...

D. FELICIA

Ai! nem tanto!... (*Saem.*)

(Vão saindo todos. Fica em ultimo logar Gonçalo Mendo com D. Maria Joanna pelo braço.)

GONÇALO (*em quanto os outros saem*)

Que me diz ás nossas assembléas? Francamente, lembra-se com pena do seu Paris?

D. MARIA JOANNA

Pensa que não há ridiculos tambem? Não tenho pena! Vaidades? Ólhe a lucta de Marmontel e do abbade Arnaud por causa de Gluck e do Orlando. Vícios? Ólhe o processo do cardeal de Rohan o anno passado, a prisão da condessa de la Mothe, e as negras machinações de Cagliostro!... Se visse o que de lá me escrevem!

GONÇALO

Devéras; não lhe dão saudades?

D. MARIA JOANNA (*gentilmente*)

Cada vez menos.

GONÇALO (*transportado*)

Oh!... Quando poderei eu ter esperanças?

D. MARIA JOANNA (*como acima*)

Não começou já?

SCENA V

OS DITOS, BOCAGE (*da E.*)

GONÇALO (*vendo Bocage*)

Ah!... Ahi chega o nosso poeta. Permite-me que lhe falle em quanto vão ao seu chá? (*conduzindo-a á porta da outra sala.*)

D. MARIA JOANNA

Permitto que vá da minha parte agradecer-lhe.

SCENA VI

GONÇALO e BOCAGE

BOCAGE

Pelo que vejo parece-me que lhe posso dar os parabens.—Pois dou, e de todo o coração. É mais do que formosa a sr.[^]a D. Maria

Joanna... é mais do que discreta... é uma alma grande, d'essas que é fortuna encontrar. Como ella se despojou facilmente e alegremente da maior parte dos bens, que desde pequena tinha como seus!

GONÇALO

É o menos, isso. Era dever: bastava. Tem raras qualidades em tudo... por isso a adorava já de longe...

BOCAGE

Ah! confessa?

GONÇALO

Posso confessal-o... agora.

BOCAGE

Porque a adora... de perto. Foram então a proposito os parabens!

GONÇALO

Os parabens, ainda não.

BOCAGE

Mas não podem tardar.

GONÇALO

Mais caso de parabens é o seu. A transformação da menina da casa engrandece o objecto das suas predilecções. Em vez da humilde afilhada, pobre e dependente, acha uma boa familia e uma rica herdeira!

BOCAGE (*despedidamente*)

Por causa d'isso estive para não vir!

GONÇALO

Porquê? Não lhe tem já amor? Bem me dizia então...

BOCAGE

Dizia mal... O que lhe dizia não se entendia com esta!... Não lhe tenho já amor? Tenho. E bem devéras, e bem de dentro... De certo o primeiro da minha vida... e... quem sabe?... talvez o ultimo! Mas o que provocou este amor desapareceu. Foi-se o que lh'o fazia grato, o que m'o fazia generoso. Foi-se-lhe com a condição, foi-se-lhe com a orphandade.

GONÇALO

Se tem esse modo de encarar as coisas...

BOCAGE

Poucos me hão-de entender. Poucos me entendem com effeito. Mas entende-me o sr. Gonçalo Mendo... Sei já que entende.—Rica! Rica? E eu que lhe levo em troca?... Dirão que lhe procuro a riqueza!... Dirão que fiz do affecto um pretexto, do carinho um degrau, da paixão uma usura!... «A poesia áquelle serviu», repetirá contente por ahi a turba vilan dos malevolos e dos zoilos... Arrendou-a por contrato... poz a lyra a juros... vende mais caro o coração que as obras.»—Dirão isto, dirão... e Deus sabe o que mais... E o grande numero crê... e não poucos applaudem...—Vender-me, eu!... Eu, Bocage!... Vender o coração! vender a musa!... esta musa indomita e indomavel!... Oh! basta que o suspeitem!

GONÇALO (*calorosamente*)

Pois a taes considerações sacrifica a felicidade? Pois...

BOCAGE

A felicidade?... Seria... Aqui presinto que era... Mas o orgulho a sublevar-se-me de continuo!—Resistiria a felicidade a similhante procella?—Podia a donzellinha modesta ser a estrella pollar do poeta sem graus nem haveres... Podia em quanto era o infortunio... Deixou de ser a constellação melancholica das noites saudosas; fez-se o astro d'oiro dos dias refulgentes!... Era... era a felicidade no amor casto, no puro enlevo... Veiu a fatalidade, e levantou em seu logar o idolo das multidões.—Esse não póde ser o idolo de Bocage!

GONÇALO

Tudo exagera... tudo leva ao extremo. É de condição distincta. Casando com a herdeira, póde desafogadamente cultivar o talento, aproveitar o estro, e servir a patria... O que recebe em fortuna, paga-o em gloria!

BOCAGE

Bocage casar! Casar eu!... Curvar o collo a esse jugo!... roxear os pulsos com esses grilhões! Sujeitar-me a esse perenne captiveiro!... Eu!... Que mal me conhece!—É pouco para mim o ar e o espaço... Toda a idéa de sujeição me opprime como as grades de um carcere... Alexandre de Macedonia, no auge do poder, visitou em Corintho o philosopho que da miseria extrema fazia officio e gala. —«Pede sem receio. Que queres de mim?» disse o grande conquistador.—«Que te affastes d'ahi, para me não tirar o sol,» respondeu o festivo indigente. Tenho alguma coisa do espirito d'esse philosopho... Acima de todas as venturas ponho uma... a verdadeira, a maior, a superior, a unica... a minha independencia!

GONÇALO (*severamente*)

Que quer então fazer? Desvalida ou abastada, a menina da Torre da Palma é uma flor de candura.—Quer-lhe inutilisar sem fito os breves annos juvenis?... Quer-lhe immolar a mocidade?... A quê?... Ainda ha pouco estava ahi um pobre moço, penando por ella que fazia dó... penando uma paixão sincera e sem egoismo. Sabe quaes são os intentos d'esse mancebo? Deixar o lar e a patria... só para não vê-la indifferente!...

BOCAGE (*arreatado*)

Quem é?

GONÇALO

Conhece-o já... É o filho de Manuel Simões, que se doutorou ultimamente.—É um rapaz honrado... é rico também... e começa uma carreira estimada. Podia fazel-a feliz... e fazia de certo. Com que direito a priva se não póde compensal-a? Julgaria elle destino invejavel o que o sr. Bocage reputa insupportavel prisão!

BOCAGE (*pensativo*)

E ella?

GONÇALO

Ella, a pobre innocente, sabe lá!—Diga-me, o que quer fazer?

BOCAGE (*pensativo*)

Não sei. (*reparando para dentro*) É o morgado da Gesteira, e o commendador de Monsarás, que vejo na outra sala?

GONÇALO

São.

BOCAGE

Aqui? ambos!

GONÇALO

Ambos.—A sr.^a D. Maria Joanna deseja formalmente que se não falle do que se passou com elles em casa do mercador. E tem razão. Impõe-lhe este dever a delicadeza. Não podemos publicar a parte vergonhosa, que tiveram no caso, sem dar occasião a divulgarem elles a fraqueza do capitão-mór.—Isso quer evitar a sr.^a D. Maria Joanna por attenção á memoria de seu tio. Calando nós, calam-se forçosamente os dois. Que estamos todos na resolução de nos calar, já o Commendador percebeu, e d'ahi tiram ambos a audacia.—Comprehende agora o nobre silencio da sr.^a D. Maria Joanna, e a presença do Commendador e do Morgado?

BOCAGE

Comprehando o silencio: não comprehendo a impudencia. Esses homens não teem sentimentos!

GONÇALO

Se tivessem sentimentos não faziam o que fazem. Eil-os ahi.

BOCAGE

Vamo-n'os então, nós. Custa-me a conter.

SCENA VII

OS DITOS, COMMENDADOR e MORGADO

(Gonçalo e Bocage vão a sair. Os dois veem entrando. Encontram-se.)

COMMENDADOR *(indo prazenteiramente a Bocage, e oferecendo-lhe a mão)*

Oh! sr. Bocage! Como vae?

BOCAGE *(sem lhe dar a mão, passando)*

Vou para diante! *(Sae com Gonçalo para a outra sala.)*

SCENA VIII

COMMENDADOR e o MORGADO

COMMENDADOR *(tirando a caixa e encolhendo os hombros)*

Mocidade imprudente!

MORGADO

Vê, commendador? Não temesse eu que fallassem, e saberiam...

COMMENDADOR

Não fallam. Se o podessem fazer, já o tinham feito.

MORGADO

O que lhe invejo é o socego.

COMMENDADOR

Claudiano diz: «O espirito do sabio é semelhante ao cume do Olympo; fica tão superior aos ventos e ás nuvens, que nunca as tempestades o inquietam.»

MORGADO

Mas eu que não sou sabio... nem tenho pena... aqui estou agora... (*olhando em redor*) Ninguém nos ouve... Aqui estou agora sem dinheiro, sem casamento, e sem esperanças.

COMMENDADOR (*saboreando a pitada*)

Sem esperanças!... Porquê?—Sua prima tem ainda a casa de Val-moreo. Cinco mil cruzados de renda, creio que me disse... Não é o mesmo, seguramente... um terço apenas do que era... mas nas suas circumstancias actuaes... Pela minha parte sou justo. (*olhando em redor, em voz baixa*) A escriptura de divida, não será já de trinta, será de dez mil cruzados. Dispenso a sege.

MORGADO

Pois teima ainda! Não se desenganou com o desastre do outro dia?

COMMENDADOR

O outro dia... veja o que tirou das suas duvidas e espalhafatos! Quintilliano tem por vergonha desesperar do possível. Eu nunca me desengano em quanto vejo remédio.

MORGADO

Remédio! Mas que remédio? Não vê como o tenente anda todo derretido para minha prima? Não vê como ella o attende? E agora, de mais a mais, que está senhor de uma boa casa.

COMMENDADOR

Extranho-o. Pois é possível imaginar que póde alguém competir com o Morgado?

MORGADO

Não digo isso...

COMMENDADOR

O tenente fica por minha conta. Tenho que lhe pagar uma divida... e ao Bocage também. Nós sabemos esperar... e nada esquecemos. Não ha inimigo peor do que o inimigo que espera e não se espera. *Inexpectatus hostis*, lhe chama Ovidio, Sulmonense.—Sua prima está já casada, porventura?

MORGADO

Mas aquelle ajuste que ella ouviu! a impressão que lhe ficou!

COMMENDADOR

Empregue tambem pela sua parte algum esforço. Não sejam tudo vozes vãs.—Se estivesse no seu logar, d'isso mesmo faria um merecimento mais. Attribua-me toda a culpa. Indigne-se bem contra mim: não tem duvida. Diga-lhe que foi a desesperação, o amor, o desejo de alcançar a sua mão. As damas raramente deixam de se convencer d'isso. Affirme-lhe que vive no meio de um incendio... como a salamandra... Ainda que Gesnéro assevera que a cinza de salamandra é remedio soberano, e d'ahi se deva concluir que mal poderá viver no fogo o que se reduz a cinzas... Em fim pinte-lhe ao vivo as chammas em que se abraza... (*enfastiado*) Isso é com o Morgado, não é commigo.—Convem-lhe ou não lhe convem ainda o casamento?

MORGADO

Se convem! O que eu não sei é como se ha de agora estorvar o tenente!

COMMENDADOR

Sei eu (*olhando para dentro*). Acabou o chá. Ahi vem todos outra vez. (*Vae ao F. dar o braço a D. Felicia para a conduzir para o seu logar*)

SCENA IX

OS DITOS, D. FELICIA, D. MARIA JOANNA, D. MARIA GERTRUDES, BOCAGE, GONÇALO, FRANCISCO e CONVIDADOS

D. FELICIA

Que pena ter enrouquecido a menina Escholastica! Tambem, havia de ir logo sentar-se ao pé do corredor... Não foi senão o ar da porta com o calor do chá... (*á Dama*) Quer a sua pelicia, minha joia? (*gesto negativo*) Tomára que ouvissem!... Canta as modinhas brasileiras como ninguem... Tem uma graça n'aquelles tons menores!... É mesmo...

COMMENDADOR (*atalhando*)

Uma suspensão.—E é, na verdade, é.

GONÇALO (*a D. Maria Joanna*)

Não lhe dizia eu? Faltou-lhe o seu *tudo*.

D. MARIA JOANNA

Faltando-lhe... tudo, como havia de ter voz!

GONÇALO

São os namorados mais extremosos! Ella, sangrou-se ha tempos. Elle, foi logo procurar o cirurgião, e deu-lhe cinco moedas pela

lanceta!

D. FELICIA

Felizmente veio o sr. Bocage. Não imagina como estamos impacientes por ouvi-lo. (*Sentam-se. Tomam todos os seus anteriores logares. Unicamente D. Maria Gertrudes passa á E. de sua mãe. Bocage fica em pé junto a D. Felicia na extremidade E. e o Commendador em pé ao lado do Morgado, defronte.*) Aqui é melhor, não? O padre procurador não acaba com as suas historias!...

BOCAGE

Pedi já desculpa, sr.[^]a morgada. Fui passar o dia ao Lumiar. Na volta demorei-me mais do que desejava no Campo Pequeno. Ha toiros ámanhã.

GONÇALO

No Campo Pequeno? Tinham-me dado idéas. É cavalleiro o Manuel dos Santos, não?

BOCAGE

É. E o Romão a pé.

MORGADO (*intromettendo-se*)

Tem disposições o Manuel dos Santos. Chama bem á estribeira; mas não tem pulso para o rojão, e á espada é fraco. O Romão com as farpas não vae mal. Se um dia me resolver...

BOCAGE (*cortando-lhe a palavra, a D. Maria Joanna*)

A sr.^a D. Maria Joanna vae?

D. MARIA JOANNA (*que estava entretida*)

Como, sr. Bocage? (*percebendo*) Não vou. Confesso que não é dos divertimentos mais do meu gosto.

D. FELICIA

Ouvi que se não correm touros em França. Naturalmente hão de dizer mal de nós por isso.

D. MARIA JOANNA

Nem todos. Ao conde de Saint-Germain, que os tinha visto em Hespanha no tempo de Filippe V, ouvi eu que era apaixonadissimo.

BOCAGE

No tempo de Filippe V! Quantos annos tem hoje esse conde de Saint-Germain, e quantos tinha quando esteve em Hespanha?

D. MARIA JOANNA

Esteve em Hespanha e percorreu o mundo. O conde de Saint-Germain é um viajante como não ha outro. Beijou a mão a Francisco I na vespera da batalha de Pavia; conheceu El-Rei D. Sebastião quando se preparava a expedição d'Africa; e teve em Cuba amisade com Fernando Cortez antes de este ir conquistar o Mexico.

BOCAGE (*rindo*)

Parece tão convencida! Ninguém dirá que está gracejando.

D. MARIA JOANNA

Mas não estou.

BOCAGE (*rindo*)

Ha então em França Mathusalens ainda? Julgava perdida a especie.

D. MARIA JOANNA

Um Mathusalem! Na apparencia não. Quem o vir dirá que tem a idade do sr. Morgado, pouco mais ou menos... (*maliciosa*) antes para menos que para mais.

MORGADO

E conheceu El-Rei D. Sebastião! Essa agora!...

D. MARIA JOANNA

Diz elle. Pergunte ao sr. Commendador, que o viu na embaixada, e lhe fallou nas salas do meu contra-parente D. Vicente de Sousa. É verdade, sr. Commendador?

COMMENDADOR

É verdade. E viu-o toda a gente em Paris. O conde affirma que possui o elixir da immortalidade. Só assim.—O grande Raymundo Lullio refere...

BOCAGE (*cortando-lhe a palavra, a D. Maria Joanna*)

E os parisienses acreditam isso?

D. MARIA JOANNA

Acreditam.

BOCAGE

Fallem-me então na credulidade portugueza.

D. MARIA JOANNA

Duvidaram ao principio. Agora vão-lh'o negar! O conde sabia os segredos de todos... Não admira, tendo vivido e viajado tanto!... Está lá, ainda creio... Se acaso se lembra de dar uma volta por

Lisboa... Ha de ser incommodo, um homem que está senhor dos segredos de toda a gente... Não lhe parece, sr. Morgado?

MORGADO (*balbuciante*)

Por mim...

D. FELICIA

Coisas de estrangeiros! Eu, se tal visse, tinha o meu hysterico, por força. Nome da Benta Hora! Credo!

BOCAGE

E eu quizera encontral-o, para satisfazer uma curiosidade. Desejava perguntar-lhe... visto que tanto andou e tanto sabe... se alguma vez, nas suas longas peregrinações, encontrou figurão mais sem pejo... do que dois sujeitos do meu conhecimento.

COMMENDADOR (*baixo ao Morgado*)

Estão apostados a molestal-o. Não succumba.

MORGADO (*idem*)

Vae vêr. Deixe... Deixe que vae vêr.

D. FELICIA (*a Bocage*)

Queria encontrá-lo? Não diga isso.—N'estas conversas se vae o tempo, e nada se faz.—Sr. Bocage... Um improviso dos seus... Quem dá mote?... Dê mote, sobrinha!

MORGADO

Versos a motes quem quer faz... Não tenho eu querido, senão... Versos a motes!... Sempre ouvi dizer que era o *A B C*... e está claro que é (*sem achar saída*), porque os versos com os motes e os motes com os versos... ou para fallar mais claro, os versos sem os motes e os motes sem os versos...

COMMENDADOR (*sugerindo-lhe indirectamente a idéa*)

O mote com effeito é uma sentença, que serve de assumpto, e põe a caminho o engenho. O principal está feito. O mais é ajustar palavras e combinar as rimas. Com algum exercicio não é difficil!

BOCAGE (*medindo-os admirado e retraído*)

Ah!

COMMENDADOR (*continuando*)

Mote querem alguns que venha do latim *motus*, que significa movimento. E bem se póde ter que assim é, porque do mote em verdade nasce o impulso que faz mover o estro...

MORGADO (*atalhando*)

É o que eu queria dizer. O mote vem a ser tudo... Mais por aqui, mais por alli, é tudo o mote.—O mote é o assumpto; não havendo mote não ha assumpto; e ahi é que está! (*satisfeito de si e com extrema volubilidad*e) Fazer versos sem assumpto não é para qualquer: tem de se tirar tudo da cabeça, assim de repente, do pé para a mão, sem mais nem mais. Tambem não sei porque se ha de pedir mote. Quando uma pessoa monta a cavallo não precisa de mote para fazer os piafés, e as curvetas, e as balotadas, e as garupadas; nem tão pouco se dá mote quando qualquer mette mão á espada, e entra a executar batiduras, ligamentos, juntamentos, cambiamentos, tentamentos, e esquivamentos. Eis ahi. Isto é que eu queria... Chegar um homem, não esperar por mais, nem esfregar a testa, nem pôr os olhos em alvo, bater as palmas e logo alli, zás... como quem deita um foguete de sete respostas!...

BOCAGE (*atalhando e batendo as palmas*)

Lá vae!

COMMENDADOR (*sorrindo*)

Sem assumpto?

BOCAGE

Está ahi defronte, o assumpto.

Famosa geração de falladores
Consta que foi, Morgado, a origem tua,

Que nem todos os cães, ladrando á lua,
Tiveram que fazer com teus maiores:

Um a lingua ensinou dos palradores;
Outro, o motu continuo achou na sua;
Outro, além de encovar toda uma rua,
Açaimou n'uma junta a cem doutores:

Teu avô, santanario venerando,
Soube mais orações que mil beatas,
Com reza impertinente os ceus zangando:

Teu pae foi um trovão de pataratas:
Teu tio, o bacharel, morreu fallando;
Tu, fallando sem tom, não morres—*matas*!

TODOS (*applaudindo*)

Bravo! bravo!

MORGADO (*engasgado de raiva*)

Sr. Bocage!... Sr. Bocage!...

BOCAGE (*fitando-o serenamente*)

Que é?...

COMMENDADOR (*com o seu sorriso, ao Morgado*)

Agasta-se? De quê? Não tem razão... São facecias innocentes, e muito graciosas na verdade!... (*Gonçalo passa disfarçadamente para o lado de Bocage*) Mais picantes ainda as fez Juvenal!... Se fosse verdadeiramente improviso, era deveras um primor... E não digo que não seja... Mas é facil trazer estas coisas estudadas já... (*Bocage estremece de indignação ante a contradictoria perfidia.— Gonçalo que lhe está ao pé detem-o.*)

GONÇALO (*baixo*)

Querem fazel-o sair de si. Com algum fito é. Modere-se.

COMMENDADOR (*observando*)

Depois, os conceitos naturalmente andam preparados com antecedencia.

BOCAGE (*sem poder ter-se, batendo as palmas*)

Lá vae!—Sr. Commendador, permitta-me descrever-lhe um certo individuo... do nosso conhecimento... á moda de Juvenal!

Do Sena, que foi ver por seu desdouro,
Um pedante voltou, de escassa fama,
Que os livros cata, os cartapacios ama,
E n'elles julga os annos um thesouro:

Traz laivos de francez, arranha o mouro,
Sabe que Deus em turco *Allah* se chama,
Que no grego alphabeto o *G* é *gamma*,
Que *taurus* em latim quer dizer touro:

Tem de velhos canhenhos chocho extracto;
Abocanha talentos que não gosa;
Se rosna, prega unhas como um gato:

Achareis na pintura rigorosa
Um fofo sabichão, posto em retrato,
Que é nada em verso, quasi nada é prosa!

*(Impressão de assombramento. Ninguém ousa applaudir.
Segredam todos mutuamente.)*

COMMENDADOR *(parecendo satisfeitissimo)*

Muito bem, muito bem, sr. Bocage. Esse sim. A isso é que se chama responder *apposité*. *(O escudeiro, vem apressadamente a D. Felicia, e falla-lhe em voz baixa)* Retrato lhe chama, não? Vê-se que é: ha de mostrar-me o original. Mas cuidado, não o saiba elle!...

D. FELICIA *(ao escudeiro)*

Que me diz! *(erguendo-se alvoroçada)* Meus senhores, o sr. marquez de Marialva está ahi. *(levantam-se todos.)*

SCENA IX

OS DITOS e MANUEL SIMÕES

MANUEL SIMÕES *(alvoroçado)*

O meu compadre! Está ahi o meu compadre? (*a Francisco.*) Olha que é o teu padrinho, Francisco.

D. FELICIA

Valha-me Deus! Sem estar nada prevenido... Mande abrir já o portão, João Rodrigues. (*O escudeiro sae vivamente para a E.*) Querem fazer-me o favor de me acompanhar?...

MANUEL SIMÕES

Vamos esperal-o todos!

D. FELICIA

Vamos receber sua excellencia.

(*Saem todos. Fica só o morgado passeiando agitado, e o commendador observando-o.*)

SCENA X

COMMENDADOR e MORGADO

MORGADO (*depois de os ver sair*)

Ter a confiança de me tratar por tu!... D'esta vez faço uma fallada!... Ambos... hão de ser ambos!... Fizeram bem em

aproveitar a ocasião de se esgueirar.... Não podia já conter-me!...
E agora...

COMMENDADOR (*tomando-lhe o braço*)

Deixe-se d'isso.

MORGADO (*forcejando para se desembaraçar, e mais agitado*)

Não me sustenha, commendador, não me sustenha!

COMMENDADOR (*largando-o*)

Aonde quer ir?

MORGADO

Aonde quero ir? Boa pergunta! Aonde quero ir!... (*forcejando como antes.*) Não me sustenha... (*vendo que o não sustem, e hesitando.*) Quê?... (*em grandes passos.*) Não me sustenha... Quero dizer, sustenha-me, sustenha-me, senão vou fazer uma grande desgraça!...

COMMENDADOR

Accommode-se. Não ouviu quem vem ahi?

MORGADO (*estacando transido.*)

São elles?

COMMENDADOR

Não, homem. Não sabe que é o marquez?

MORGADO

Não são elles? (*recomeçando as bravatas.*) Podéra! Olhem se nos apparecem agora! Olhe lá se voltam senão no meio de toda essa gente!... Cobardes!

COMMENDADOR

Esteja quieto. Estamos aqui sós... e já nos conhecemos!

MORGADO

Então isto hade ficar assim?—Não é senão o tenente que mette a caminho o Bocage para nos chasquear. Não o viu ha pouco ir ter com elle?—Isto hade ficar assim!...

COMMENDADOR (*com o seu sorriso*)

Não lhe disse já que não... Andam a semear!... Deixe, que hão de colher!... Ouve? O marquez subiu já. Vamos tambem. (*Dirigem-se á porta da E.. Entra o escudeiro, corre o reposteiro, e colloca-se á humbreira. Os dois tomam tambem de uma e outra parte logar á*

porta.—Entra o marquez, ao lado de D. Felicia, e seguido de toda a companhia anterior.)

SCENA XI

MARQUEZ, D. FELICIA, D. MARIA JOANNA, D. MARIA
GERTRUDES, MANUEL SIMÕES,
FRANCISCO, GONÇALO, BOCAGE, COMMENDADOR,
MORGADO e CONVIDADOS

MARQUEZ

Se soubesse que vinha incommodar-a, sr.ª morgada...

D. FELICIA

Incomodar-nos, v. ex.ª! Estava bem longe de esperar tamanha honra, e por isso...

MARQUEZ

Cheguei ha pouco de Cintra, e achei em Belem uma carta de Martinho de Mello, que me obrigou a vir logo aqui.—Passei por sua casa, Simões... Disseram lá ao meu volantom, que tinha ido com seu filho de visita á sr.ª morgada.—(*a D. Felicia.*) Vim assim mesmo, com as minhas saragoças... Não esperava encontrar tão luzida companhia.—Como é caso de pressa não queria perder a ocasião.

MANUEL SIMÕES (*sem perceber*)

V. ex.ª dignou-se passar por minha casa... é negocio de pressa...

MARQUEZ

Um negocio com o meu afilhado... Onde está elle?

FRANCISCO (*apresentando-se respeitoso*)

Meu padrinho!

MARQUEZ (*em confidencia*)

Teu pae sempre o hade saber... e mais vale que seja agora, diante de mim. (*alto.*) A nau de viagem sae para a semana. Já vês que se não póde perder tempo.

MANUEL SIMÕES (*attonito*)

A nau de viagem... o Francisco!...

D. FELICIA.

O sr. marquez de pé! (*offerecendo-lhe o canapé.*) Sr. marquez...

MARQUEZ

Não me demoro... (*indicando a cadeira junto ao bufete.*) Prefiro aquella cadeira. Está alli um tinteiro, e hade ser preciso... (*a Francisco.*) Fui eu mesmo fallar a Martinho de Mello. Achei-o em boa occasião. Serviu-me logo, sem objecções... que é raridade. Pediu-me só que lhe mandasse o nome por escripto... Não sei como... as minhas distracções do costume... passou-me de todo.

Agora, á volta de Cintra, recebo uma carta d'elle, e dentro o decreto já assignado, dizendo-me que fôra expedido com o nome em branco para não causar atrazo, vista a proximidade da partida... Venho remediar o esquecimento. (*Dirige-se á cadeira indicada, e senta-se. Sentam-se as damas.*)

MANUEL SIMÕES

Mas, meu senhor... V. ex.^a foi fallar ao ministro da marinha? Por causa de meu filho?... Traz-lhe um decreto!... Sou pae, sr. marquez... não se hade estranhar... Um decreto de quê?

MARQUEZ

De guarda marinha para Gôa.

MANUEL SIMÕES (*aterrado*)

Guarda marinha!... Para Gôa!... quando eu pensava... quando esperava... E pediu meu filho semelhante coisa a v. ex.^a... pediu-lh'o sem me dizer nada!

MARQUEZ

Ponderei-lhe isso mesmo... aconselhei-o... Deu-me razões que me convenceram. Entendo que faz bem... As viagens são distracções poderosas... são convenientes á mocidade... Voltará quando fôr tempo... e espero que será breve... Se lhe não convier a vida do mar, dará baixa... Agora é bem que vá.—Simões seu filho está formado, não se lhe póde oppôr... Dê-lhe o seu consentimento.

Peço-lhe que dê, e digo-lhe que o deve dar... (*a Francisco.*)
Aprompta-te quanto antes. Embarcas para a semana.

D. MARIA GERTRUDES (*sem poder já, levando a mão ao coração.*)

Ai! Jesus!

D. FELICIA

Que tens... que tens, Maria?... (*vendo-a debulhada em lagrimas.*)
Ai! a minha filha... A agua de Melissa... a agua da Rainha d'Hungria!... (*acodem todas as damas a soccorrel-a.*) Não repare v. ex.^a, sr. marquez... é minha filha!

MARQUEZ (*erguendo-se*)

Sei... sei já... É coisa de cuidado?

D. MARIA JOANNA

Não é nada. Um pequeno espasmo. Passa já.

GONÇALO (*de parte a Bocage, indicando D. Maria Gertrudes*)

Vê?

(*Bocage contempla-a meditativo.*)

D. MARIA GERTRUDES (*com esforço*)

Não foi nada... Um affrontamento.

FELICIA

O melhor é recolheres-te ao teu quarto. Queres?

D. MARIA GERTRUDES (*vivamente*)

Não, não, minha mãe... Não é nada.

(Retomam todos os seus logares. O marquez senta-se de novo.)

MARQUEZ (*a Manuel Simões*)

Então, Manuel Simões, consente?

MANUEL SIMÕES

Que remedio... É desejo d'elle... e v. ex.^a a approva.

MARQUEZ (*tirando o decreto, desdobrando-o sobre a meza, e tomando a penna.*)

Vamos... é pôr o nome, e podemos dar os parabens ao novo guarda marinha.

(Bocage passa lentamente por detraz de todos dirigindo-se ao bufete.)

MANUEL SIMÕES (*tristemente, ao filho*)

Sempre cuidei que te acharia ao pé de mim... para me fechar os olhos.

FRANCISCO (*lançando-se-lhe commovido nos braços*)

Meu pae!

MARQUEZ (*acabando de ler o decreto*)

«Samora Correia, em 31 de janeiro de 1786. Com a rubrica de Sua Magestade.»—Está em ordem. (*Sem levantar os olhos.*) O nome todo?

BOCAGE (*atrás do marquez*)

Manuel Maria Barbosa Hedoís de Bocage!

(*Espanto nos circunstantes.*)

MARQUEZ (*erguendo attonito o rosto, e depondo a a penna*)

Quê?

BOCAGE (*mostrando Francisco nos braços do pae*)

Será elle que deva partir?

MARQUEZ

Mas sabe porque o meu afilhado quer embarcar?

BOCAGE

V. ex.^a deseja-o feliz?... Deseja... é o seu coração, e o seu costume.

Permitta-me que faça por um momento as suas vezes, e verá...
(*indo ao*

grupo do pae e do filho.) Desculpe, sr. Manuel Simões. (*tomando Francisco pela mão, em voz baixa.*) Não viu já que o ama? (*indo a D.*

Maria Gertrudes, em voz baixa e rapida, indicando-lhe Francisco.)

Quer-lhe como ninguém. (*alto a D. Felicia.*) Sr.^a morgada da Torre da

Palma, estou auctorisado a pedir a mão de sua filha para o sr. dr. Francisco Pedro Simões. (*Atenção geral.*)

D. FELICIA (*assombrada*)

A mão de minha filha... Se não fosse o respeito do sr. marquez, tinha o meu hystérico!... A mão de minha filha!... D'esse modo!... tão de repente!... (*depois de breve pausa*) O sr. Manuel Simões é um homem honrado; estimo-o; sou-lhe obrigada, não nego... mas... mas elle bem sabe que a nossa jerarchia... (*O marquez ergue-se. Erguem-se todos.*)

MARQUEZ (*intervindo*)

Perdoe, sr.^a morgada... O meu afilhado segue uma profissão nobre... Doutorou-se... poderá em breve alcançar algum despacho de Juiz de fóra... Como seu padrinho tenho obrigação de lhe dar um presente de noivado. (*baixo*) Fallei já á rainha, minha senhora, a respeito da sr.^a D. Felicia.—O presente que destino ao meu afilhado é um alvará de açafata para sua sogra.

D. FELICIA (*encantada*)

Ai! sr. marquez! Devéras? Filha, filha, a minha agua da rainha d'Hungria!...

MANUEL SIMÕES (*baixo ao commendador em tom supplicante*)

Sr. commendador, posso dizer que sim ao casamento?

COMMENDADOR

Embarca o Bocage? (*Gesto affirmativo de Manuel Simões*) Póde.

MARQUEZ (*proseguindo a D. Felicia, mais baixo*)

Depois, Manuel Simões dá ao doutor quarenta mil cruzados. Excellente occasião de restaurar a Torre da Palma, que o precisa. (*a Manuel Simões*) Não dá quarenta mil cruzados a seu filho, Simões?

MANUEL SIMÕES (*no auge de alegria*)

Não, meu senhor. Dou sessenta.

MARQUEZ (*baixo a D. Felicia*)

Por causa de sua filha, queria o meu afilhado embarcar! (*indicando Francisco e D. Maria Gertrudes.*) E veja... Terá coração para fazer dois desgraçados? (*alto.*) A sr.^a morgada diz que sim.

FELICIA

Basta ser vontade do sr. marquez. (*comsigo*) Aça-fata do paço!

MARQUEZ (*que passou a Bocage, em jovial confidencia*)

Acertou, sr. Manuel Maria.

BOCAGE

Então ganhei o meu decreto.

MARQUEZ

Insiste?

BOCAGE

Espero só que v. ex.^a me faça a honra de escrever o meu nome.

MARQUEZ (*indo sentar-se ao bufete*)

Veja bem. Pensou?

BOCAGE

Pensei. Meu pae deixou-me a vocação livre. O mar é a minha vocação. (*dolorosamente*) Se tivesse aqui um affecto, se pudesse haver esperança que me prendesse... Não tenho. Não ha. E é justo. (*com profunda amargura*) Nós os poetas cantamos tanto o amor, que o amor todo nos vòa no canto!

MORGADO (*baixo ao commendador*)

Que lhe parece? Vae para Goa..

COMMENDADOR

Em Goa temos gente tambem.

MORGADO

E se voltar?

COMMENDADOR

Está cá o Santo Officio.

MARQUEZ (*dispondo-se a escrever*)

Repita-me o nome por inteiro... Bem sabe a triste memoria que tenho...

Está a tempo ainda. Considere.

BOCAGE (*decidido*)

Manuel Maria Barbosa Hedoís de Bocage. (*Marquez escreve lentamente*) Meu avô, Gil de Bocage, foi coronel do mar. Herdei talvez a inclinação com o sangue.

FRANCISCO (*indo a Bocage*)

Não o conhecia ainda... (*intencionalmente*) Ninguém agora o admira mais.

GONÇALO (*apertando-lhe a mão*)

Regosije-se. Felicito-o. É uma nobre acção.

BOCAGE

Começo outra vida, rude vida de ancias e trabalhos, mas vida esplendida de alvoroços e promessas. (*inebriando-se das proprias palavras*) Oh! quem me déra já nas solidões do oceano, entre os dois abysmos, para não ver mais do que o eterno lampadario dos astros, para não ouvir mais do que o magestoso hymno das vagas!... (*como vendo o que repete*) Ondeante á pôpa a bandeira que recorda as margens distantes... a melancolia da saudade!... Diante de mim os horisontes infinitos... a incerteza do futuro!... Aos meus pés a voragem tumultuosa... a advertencia dos desenganos!... E além... lá bem ao longe, a nossa India... a India que démos de presente ao mundo!... o recesso dos mysterios... a terra dos prodigios... crivada dos nossos padrões, povoada das nossas memorias, cheia ainda do nosso passado, repetindo de

todos os angulos a maravilhosa historia que os povos decoraram em todas as linguas!... além as grandes recordações dos grandes feitos... os grandes éccos dos grandes nomes... as grandes imagens das grandes edades!... além enfim a perenne e inflammada visão, que acima da escuridão dos tempos e do luto das catastrophes, como um pharol no meio das trevas, ergue rutilante do berço do sol a gloria da patria!

D. MARIA JOANNA (*fervorosamente*)

Tem a India inspirado os nossos grandes poetas! Começou já a inspiral-o!

MARQUEZ (*erguendo-se e dando-lhe o decreto*)

Aqui tem sr. guarda marinha. (*a D. Felicia*) Está tudo justo, não? As escripturas do casamento assignam-se em Belem d'hoje a oito dias!

D. FELICIA

Pois v. ex.^a quer fazer tamanha fineza a minha filha!...

MANUEL SIMÕES (*promptamente*)

Que honra!... Que honra para o afilhado!...

MARQUEZ

Justo é que sejam testemunhas todos os que presenciaram este feliz accordo. Ficam prevenidos. (*inclinando-se*) Terei occasião de dizer á sr.ª D. Maria Joanna Galvão o muito que a estimo e respeito. (*D. Maria Joanna faz mesura.—O marquez dirige-se á porta da E.—Dispõem se todos a seguil-o.*) Sr.ª morgada, dispenso etiquetas... não consinto...

D. FELICIA

Seria privar-nos da maior satisfação!

MARQUEZ (*a Bocage*)

Não nos falte, Manuel Maria. Quero vê-lo com o seu novo uniforme! (*Sae com D. Felicia.—Acompanham-n'o todos. Ficam successivamente em ultimo logar, Francisco que dá o braço a D. Maria Gertrudes, Gonçalo ao lado de D. Maria Joanna, o commendador e o morgado da parte opposta, Bocage.*)

SCENA XIII

OS DITOS, *menos* MARQUEZ, D. FELICIA e os CONVIDADOS

GONÇALO (*a D. Maria Joanna, indicando D. Maria Gertrudes*)

Não lhe diz nada a vista d'aquelle par?

D. MARIA JOANNA

Diz-me que preciso um protector... e que já o aceitei!

GONÇALO (*transportado*)

É definitivamente uma esperança?

D. MARIA JOANNA (*dando-lhe a mão*)

É mais... é uma certeza.

(*O morgado mostra ao commendador esta acção.—D. Maria Joanna esquiva-se como envergonhada, e mette-se no sequito.*)

MORGADO (*consternado ao commendador*)

Viu?

COMMENDADOR (*saboreando a pitada*)

Vi... Não estão ainda casados.

GONÇALO (*que seguiu um instante D. Maria Joanna, volta a Bocage, e mostra-lhe D. Maria Gertrudes e Francisco que de embevecidos se deixaram ficar atrás de todos.*)

Repare... O amor e a mocidade, coroados pela ventura!... Alli tem o seu melhor poema!

BOCAGE

Creio que sim... (*dolorosamente*) porque nenhum ainda me custou tanto!

(*Cae o panno*)

FIM DO QUARTO ACTO

ACTO V

No palacio dos Marialvas, em Belem

Sala forrada de damasco, severamente sumptuosa, abrindo sobre um terrasso que dá para o Tejo. Em perspectiva os montes da Outra-Banda.—Explendido dia de inverno. Amplas colgaduras de seda. Cadeiras de damasco igual ao do forro da casa. Altos contadores marchetados, cobertos de preciosas curiosidades. Á *D.* a mesa preparada para a assignatura das escripturas. Portas á *D.* e *E.*

SCENA I

GONÇALO, (*esperando*) o MARQUEZ, *um* CAVALHEIRO, *um* MOURO

(*O Cavalheiro, que mostra mais de trinta annos, entra da D., de botas e esporas, seguido do Mouro. Este vestido a uso marroquino, botas escarlates, zorame, etc. O mouro traz-lhe a vara de marmelleiro. Ao mesmo tempo entra do F. o Marquez. O Mouro fica*

imovel onde está. O Cavalheiro vae com profundo acatamento ao Marquez, ajoelha e beija-lhe a mão.)

MARQUEZ (*com magestosa simplicidade*)

Deus o abençoe, D. José! Já sei que o murzello começa a executar soffrivelmente a lição dos quatro circulos para a esquerda... É preciso trabalhá-lo... É rijo dos rins, convém-lhe o trote avançado. Está ainda desigual dos travadouros.—Póde recolher-se agora aos seus quartos, filho... Hade precisar descanso... Oiça... recomende ao Mouro que vá ver como atam o murzello... e se lhe estendem bem as coberturas.—Se quizer escrever para Cintra a suas irmãs, e ao Marquez D. Diogo, tenha tudo prompto. Ámanhã de madrugada partimos para Samora. Acompanha-n'os o conde de Villa-Verde. (*O Cavalheiro sae. O Mouro segue-o.*)

SCENA II

O MARQUEZ, GONÇALO

MARQUEZ (*comsigo*)

Estes rapazes precisam dirigidos! (*vendo Gonçalo, que se conserva respeitosa de parte, e indo a elle*) Desculpe que o não via. Chegou ha muito?

GONÇALO

Entrei ha pouco, sr. Marquez.

MARQUEZ

Tenho pena de o não ter apresentado a meu filho.

GONÇALO

Tive já a honra de fallar ao sr. D. José de Menezes! Encontrei-o varias vezes no quartel de Lippe e na academia de Antonio Diniz.

MARQUEZ

Ah! conhecia-o?... Não lhe dá ares do Conde dos Arcos, que tão desgraçadamente... *(suffoca-se, e desvia o rosto para limpar escondidamente as lagrimas; pequena pausa; mais senhor de si)* É tristeza que me não deixa, e é paixão que nunca me hade passar! Não posso ver qualquer dos meus filhos que me não lembre aquella fatalidade!... Ha quem murmure de me não ter deixado d'estes exercicios... Não pensam que assim se fazem homens para as armas, e soldados para a patria... Na minha casa os costumes transmittem-se intactos como a honra. Deixal-os murmurar.

GONÇALO

Quem se atreveria a murmurar do venerando patriarcha dos Marialvas, tão respeitado e tão querido na côrte e no povo!

MARQUEZ

Deixal-os. Não sei que façam mais do que nós; com as suas modas de hoje!—Deixal-os, e deixemos também o que não vem para aqui. —O dia é de alegrias, e creio que tem bom quinhão n'ellas. Cumprimentei já a sr.[^]a D. Maria Joanna Galvão. Uma dama completa. Não podia escolher melhor... nem ella também. Supponho não ser indiscreto.

GONÇALO

A sr.[^]a D. Maria Joanna já me permittiu confessar francamente o que era ha muito a minha secreta esperança, o que hoje se me fez inapreciavel realidade.

MARQUEZ

Estimo... estimo-o devéras.—Uma dama prendada, um valente soldado... boas familias... elevados sentimentos... Vae tudo de accordo.—É assim que se perpetuam as casas honradas... Hade, prevenir-me quando fôr o casamento.—Não andará longe, não?—É festa de que também me não dispenso. O regosijo dos velhos é casar os moços... *(com os olhos no terrasso)* A sua familia nova já ahi anda... O meu afilhado, esse madrugou, como é natural... Estão todos, creio... É cedo... ainda me não deram parte de ter chegado o tabellião.—E o nosso poeta?... o nosso novo guarda-marinha?... Vem de certo.

GONÇALO

Não o tenho visto. Disse-me que ia a Setubal despedir-se dos paes.

MARQUEZ

Voltou ha tres dias... D'onde procederia aquella resolução repentina!...

GONÇALO

Do mais generoso impulso!

MARQUEZ

Quiz-me parecer...—Que logo de cabeça! Vae em tudo aos extremos.—Ou hade subir muito alto, ou fazer-se muito infeliz!

GONÇALO

O mesmo diz a sr.^a D. Maria Joanna.

MARQUEZ

É ella que o Hade saber avaliar!... Do espirito e do coração da sua... da sua noiva... vamos, póde-se já dizer.

GONÇALO

Póde.

MARQUEZ

Do seu espirito e coração tinha ouvido muito Hontem porém fui ainda mais informado. Esteve aqui o Juiz do Civel da Côrte, que se não cançou de me gabar a nobreza e desinteresse que provou com a restituição dos vinculos á prima. Ella mesma desfez todas as difficuldades... e com tal zelo, com tal contentamento!... A proposito, deu-me tambem a entender coisas um pouco desagradaveis a respeito do Morgado da Gésteira, e do Commendador de Monsarás... Quasi que me arrependi de lhes ter aberto as minhas portas... Sabe se com effeito...

GONÇALO (*constrangido, e volvendo os olhos com frequencia para o terrasso*)

Que heide eu saber, sr. Marquez?

MARQUEZ (*reparando*)

Fiz a pergunta sem reflexão. Contaram-me tambem que se mostram seus inimigos declarados... e os homens como o sr. Gonçalo Mendo nunca fallam de um inimigo pelas costas... Essa mesma resposta confirma o que me disseram... Que o Morgado, fraco inimigo póde ser... Mais de temer é o Commendador... (*movimento de Gonçalo*) de acautelar, quero dizer... tem relações que... (*notando como elle olha para o terrasso*) Não o preocupam agora os inimigos, vejo... e tem razão... (*sorrindo*) Hade querer cumprimentar as senhoras. Na minha idade já se esquecem facilmente essas impaciencias.

GONÇALO

Sr. Marquez!... Não pense v. ex.ªa...

MARQUEZ (*festivamente*)

Não pensava, não pensava... Acompanho-o também.

(*Vae a sair; D. Maria Joanna vem a entrar, seguida do Morgado, que se retira logo vendo o Marquez e Gonçalo.*)

SCENA III

OS DITOS, D. MARIA JOANNA

MARQUEZ (*inclinando-se affavelmente*)

Minha senhora! Não lhe queira mal pela demora. O culpado fui eu: faltei-lhe a seu respeito. (*reparando para fóra*) É sua tia que está alli?

D. MARIA JOANNA

É, sr. Marquez,—encantada do palacio, da vista, do dia, do Tejo... e principalmente de v. ex.ªa!...

MARQUEZ

E eu que tão mal lhe pago, que ainda quasi lhe não fiz as honras da casa, nem lhe cumpri a palavra. (*Desapparece no terrasso. D. Maria Joanna vae a segui-lo. Gonçalo detem-a.*)

SCENA IV

GONÇALO, D. MARIA JOANNA

GONÇALO

Esquivava-se ao Morgado, pareceu-me. Esse homem atreve-se ainda a perseguil-a?

D. MARIA JOANNA

O Morgado?... O Morgado não póde perseguir ninguém! Cuido que tentava não sei que justificação... Nem eu percebi... Andava passeiando no terrasso. Ao passar, ouvi a sua voz aqui: entrei... para o não ouvir, a elle.

GONÇALO (*contendo a colera*)

Tenho agora direitos sagrados. Se o Morgado ousou...

D. MARIA JOANNA

Ousou... evaporar-se apenas o viu. Ora, vamos... é homem que inquiete alguém, o Morgado?... Começa a fazer de marido cioso?... Previno-o de uma coisa... tenho horror aos ciosos! (*gracejando*) Se não póde conter-se, estamos a tempo ainda!...

GONÇALO

Não me contive eu tres annos... padecendo a ausencia... sem uma palavra de esperança ou de conforto... vendo-a repartir sem differença graças que só para mim cubiçava, agrados pelos quaes dera a vida?

D. MARIA JOANNA

Não verão o avarento!... Ahi está o que estes senhores querem... e ahi está porque eu fugia de prender-me!... Se não fazemos differença nos agrados, um côro de suspiros, uma circular de queixumes... todos a mesma coisa... Apenas temos a fraqueza de mostrar uma preferencia, o favorecido converte-se em tyranno, e pede-nos conta... até dos sorrisos passados.—Bem me dizia em Paris o cavalheiro de Florian... um moço de gosto e saber.

GONÇALO

Que lhe dizia?

D. MARIA JOANNA

Que para uma dama era inestimavel presente de Deus a mocidade e a independencia.

GONÇALO (*picado*)

Ah!... (*tristemente*) Repito-lhe então as suas mesmas palavras:— estamos a tempo ainda!...

D. MARIA JOANNA

Eil-o ahi já todo serio e enfadado! Valha-me Deus!... não vê que estou gracejando?—A independencia... a nossa independencia!... Muito é para invejar, na verdade!... Parece á primeira vista que nos festejam e nos adoram. Examinando bem... não ha mais duro captiveiro do que semelhante liberdade... Os galanteadores são sentinellas, os lisongeiros espias.—Não foi tão vigiada a nympha da fabula. Ao menos os cem olhos de Argos fecharam-se uma hora...

GONÇALO (*sorrindo*)

E não foi preciso mais!

D. MARIA JOANNA

Malicioso! (*em tom mais jovial*) Estes Argos interesseiros não os fecham nem de dia nem de noite. Não sei como fazem, que se fortalecem da vigilia, como os outros do repouso. Para qualquer lado que nos voltemos, lá estão elles com os madrigaes assestados. Cada protesto de respeito é uma atalaya dissimulada. Cada cumprimento é uma bayoneta posta ao peito para nos tomar o passo... E que severa inquisição!... Se olhamos, é leviandade; se rimos, inconstancia; se nos desviamos, desdem... se baixamos os olhos, é disfarce; se choramos, é fingimento; se estamos sisudas, é reserva... Até se nos encerramos, nos poem á porta a suspeita!... As mesmas illusões de uns, se fazem nos outros furibundas indignações. Suffoca-n'os um circulo insuperavel de cortezias insidiosas, de reverencias desconfiadas, e de homenagens hostis... (*seriamente*) e quando menos o pensamos, achamo-n'os envolvidas

pela astucia, pela cubiça, pela perfidia... não poucas vezes pela calúnia!—Eis aqui a nossa independencia!... *(no tom anterior)* O cavalheiro de Florian ainda não conhecia o mundo!

GONÇALO *(gracejando também)*

Dês de quando faz essa idéa da independencia feminina?

D. MARIA JOANNA *(gravemente)*

Dês que uma protecção oportuna me libertou d'esse ambito oppressivo... cheio de laços e de perigos... e me fez respirar os ares limpos e sãos de um nobre e generoso affecto!... *(com gentileza)* Não sei se vacillava ainda... *(dando-lhe a mão com meiga dignidade)* Sei que d'esse instante para diante não vacillei mais.

GONÇALO *(beijando-lhe a mão, e conservando-lh'a nas suas)*

Desculpa um momento de irreflexão?

D. MARIA JOANNA *(esquecendo a mão nas de Gonçalo)*

Ninguém é perfeito n'este mundo.

SCENA V

OS DITOS, e BOCAGE *da D.*

(Bocage entrando, vendo-os, e detendo-se.)

D. MARIA JOANNA

Ah!... O sr. Bocage? (*retira vivamente a mão.*)

BOCAGE

O anão da casa encaminhou-me para aqui. Se sou importuno...
(*como para sair por onde entrou.*)

GONÇALO (*indo a Bocage e detendo-o*)

Era esperado, e desejado... venha. (*descendo com elle*) Ninguém
aceitaria com mais satisfação para confidente dos meus alvoroços.

D. MARIA JOANNA

Não é já o sr. Bocage da nossa intimidade? Não me esqueceu
ainda!

BOCAGE (*com forçada jovialidade*)

Filho de Marte e de Venus pintaram o Amor. É indispensavel
corrigir a mythologia... O Amor, de menino fez-se homem; de
azougado cordato; de despido composto; de vendado attento...
abjurou por fim a gentilidade, e até de pagão se converteu a bom
catholico... para santamente unir e abençoar, como o pediam os
seus merecimentos, um novo Marte e uma Venus melhor!

GONÇALO (*fitando-o*)

Porque violenta o espirito?... Esse tom festivo tem o que quer que seja de febril... não vem do coração.

BOCAGE (*naturalmente*)

Não vem, não; diz bem. No coração... tenho uma tristeza profunda... uma dôr que eu desconhecia.

GONÇALO (*apertando-lhe a mão*)

Compreendo. Sente agora o sacrificio!

BOCAGE

Não a merecia!... Deus não quiz!

D. MARIA JOANNA

Arrepende-se?

BOCAGE

Não, minha senhora, não me arrependo. Fiz o que devia fazer...

D. MARIA JOANNA

O que poucos saberiam fazer tão bem!

BOCAGE

Mas a impressão não se apaga assim!... (*a Gonçalo*) Confessei-lhe a minha natural inconstancia... Conhecia mal esta grave e sincera afeição, que podia emendar-me... que outro me tornaria talvez!... Que lhe heide fazer? Bem certo é, que só se dá valor ao bem quando se perde!...

D. MARIA JOANNA

Hade encontrar um coração que o aprecie... Com o seu merito!... A felicidade, que hoje cuida perdida, facil lhe será restaural-a.

BOCAGE

Duvido, minha senhora. Ama-se uma só vez assim... quando se ama. Está em mim mesmo, está na minha indole, o germe do infortunio. Se o podia atalhar alguma coisa, era isto... (*resignando-se*) Enfim não estava para mim!... (*abatido*) A imprudencia foi prometter que viria aqui hoje... Vinte vezes tive tentações de voltar para traz... Faltava-me o animo!

GONÇALO

Isso não. Tempera-se a alma nos lances difficeis. E na vida que vae seguir é preciso ter coração para tudo.

BOCAGE (*recobrando impetuosamente a resolução*)

É.—Isso pensei; por isso vim... e verá!—Era fraqueza: não lhe quiz ceder. Seria encetar mal uma carreira, em que o sacrificio é condição de todas as horas, em que o esforço é necessidade de

todos os momentos! N'estas procellas d'alma quero dispor-me para as tempestades temerosas que resolvem os céos e os mares. O espirito sacudido de embates angustiosos, que em si mesmo lutou e venceu, está preparado para se não assombrar nem desmaiar, quando os horisontes se condensam... e os ventos se desencadeiam... e os abysmos se rasgam... e a crista das vagas, empinadas como serras, se cruza com a fita do raio, livido como espectro... quando os silvos do vendaval na enxarcia parecem ais de agonisante... quando, n'esse tumulto, n'esse horror, n'esse cahos, o baixel que o valor sustenta, que a intelligencia dirige, que salva a pericia, range até ás profundezas com o stertor do moribundo!... Attrae-me, convida-me a perspectiva... E quasi me esqueço do mais... e todo me ufano revendo-me n'este uniforme, que significa a honra o dever, o patriotismo, a abnegação... contemplando aquelle glorioso estandarte, que se já não varre as aguas como conquistador, se já não as senhoreia como soberano, hade no mundo ser sempre venerado por acções egregias... hade em Portugal ser sempre saudado de legitimas esperanças!

GONÇALO

Com esses sentimentos, sr. Bocage, não ha magoa que não se console... não ha grandeza a que se não aspire!

BOCAGE

Os sentimentos... São, sim... estes são, estes devem ser.—
(*comsigo*)

Mas o que faz d'elles muitas vezes o destino!

GONÇALO (*olhando para o terrasso*)

O marquez dirige-se para aqui, se não me engano.

D. MARIA JOANNA (*olhando*)

Veem todos.

BOCAGE (*idem*)

O commendador e o morgado são os primeiros! (*a Gonçalo*)
Teem-me feito, pagar bem caro o peccado das más companhias,
estes heroes.

SCENA VI

OS DITOS, COMMENDADOR e MORGADO

MORGADO (*ao commendador*)

O que eu vejo, commendador, é que está tudo perdido!

COMMENDADOR (*ao morgado*)

Socegue.—A tempo chega quem sabe dispôr as coisas. «Hoje por vós, amanhã por nós.» Affirma Cicero que um dia basta para pôr termo aos triumphos.

BOCAGE (*a Gonçalo*)

Aves de ruim agouro!

GONÇALO

Que hão de agourar-nos agora?

SCENA VII

OS DITOS, MARQUEZ, (*entrando sem dar attencção ao commendador e morgado, que se inclinam*)—Depois Um ESCUDEIRO, *de habito de Christo*

MARQUEZ

Vão sendo horas. (*a D. Maria Joanna*) Manuel Simões não cabe em si de contente, e sua tia anda nos ares. (*vendo o escudeiro*) Creio que chegou o tabellião. (*O escudeiro dirige-se respeitosamente ao marquez, e diz-lhe algumas palavras em voz baixa.*) Está ahi com effeito. (*ao escudeiro*) Mande entrar, e mande pôr as cadeiras.

SCENA VIII

OS DITOS, D. FELICIA, D. MARIA GERTRUDES, FRANCISCO, MANUEL SIMÕES e CONVIDADOS

D. FELICIA (*vendo Gonçalo, jovialmente*)

O sobrinho não tem pressa de cumprimentar a sua tia nova?... Não lhe chega o tempo, já vejo... Era bem feito que me oppozesse agora!

GONÇALO

Para nos cobrir de tristeza!

D. FELICIA

Ai! não... não quero vêr ninguém triste... Sabe?... O sr. marquez!... Oh! grande marquez!... O sr. marquez entregou-me já o alvará de açafata.—Que dia!—que dia para a familia, sobrinha!... Estou curada dos meus hystericos!

D. MARIA JOANNA

Parabens, minha tia!

MANUEL SIMÕES (*impaciente, ao marquez, mas sem nunca esquecer o usual acatamento*)

O tabellião traz já as escripturas promptas, meu senhor.—É só assignar.

MARQUEZ

Ler e assignar.—Vejam como vem guapo o nosso guarda marinha!... (*a*

Bocage) Quando levanta ferro a nau?

BOCAGE

Amanhã, sr. marquez.

MARQUEZ (*aos circumstantes*)

E de uniforme grande, em honra do dia. Não lh'o agradece, Manuel Simões?

FRANCISCO

Sou eu... (*indicando D. Maria Gertrudes*) somos nós dois... que principalmente lhe devemos agradecer. (*indo a Bocage*) Se os votos d'uma gratidão profunda pódem ser-lhe aceitos... asseguro-lhe que não os ha mais ardentes e sinceros.

D. MARIA GERTRUDES

Hão de acompanhá-lo sempre as nossas orações!

BOCAGE (*commovido*)

As orações dos anjos são para os infelizes... (*com esforço*) e eu... sou apenas um desterrado voluntario!

MANUEL SIMÕES

Ahi vem o tabellião.—(*comsigo*) Meu filho doutor!... minha sogra açafata!... a minha nora morgada!... por compadre um marquez!— Está-me a cair o habito de Christo!...

SCENA IX

OS DITOS, O ESCUDEIRO *precedendo* O TABELLIÃO, e seis ou oito criados

(*O tabellião entra fazendo reverencia a todos, e inclina-se profundamente diante do marquez; sob indicação do escudeiro toma o seu logar á meza em pé, e desenrola as escripturas.—Os criados chegam ao marquez uma cadeira d'espaldas, e collocam em torno da meza mais algumas cadeiras communs. O marquez e as damas sentam-se. O escudeiro fica á frente dos criados, fazendo parede ao F.*)

MARQUEZ (*sentado, ao tabellião*)

Póde começar a leitura. (*O tabellião dispõe-se a ler.*)

MANUEL SIMÕES

Ainda o não posso crêr!

GONÇALO (*por detraz da cadeira de D. Maria Joanna, que fica na extremidade*)

Chegará tambem brevemente o nosso dia!

SCENA X

OS DITOS e UM PAGEM

(O pagem entra apressadamente com uma bandeja de prata, e em cima um officio; dirige-se ao marquez, ao qual apresenta a bandeja com um joelho em terra.)

MARQUEZ *(vendo o pagem, ao tabellião)*

Queira esperar. *(recebendo o officio)* O que será? *(O pagem retira-se para o lado.)* É para o sr. Gonçalo Mendo... traz o sello da secretaria de estado... Provavelmente não o achou em casa o correio, e disseram-lhe que estava aqui. *(O pagem vae receber o officio da mão do marquez, leva-o a Gonçalo Mendo, e sae.)*

GONÇALO

Para mim... Da secretaria?—*(recebe o officio, abre, e lê, com visivel gitacão.)*

COMMENDADOR *(de parte, ao morgado, tirando a caixa)*

Quer apostar que se não faz o casamento de sua prima!

(O marquez observa-os. Bocage não tira os olhos d'elles.)

MARQUEZ *(inquieta)*

Que é?

GONÇALO (*consternado*)

A nomeação de capitão de Sofála... e ordem terminante de partir na nau de viagem, que sae amanhã!

D. MARIA JOANNA (*erguendo-se com um grito angustioso*)

Jesus! (*Soccorrem-n'a D. Felicia e D. Maria Gertrudes.—Erguem-se todos, e affluem em roda de Gonçalo. Mostras de pezar na familia. O morgado não póde conter o alvoroço. Bocage continúa a observar os dois, refreado unicamente pelo respeito da casa.*)

MARQUEZ (*admirado*)

Tinha requerido?

GONÇALO

Eu, sr. marquez!—N'esta occasião!...

COMMENDADOR (*saboreando a pitada hypocritamente*)

Que transtorno!... No livro 5.º da Eneida ha...

BOCAGE (*prorompendo*)

Sei eu... vejo eu d'onde vem o tiro...

GONÇALO (*dolorosamente*)

Acertaram-m'o no coração!... (*Breve pausa.—A Bocage, com animo inteiro*) Somos companheiros de viagem.

(*D. Maria Joanna soluça, com o lenço nos olhos, nos braços de D. Felicia, e sua prima.*)

BOCAGE (*impetuosamente*)

Não póde ser... não deve ser... O ministro foi enganado!

MANUEL SIMÕES (*insinuando*)

Uma palavra que o sr. marquez diga a Sua Magestade!...

MARQUEZ

Parto d'aqui a um instante para Samora. Vou fallar á rainha, minha senhora. Ha tempo ainda.—Não embarca, sr. Gonçalo Mendo. (*ao escudeiro*) Que apromptem o meu escaler. (*O escudeiro vae a sair, e detem-se á voz de Gonçalo.*)

GONÇALO

Peço perdão, sr. marquez: embarco.—Sei o que v. ex.^a póde... mas sei tambem o que devo.—(*grave e solemne*) Quando ultimamente fui tomar posse do meu solar de Mendel, aonde não voltara dês que entrei no collegio dos Nobres, a primeira coisa que me deu nos olhos, na sala de respeito, foi a longa fileira dos retratos de meus avós... um morto na defeza de Ceuta... outro espedaçado nos bastiões de Diu... outro mal-ferido na batalha de Montes

Claros!... Todos com o arnez no peito e a espada no cinto... todos soldados desde Aljubarrota!... Parei a contemplar-os na vasta quadra, triste e deserta, que novamente a morte visitava.—Do alto das sombrias paredes pareciam dizer-me aquelles vultos severos: «por servir a patria, e para servir a patria, nos foi dado o patrimonio que te deixamos, com as obrigações do nosso nome, com as tradições do nosso sangue. De ferro eram os nossos corações, como eram de ferro as nossas armaduras... nunca tremeram nos riscos mais affrontosos... nunca vacillaram nos mais apertados transes!... Esta immaculada austeridade nos fez estimados e honrados... Tal é o deposito de virtudes hereditarias que te confiamos... Recebe-o para o transmittir como o recebes.»—Isto julguei ouvir... isto se me gravou n'alma.—Podia esquecel-o agora?

BOCAGE

Mas essa nomeação foi solicitada pela perfidia... essa ordem...

GONÇALO (*atalhando*)

É da patria. Não a examino; obedeço-lhe. Foi o que prometti quando jurei bandeiras.—O primeiro predico militar é a obediencia: o valor é apenas o segundo. (*vehemente*) O soldado que se nega a obedecer é como um desertor em dia de batalha,—atraiçoa igualmente o juramento! Ninguem ousaria aconselhar-m'o... ninguem espera tal de mim! (*D. Maria Joanna alça o rosto, e escuta-o attenta, enxugando os olhos.*)

BOCAGE

Não, o esquecimento do dever ninguém lh'o poderia aconselhar... Mas o estado que vae tomar, mas a familia que lhe abre os braços, não lhe dita deveres tambem?

GONÇALO

A patria é a familia das familias!—Se uma veneranda mãe chama por seus filhos em nome da honra commum, qual póde recusar-se? com que pretexto hade eximir-se?—Os affectos de familia! Quem é o desamparado que não tem alguma familia? Se essa razão prevalece, ninguém servirá. Mais que para qualquer, para nós, os que seguimos a profissão das armas, e a patria mãe rigida e imperiosa, mas amada sobre tudo. Ainda mais sua do que nossa é aquella honra que entregaram á nossa guarda. Que filho consente que a honra de sua mãe possa entrar em duvida?—Sr. Bocage, o pundonor do soldado não exige menos que a isenção do poeta. Um passo para ficar... (*com os olhos no Commendador e Morgado*) e não faltará quem diga que eu... eu, um militar, um portuguez, um neto de veteranos!... recuei diante dos perigos do clima, ou da azagaya dos cafres... A calumnia é a espada da hypocrisia... não tem outra. Haviam de dizel-o. (*com resolução enthusiasta*) Não o dirão... Podem os meus inimigos triumphar com o meu supplicio; não triumpharão com as minhas fraquezas. Ninguém dirá nunca de Gonçalo Mendo, que o viu hesitar... nem diante da catastrophe subita das mais justas esperanças!

BOCAGE (*desesperado*)

Não tenho palavras que o convençam? (*indicando-lhe D. Maria Joanna*) Veja se resiste áquelle rosto, áquelle dôr, ás supplicas alli

estampadas, á voz e ás lagrimas que mais do que eu o persuadirão.

D. MARIA JOANNA (*descendo, triste e gravemente*)

O que existe no mundo mais santo do que o amor puro de duas almas, que uma da outra vivem, que uma para a outra só querem viver? Ha distancia que lhes desate os laços? (*crescendo em vehemente sensibilidade*) Haverá golpe que lhes corte os vinculos? Não lhes são communs as alegrias? Não lhes são communs as penas? Não lhes é tudo commum? Póde alguém separal-as em sentimentos, quando foi o sentimento que as uniu, que das duas fez uma, quer para viver, quer para pensar, quer para soffrer? (*Pausa. Com ponderativa energia.*) É a mulher de um soldado a companheira de todos os seus perigos, de todos os seus trabalhos... e de todos os seus deveres. A gloria d'elle é unico desvelo, unico fito, unico enlevo d'ella. A obediencia, que é n'elle empenho, n'ella é culto... Cumpre que seja em ambos a resolução igualmente heroica. Se não póde acompanhá-lo nos dias de batalha... póde esconder-lhe o pranto nos dias de provação!... (*Pausa meditativa. Com subito e convulso esforço.*) Vá, sr. Gonçalo Mendo... vá que eu espero-o!

GONÇALO

Não, sr.^a D. Maria Joanna. Admiro a nobreza do seu animo... para mais sentir o que n'elle perco... mas o sacrificio da sua mocidade pesaria eternamente sobre a minha consciencia.—Restituo-lhe a palavra que me deu. É livre.

D. MARIA JOANNA (*solemne e decidida*)

Sr. Gonçalo Mendo, se na sua familia o juramento é timbre que a tudo sobreleva, na minha casa dão-se juntamente o coração e a palavra, e a palavra só deixa de obrigar quando o coração deixa de bater. Póde julgar-se livre; eu não. Se tiveramos tempo de consagrar a nossa alliança, podia negar-me o favor de acompanhá-lo? Se estivessemos já unidos á face do altar, teria acaso direito de dizer-me: «restituo-lhe a palavra e a liberdade?» Considero-me ligada perante Deus: só Deus me póde desligar. Ámanhã recolho-me ao convento de Santos. Unicamente a sua mão me abrirá aquellas grades!

GONÇALO

Quem se não deixará vencer?—Á volta irei dedicar-lhe esta vida, que já toda lhe pertence. Hade permittir-o Deus!

MARQUEZ (*intervindo*)

Fizeram todos o seu dever. Tenho tambem um para cumprir... (*para o Commendador e Morgado*) Ás pessoas, que eu protejo, nem o proprio Marquez de Pombal se atreveu nunca! (*fulminando-os de desdem*) Sr. Morgado da Gésteira, precisa sair de Lisboa e tornar quanto antes para a sua terra... (*O Morgado fica attonito.—Com intimativa.*) Precisa.—Hade ter disposições que fazer. Não o quero demorar... (*O Morgado percebe e encaminha-se todo encolhido e confuso á porta da D.*) Espere... o seu amigo Commendador deseja acompanhá-lo.—Sr. Commendador, é provavel que a Meza da Consciencia lhe queira tomar contas do modo por que tem cumprido os encargos da sua commenda. (*O Commendador, que ao principio ouvia altivo, resigna-se tambem o segue o Morgado.*)

SCENA ULTIMA

OS DITOS, *menos* COMMENDADOR e MORGADO

BOCAGE (*vendo-os sair*)

A vilania e a jactancia... a cobiça e a hypocrisia!... Ahi estão os homens, ahi estão os vícios, que me ensopam a satyra em fel... que me inflammam de raios a musa!... Bem o prevejo, bem o presinto... Contribuirão elles para me abreviar a vida... pagar-lhes-hei eu com a immortalidade do ridiculo!...

MARQUEZ

Guarda para mais a lyra, Manuel Maria. Não vê como os castiga o despreso da gente de bem?—(*a Gonçalo*) Hade voltar... e hade voltar breve.

D. FELICIA (*consolada*)

Hade... hade... que m'o diz o coração!

MANUEL SIMÕES (*sempre impaciente*)

Ainda bem! (*ao Marquez insinuante e respeitoso*) Então agora... as escripturas...

MARQUEZ

Podem ler-se e assignar-se.

(O Tabellião torna a pegar nas escripturas. O Marquez, D. Felicia e Manuel Simões voltam aos seus logares, mas sem se sentarem.— Francisco e D. Maria Gertrudes estão á E.; Gonçalo e D. Maria Joanna á D.; Bocage na extremidade da D.)

FRANCISCO *(a D. Maria Gertrudes)*

Finalmente... vou firmar a minha ventura!

GONÇALO *(a D. Maria Joanna)*

Ao menos... levo a esperança!

BOCAGE *(pensativo e com os olhos nos dois pares)*

E a mim... *(comsigo, dolorosamente, em quanto D. Maria Joanna que o observa, se lhe aproxima com Gonçalo Mendo, cuja attenção chama pelo gesto)* a mim... que me fica?

D. MARIA JOANNA

Fica-lhe... a posteridade!

(cae o panno)

FIM

* * * * *

A propriedade d'esta peça no imperio do Brazil pertence a Francisco Pereira da Cunha Novaes.

Rio de Janeiro, 1865.

Notas:

[1] Este periodo, e os seguintes, marcados com commas, supprimem-se na representação para abreviar as respectivas scenas.

*** END OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK OS PRIMEIROS AMORES DE BOCAGE ***

Updated editions will replace the previous one—the old editions will be renamed.

Creating the works from print editions not protected by U.S. copyright law means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg™ electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG™ concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for an eBook, except by following the terms of the trademark license, including paying royalties for use of the Project Gutenberg trademark. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the trademark license is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. Project Gutenberg eBooks may be modified and printed and given away—you may do practically ANYTHING in the United States with eBooks not protected by U.S. copyright law. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

START: FULL LICENSE

THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE

PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS
WORK

To protect the Project Gutenberg™ mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase “Project Gutenberg”), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg™ License available with this file or online at www.gutenberg.org/license.

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg™ electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg™ electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg™ electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg™ electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. “Project Gutenberg” is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg™ electronic

works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg™ electronic works if you follow the terms of this agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg™ electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation (“the Foundation” or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg™ electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is unprotected by copyright law in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg™ mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg™ works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg™ name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg™ License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg™ work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country other than the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg™ License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg™ work (any work on which the phrase “Project Gutenberg” appears, or

with which the phrase “Project Gutenberg” is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

1.E.2. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is derived from texts not protected by U.S. copyright law (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase “Project Gutenberg” associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg™ trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg™ License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg™ License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg™.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with

active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg™ License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg™ work in a format other than “Plain Vanilla ASCII” or other format used in the official version posted on the official Project Gutenberg™ website (www.gutenberg.org), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original “Plain Vanilla ASCII” or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg™ License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg™ works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg™ electronic works provided that:

- • You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg™ works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg™ trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, “Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation.”
- • You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg™

License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg™ works.

- • You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.
- • You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg™ works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg™ electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the manager of the Project Gutenberg™ trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread works not protected by U.S. copyright law in creating the Project Gutenberg™ collection. Despite these efforts, Project Gutenberg™ electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain “Defects,” such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the “Right of Replacement or Refund” described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg™ trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg™ electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF

WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH 1.F.3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS', WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg™ electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution

of Project Gutenberg™ electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur:

(a) distribution of this or any Project Gutenberg™ work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg™ work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg™
Project Gutenberg™ is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg™'s goals and ensuring that the Project Gutenberg™ collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg™ and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation information page at www.gutenberg.org.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non-profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887. Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's website and official page at www.gutenberg.org/contact

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

Project Gutenberg™ depends upon and cannot survive without widespread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine-readable form accessible by the widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit www.gutenberg.org/donate. While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff. Please check the Project Gutenberg web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: www.gutenberg.org/donate.

Section 5. General Information About Project Gutenberg™ electronic works

Professor Michael S. Hart was the originator of the Project Gutenberg™ concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For forty years, he produced and distributed Project Gutenberg™ eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg™ eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as not protected by copyright in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not

necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our website which has the main PG search facility: www.gutenberg.org.

This website includes information about Project Gutenberg™, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.